

HISTÓRICO DAS FAMÍLIAS DE ROCINHA

Este documentário contém informações coletadas com descendentes das famílias pioneiras, principais responsáveis pela história de Rocinha.

Além destes registros, com a História das Famílias, faz parte do resgate histórico um rico acervo de fotografias e registros colecionados para celebrar os 50 anos de inauguração da igreja local, em 2007 e outros documentários com “História da Comunidade”, “História da Escola” e “História do Esporte”.

O conteúdo está organizado em três blocos distintos. No primeiro com informações mais detalhadas contendo datas, nomes das famílias ou pessoas. No segundo bloco famílias ou pessoas com algumas informações básicas, porém incompletas ou insuficientes. E no terceiro bloco citações e nomes de pessoas ou casais que são lembrados e das quais não se tem contatos ou dados.

A exaustiva pesquisa, realizada por Teresinha Turra, demandou muitas visitas, contatos, conversas e cruzamento de informações. A redação, revisão e edição final destes registros, que também demandaram muitas horas de dedicação, foram realizados por Nelsis José Turra.

Todo o projeto foi desenvolvido de maneira voluntária, sem pretensões maiores, com o desejo de materializar e eternizar alguns fatos, memórias, nomes, acontecimentos que fizeram a história das famílias pioneiras e seus descendentes na comunidade de Rocinha.

Parte da história já foi ofuscada pela poeira do tempo ou enterrada com as pessoas que se foram sem ter alguém para contar. Esta parte, viva na memória das pessoas que viveram, participaram ou que se lembram, tentamos materializar e digitalizar para permanecer como patrimônio de nossas e das gerações futuras.

Esperamos que todas as famílias interessadas possam resgatar e ampliar suas próprias histórias e nos colocamos a disposição para ser ponto de encontro e referências para expandir e disponibilizar este precioso material.

Esta primeira versão abrange a maioria das famílias. Das que não constaram, constaram parcialmente ou com informações imprecisas esperamos a compreensão e estamos aguardando material para acrescentar e divulgar.

Três de Maio RS, novembro de 2007.

Teresinha Turra
Nelsis José Turra

INDICE GERAL

| | |
|---|----|
| ANDREAZZA, INOCENTE PIETRO | 5 |
| ANDREAZZA, JOÃO e MARIA | 7 |
| ANDREAZZA, CLAUDINO e ÂNGELA BOZETTO | 7 |
| BALZAN, ALBERTO e ROSA SEGATTO | 8 |
| BENEDETTI, ERNESTO e TEREZA ULIAN | 9 |
| BENEDETTI, FESTIVO e AMÁLIA PIVA | 10 |
| BIANCHI, DOMINGOS ANTÔNIO e IDA BISI | 11 |
| BOTTEGA, FIORAVANTE e CATARINA BENATTI | 11 |
| BOZ, RÚSTICO e DOMÊNICA BIASE | 12 |
| BRITO, JOSÉ VERÍSSIMO e ALMERINDA GOMES DO NASCIMENTO | 12 |
| BRUN, ONORINO e NATALIA PETENON | 13 |
| BUSANELLO, CISTO E PALMIRA CONCÓRDIA | 13 |
| CARPES, VITOR e TEREZA SCARTAZZINI | 14 |
| CASSOL, ÂNGELO E ROSA BENEDETTI | 14 |
| CASSOL, VALENTIM E AYRES BENEDETTI | 15 |
| CENTENARO, GIOVANIN e EMILIA FRACISCA LORO | 16 |
| COMPAGNONI, PEDRO e CLEMENTINA GANDOLFI | 16 |
| CORRÊA, ROSALINO e JENOEFA PIAZESKI | 17 |
| CORSO, LIBERATO e CORONA FRIGOTTO | 18 |
| CORTEZE, ANTÔNIO FELIX E MARIA NILSE BAZANELLA | 19 |
| COUSSEAU, OSÓRIO e ASSUNTA DEITOS | 21 |
| DA COSTA, JOCI RODRIGUES e MARINA FLORES | 22 |
| DA COSTA, VILSON MOURA e LEOCIR RODRIGUES | 22 |
| DALCIN, ISIDORO ANTÔNIO e ERMENEGILDA CANAL | 23 |
| DALL ROSS, FIORENTINO e LÚCIA PADOIM | 24 |
| DALL ROSS, DELFINO e INÊS LORENCET | 25 |
| DE CARLI, IZIDORO e CATHARINA PERINAZZO | 25 |
| DEMOGUSRKI, ESTÊVÃO e MARIA BENEDETTI | 27 |
| DEMBOSKI, FELIX E ESTEFÂNIA | 29 |
| DEMBOSKI, WADISLAU e LEONORA COMPAGNONI | 29 |
| DONADUZI, JOÃO DARI e LIVA FELZKE | 29 |
| FERRARI, ÂNGELO E CATHARINA LUIZA VENTURINI | 30 |
| FIORENTINI, JOÃO e LÍBERA BENEDETTI | 31 |
| FIORENTINI, LUÍS e MARIA OBEROSLER | 32 |
| FREELING, HENRIQUE e IOLANDA VICTÓRIA CORSO | 33 |
| FURQUIM, MARCELINO e CARMEM CASTANHA | 33 |

| | |
|---|----|
| GIRARDI , NARCISO e AURÉLIA SELLA | 34 |
| GODOI, AMADEU e ANGELINA SACHET | 34 |
| GOMES DE ALMEIDA, LEONCIO e ELZA TEMPES | 35 |
| HAAG, PAULO JACINTO E MARLI WUST | 35 |
| HOMERDING, WILIBALDO e DE LUIZA KLEIN | 36 |
| JEZIORSKI, ANDRÉ E ANTÔNIA | 36 |
| KREIBISCH, REINOLDO e ROSALIA SCHIMCHAK | 38 |
| LORENZET, FRANCISCO e TEREZA DE BORTOLI | 38 |
| MARASCHIM, JOÃO e MARIA DA GLÓRIA ARAUJO | 39 |
| MARTINELLI, ANTÔNIO e MADALENA/AMÁLIA | 40 |
| MASSAIA, ELISEU e IRIA BORNHOLD | 40 |
| PADOIM, ESTANISLAU e MARIA LIBRALOTTO | 41 |
| PADOIM, CRISTINO E VIRGÍNIA HELENA VIONE | 41 |
| PADOIM, JACÓ E AMÁBILE DREON | 42 |
| PADOIM, LUIZ E MARIA BUZATTO | 43 |
| PERINAZZO, ALFREDO e NILDA ALESSI | 43 |
| PERIPOLLI, OLMES e BÁRBARA ROSSI | 44 |
| PITTON, FORTUNATO e IDA BOMBARDELLI | 44 |
| QUATRIM, CARLOS e MARGARIDA MANJABOSCO | 45 |
| RAMA, JOÃO e JUSTINA FIORENTINI | 46 |
| RAMIRO, JONAS FRANCISCO E LUIZA TASCHETTO | 47 |
| ROBERTI, DOMINGOS E LÚCIA | 48 |
| ROBERTI, JOSÉ e VILMA GASPERIN | 48 |
| ROBERTI, LINO E MAIORINA RAVISON | 48 |
| ROBERTI, OTÁVIO e GRACIOSA PADOIN | 49 |
| RODRIGUES, BASILIO e FAUSTA | 50 |
| SALANTI, ANTÔNIO e ANTÔNIA MICHELON | 50 |
| SCARTAZZINI, AFONSO e VITÓRIA RAMIRO | 52 |
| SEGATTO, ALBINO e MARIA PERINAZZO | 53 |
| SICHIERSKI, WATCHUAVO E MARIA MALEICO | 55 |
| SOMAVILLA, CARLO CAETANO E LUIZA BOZZETO | 55 |
| SURDO, FELÍCIO e Rosa Leite da Cruz | 56 |
| TIBOLLA, LÚCIANO E ESTER ANDREAZZA | 56 |
| TURRA, GIÁCOMO e ANGELINA COSTELLA | 60 |
| TURRA, JOÃO e VIRGÍNIA REFATTI | 61 |
| TURRA, JOSÉ e ZELINDA FERRONATTO | 63 |
| TELKA, JOÃO e LAURA KAIM | 61 |
| VANZIN, LUIZ e LURDES | 64 |
| VIONE, JOÃO e COLTILDE SILVEIRA | 65 |
| ZUCATTO, OSCAR e MARIA ELZIRA ADORYAN | 65 |
| FAMÍLIAS DIVERSAS | 67 |

| | | |
|---|--|-----------|
| ▮ | ADIR TOLFO, | 67 |
| ▮ | ALÉCIO DALCIN | 67 |
| ▮ | ANIBAL NUNES | 67 |
| ▮ | ANTÔNIO LEITE | 67 |
| ▮ | ANTÔNIO RODRIGUES DOS SANTOS (Castorino) | 67 |
| ▮ | ARLINDO SOARES..... | 67 |
| ▮ | ARTHUR GALVÃO MOREIRA | 67 |
| ▮ | BEPPI BADO..... | 68 |
| ▮ | CARLETO SOARES..... | 68 |
| ▮ | CASEMIRO SAPIEGINSKI | 68 |
| ▮ | DANTE CASSOL | 68 |
| ▮ | ERNESTO CASSOL..... | 68 |
| ▮ | FAMÍLIA EBERLE..... | 68 |
| ▮ | FAMÍLIA VERDUM | 68 |
| ▮ | FAMÍLIA VERÍSSIMO..... | 68 |
| ▮ | FRANCISCO BARBOSA | 68 |
| ▮ | GUERINO COMIM –..... | 68 |
| ▮ | GILMAR VIDOTTE | 68 |
| ▮ | GUILHERME RUSCH..... | 69 |
| ▮ | ÍRIO BERTOLDI | 69 |
| ▮ | ISIDORO SCALABIN..... | 69 |
| ▮ | JOANIM BADO | 69 |
| ▮ | JOÃO ROSSI..... | 69 |
| ▮ | JOSÉ ADAIR DOS SANTOS (PELÉ),..... | 69 |
| ▮ | JOSÉ MACIEL EBERLE | 69 |
| ▮ | LÚCIA VIAL | 70 |
| ▮ | LUIZ ALEXI (PEZÃO) | 70 |
| ▮ | MARCELINO FURQUIM..... | 70 |
| ▮ | MARCELINO SCHIMCHAK..... | 70 |
| ▮ | MAXIMO DAVICCI..... | 70 |
| ▮ | NICO E NICOLETA | 70 |
| ▮ | PEDRO LUIZ BOTTOM..... | 71 |
| ▮ | PEDRO RIBOLI | 71 |
| ▮ | RUDI ALEBRAND..... | 71 |
| ▮ | SILVIO VANZAN..... | 71 |
| ▮ | VELHO MAMBUCA | 71 |
| ▮ | VENÂNCIO..... | 71 |
| ▮ | VIVALDINO FORTE | 71 |
| | FAMÍLIAS A RESGATAR A HISTÓRIA | 72 |

ANDREAZZA, INOCENTE PIETRO

A família Andrezza é originária de Onigo Del Piave, distrito de Montebeluna, comuna de Pederobba, província de Treviso, região de Veneza – Itália.

O mais antigo ancestral, que se tem registro é ÂNGELO ANDREAZZA, 1760 -1829. Casado com Francesca Bresolin com quem teve um só filho, PIETRO GIOVANNI, 1798 – 1878, casado com MARIA PIZZAGIA. O casal teve três filhos que emigraram para o Brasil:

I - PIETRO ANTÔNIO ANDREAZZA, 1815 -1878, casado com Domênica Ceccatto.

II - ÂNGELO ANDREAZZA, 1857 – 1896, casado com Giovanna Sataluzia.

III - GIUSEPPE SEBASTIANO ANDREAZZA, 13/04/1832 -1920, casado com Ana Poloniatto, 12/04/1834 - 1907.

Partiram do Porto de Havre, norte da França, dia 02/12/1878, no “Vapor” francês, Ville de Santos e chegaram ao Campo dos Bugres – Caxias do Sul – RS em 19/01/1879, quatro anos após o início da Imigração italiana.

No mesmo navio vieram as famílias Picollo, Casagrande, Cima, Zorzi, Meneghetti, Demori, Ortolan e outros (conforme Romeu Andrezza em Família Andrezza no RS)

Integrava a clã Andrezza, comandada por Giuseppe Sabastiano, 46 anos, sua esposa Ana, oito filhos, a cunhada Emília Tereza (viúva) com 62 anos com os dois sobrinhos órfãos: Inocente Pietro, 10 anos e Francesca Ana, 7 anos (filhos de Pietro Antônio), seu irmão, viúvo, ÂNGELO ANDREAZZA, 49 anos, com os filhos: Ângela, 21 anos e Constante, 7 anos.

Neste contexto histórico destacamos a descendência do tronco PIETRO ANTÔNIO ANDREAZZA e seus filhos: INOCENTE PIETRO e FRANCESCA ANA que vieram sob a custódia do tio, Pietro Sebastiano Andrezza com ele conviveram, na localidade de Saúde, Travessão Thompon, Flores da Nova Légua, até se casarem.

FRANCESCA ANA ANDREAZZA (23/03/1871) casou no dia 1º/07/1889, em Caxias do Sul, com Giuseppe Cassol. Não se tem outras informações.

INOCENTE PIETRO ANDREAZZA, 25/07/1868 - 1951, como lavrador se estabeleceu na 9ª Légua, Linha 60, capela São Bartolomeu em Flores da Cunha. Em 17/04/1892 se casou em primeiras núpcias, com **ESTHER VIECELLI**, nascida na Itália em 1869, filha de Giuseppe Viecelli e Maria Celli. Deste casamento nasceram os filhos: 1- GIUSEPPE casado com Cornélia Benedetti e após falecida se casou novamente com Pierina Mazzarotto; 2- ANTÔNIO, casado com Genoveva Magnabosco(11 filhos); 3- JOÃO casado com Maria Forcheta(8 filhos); 4- PEDRO casado com Pierina. Viúvo e casou novamente com Maria Forquezatto, (08filhos); 5- DOMÊNICA casada com Dolfo Corso; 6- JOANA casada com Desidério Casagrande; 7- ORSOLA, casada com Dorigatti.

Com o falecimento da esposa Esther, entre os anos 1918 e 1920, sem data precisa, Inocente contraiu matrimônio com a viúva **ROSA FELIZZARI**, nascida em 15/06/1867. Deste casamento nasceram as filhas: ESTHER (11/07/1904) e MARIA ÂNGELA (01/12/1906) a Marieta.

ESTHER casou com Lúcio Tibolla e tiveram 11 filhos;

Rosa Felizzari ao casar com Inocente Andrezza, já tinha dois filhos pequenos: Madalena e Antônio Salanti (filho), os quais passaram a formar uma única família.

ANTÔNIO SALANTI casou com Antonia Michellon e tiveram 12 filhos.

MADALENA casou com Luiz Venturini.

Inocente, viúvo novamente de Rosa Felizzari, casou pela terceira vez com a viúva **Florinda Zancanaro Turra**, conviveram por 19 anos, em Rocinha e não tiveram filhos.

Novo destaque de interesse, fazemos para TRÊS destes filhos de Inocente Andrezza:

1 JOÃO, casado com Maria foi um dos fundadores da Comunidade, o doador da Imagem padroeira Nossa Senhora da Saúde. Em 1942, mudou-se com a família para o município Santo Ângelo

2 O GIUSEPPE – Seu filho Claudino Andreazza, casado com Ângela Bozetto formou família e até hoje integra, a Comunidade de Rocinha.

3 ESTHER, casou com LÚCIANO TIBOLLA, foi também fundador da Comunidade de Rocinha. Constituíram família e a descendência, aqui vive, contando com a 5ª geração.

Esta família tem destaque em outro capítulo Família Tibolla.

Por volta de 1916, Inocente Pietro Andreazza, com seu filho Guiseppe, que apenas havia dado baixa do Exército, veio para a região em busca de terras, lugar para morar, com grande esperança de futuro para a família. Adquiriu, por 15 contos de reis, 20 colônias de terra de pura mata virgem, área que se estendia, desde os limites do Lorencet, até onde hoje pertence ao Moisés Balzan/ Simionato. Entre o Rio Rocinha e a Vicinal São Miguel. Previa destinar 3 colônias para cada filho homem, duas colônias para Antônio Salanti e o restante reservou para si. Mais tarde estas áreas foram, redistribuídas, vendidas para outros que migraram para a região como: Pitom, Bianchi, Benedetti, Balzan, Rama, Simionato, Tibolla e outros

Após seis meses de estada na região, retornou e pensava transferir residência para a nova terra, mas ao retornar falecia sua esposa Rosa Felizzari, razão do recuo na decisão.

Apenas os filhos João, Esther, Antônio Salanti e o neto Claudino (filho de Giuseppe), ocuparam parte destas áreas. O genro Lúcio Tibolla, casado com Esther, ocupou 2 colônias, pagou aos poucos e tornou-se proprietário. Os demais filhos preferiram permanecer na região de Caxias do Sul

INOCENTE, viúvo por duas vezes, com os filhos já colocados e casados, transferiu-se para Rocinha. No início morou com a filha Esther e por pouco tempo com o filho João. Aos 60 anos de idade se casou com a viúva **Florinda Zancanaro Turra** (*15/09/1880 -05/03/1958) filha de Italianos Giacomino Zancanaro e Giacoma Brustolin. Fixaram sua morada nos fundos da terra do Giacomino e João Turra, do outro lado do rio Rocinha, numa área correspondente a uma colônia de terra.

Moravam numa casa alta, com porão, onde guardavam o salame e o vinho por eles fabricados. Em frente havia uma área grande em toda a extensão da casa, escada alta para entrar. No alto, uma tábua pendurada guardava os queijos feitos pela nona Florinda. Ao lado e fundos havia um pomar com muitas frutas, principalmente macieiras, um parreiral, potreiro com vacas de leite, bois para puxar o arado e a carroça. Mais abaixo, uma fonte onde era buscada água para a casa e limpeza. Mais além, um riacho tudo muito cuidado e limpo.

Os netos Dovílio, Leonora e Claudino contam que o “nono Inocente era uma pessoa trabalhadora, no cultivo de parreiras, frutas, mandioca, milho, feijão”. Cuidava para controlar as ervas invasoras e trabalhava de sol-a-sol, com muito vigor apesar da idade.

A Florinda cuidava da casa, das vacas e da fabricação de saborosas peças de queijos, muito apreciados pelos compradores. Dizem que a nona Florinda era “finória”, muito cuidadosa e limpa nas coisas da casa, principalmente as da cozinha. “Eu não conheci outra mulher mais cuidadosa e limpa do que foi a Florinda” afirmava a nona do Gilson Grando, segundo ele.

Nono Inocente era muito cuidadoso com as coisas, rigoroso, nos bons costumes, exigia respeito às pessoas, atitude de agradecimento a qualquer favor recebido, devolução imediata, após o uso de material tomado emprestado, qualquer que fosse, o cuidado a mesa ao comer, sem deixar restos no prato, a oração antes de comer e do terço a noite.

Inocente sofreu com problemas de trombose em uma das pernas, necrosada aos poucos. Seu filho Antônio, veio de Caxias para acompanhar o caso. Doutor Portinho Nessi, em Três de Maio, procedeu a amputação em duas oportunidades. Uma vez abaixo do joelho e depois acima. Assim viveu por vários anos. Para se locomover se arrastava sobre um pelego e andava pela casa. A comida era servida num prato colocada sobre um banquinho e ali fazia sua refeição.

Sempre tinha netos, naquela casa seja do lado das famílias Turra, Tibolla ou Andreazza. Para passear prestar ajuda, conviver e fazer companhia aos nonos. A nona sempre tinha no bolso do avental um “grostoli”, uma bolacha, ou qualquer coisa para agradar os netos. Marcaram presença mais prolongada, os netos Hilário e Mário

Andreazza, vindos de Caxias, para conviver com os nonos e integrar a comunidade como lembram os amigos do futebol daquela época. Hilário era um bom atleta e a ele se deve o mérito de trazer a primeira bola de couro, de Caxias para jogar futebol em Rocinha. O jogo se realizava aos domingos a tarde, depois da reza do terço com toda a comunidade.

No início dos anos 50 a saúde de Inocente, começou se agravar. Foi então que o filho Giuseppe veio buscá-lo, levando-o para sua casa em Caxias do Sul. A nona Florinda o acompanhou e lá viveu até ele falecer alguns meses depois, no ano de 1951, com 86 anos. Foi sepultado na região de Caxias do Sul.

Florinda, após o falecimento de Inocente Pietro, retornou para sua moradia que mais tarde foi adquirida por João e Giacomu Turra. A casa foi desmanchada e reconstruída em São Caetano, onde hoje mora o neto, Dionísio Turra. No local hoje sobrevive um pé de pinheiro como registro desta moradia. A nona idosa, passou a viver com a família do filho Giacomu Turra, em Rocinha, até falecer aos 78 anos, no dia 05/03/1958. Está sepultada no cemitério de Rocinha.

ANDREAZZA, JOÃO e MARIA

Das terras adquiridas por Inocente Pietro, João casado com Maria, no início de 1920, veio ocupar a área, que hoje pertence à família de Olinto Balzan. Aqui constituiu família, fez a vida, derrubou mato, abriu sua roça com dificuldade pois era de saúde frágil.

Junto veio o cunhado Lúciano Tibolla. Foram dos pioneiros, fundadores da Comunidade de Rocinha, movidos pela fé e desejo de viver e prosperar numa nova terra.

João, devoto de Nossa Senhora da Saúde, foi quem introduziu o título como Padroeira para a comunidade, tendo o consenso dos demais. No início trouxe quadro com estampa da imagem de sua devoção para ser colocada no "capitel" que passou a ser devoção de todos. Em 1933 doou a imagem da padroeira que permanece até os dias atuais. Neste dia houve uma grande procissão desde a casa de Ernesto Benedetti e a imagem foi introduzida na nova capela construída em madeira. As doações realizadas por João Andreazza se devem as promessas por ele feitas em favor de sua saúde.

Por volta do ano 1942, um tanto apavorado com a quantidade de formigas que por aqui existiam e vinham comprometendo as plantações, quis ir para a região do campo. Trocou sua área de terra com aquela de João Balzan e com sua família foi morar em Colônia Vitória - Santo Ângelo onde permaneceu até falecer. Alguns descendentes vivem naquele município outros mudaram diferentes regiões.

FILHOS: ORLANDO, SABINO, OLIVO, ELZIRA, LEONORA, OLÍVIA, SANTINA, PIERINA e INÊS

ANDREAZZA, CLAUDINO e ÂNGELA BOZETTO

Claudino nasceu aos 13/11/1919 em Flores da Cunha-RS. Filho de Giuseppe Andreazza e de Cornélia Benedetti, neto de Inocente Pietro Andreazza. Após servir o exército em 1938, veio para Rocinha ver as terras e gostou. Solteiro, em 1942, veio para morar, ocupar a terra herdada de seu pai e morou por um ano e meio com os nonos Inocente e Florinda. Dez meses morou com o tio Festivo e Amália Benedetti. De lá ia a cavalo trabalhar na propriedade onde até hoje reside. Abriu espaço para casa de 7 x 6 metros, construída por Giacomu Turra, juntamente com então aprendiz José Tibolla. Passou a morar na casa pronta em 1944 quando se casou com Ângela Bozetto. Esta casa ainda existe ao lado da nova construída no ano de 1956. O casal, com a filha Cornélia, reside até os dias atuais.

Em 1953, Claudino saldou as prestações atrasadas ao governo, de 22 hectares de terra que pertencera à família Homeridin, somando a sua área existente que faz limites com o riacho Loro.

Ângela Bozetto é filha de José Bozetto e Luiza Seolin, nascida aos 11/08/1916 em Faxinal do Soturno. Com 15 anos veio residir com seus pais em Esquina Tucunduva. Casou-se com Claudino em 01/07/1944. Muito trabalho para fazer roça. A família foi se constituindo de dez filhos, sempre movidos pela esperança de vê-los prosperar, integrado na vida da Comunidade, sendo exemplo para eles. Ângela aos 90 anos tem boa saúde, sempre risonha e de bem com a vida.

Claudino lembra de quando tinha 8 anos recebeu do prefeito de Flores da Cunha um prêmio que ainda guarda com carinho, por ter se destacar na escola na recitação de um discurso. No time de Rocinha, foi ótimo zagueiro e integrou um dos primeiros times de futebol. Filhos e netos seguiram sua prática do esporte. Integrou várias diretorias da comunidade. Em 1957/58, período em que foi construída a atual capela, atuava como secretário e era capataz de turma de serviço nos dias de quarta feira. Naquele ano, auxiliado por Miguel Jeziorski e Julio Refatti, visitou as comunidades de Navegantes e Lajeado Tigre para coletar a taxa anual paroquial que foi destinada para a construção da capela. Pessoa integrada, dedicada e participativa na vida da Comunidade inclusive proclamando as leituras nas celebrações. Em 2004 o casal celebrou 60 anos de casamento com familiares e amigos numa bonita festa.

Assíduo leitor do Correio Riograndense, mantém-se informado e atualizado com as notícias de modo especial as de Caxias do Sul. Gosta de ler e relatar com precisão fatos, acontecimentos do passado relativos a família, antepassados e da Comunitária. Apesar da saúde frágil em consequência de algumas cirurgias, continua bem aos 88 anos.

FILHOS E DESCENDÊNCIA: CORNÉLIA x Aurélio Busanello (3 filhos), ADAIR x Marlei Baldo (1 filho) REMI x Nelsi Schneider (2 filhos), PEDRO x Maria Sara Angelin (3 filhos), JULIO x Mara Silveira (3 filhos) LUIZ x Neli Silveira (2 filhos), INÊS x Juliano Cuel (3filhos), LURDES x Carlos Suagem(2 filhos), JOSÉ x Marieli Alevi (1filhos), HELENE x Sérgio Biron.

Todos os filhos estudaram, hoje estão em diversos municípios e atuam em diferentes atividades. Pedro com a família e Cornélia (Viúva) permanecem na comunidade, convivendo com os pais e se dedicam a atividade Agrícola.

BALZAN, ALBERTO e ROSA SEGATTO

Os ancestrais GIOVANNI BALZAN e MATHILDE DALMOLIN originários da Província de Beluno - Itália, casados em 1872, geram 6 filhos: Antônio, Paolo, Carlo, Giuseppina, Margherita, Victória. Com eles migraram para o Brasil, chegando à ilha das Flores em 22/02/1887. Seguindo para Rio Grande, Porto Alegre, Taquari. De trem seguiram para Estação Colônia, hoje Camobi. Ali foram acolhidos por conterrâneos de Vale Vêneto. Aqui faleceu Giovanni, vítima de "varíola". Já viúva nasceu o sétimo filho Luiz 13/09/1886.

MATHILDE, viúva com 7 filhos casou novamente em 12.9.1889 com o viúvo VISOTTO GIOVANNI FILHO, que tinha 2 filhos, estabelecendo-se em Novo Treviso. Geram mais: João e Artur (Gêmeos), Eugênio, Adelaide e Eugênia (gêmeas), e Silvio Pio.

Carlo Balzan, nascido em Beluno aos 27.08.1878, casou em Nova Treviso em 14.07.1898 com AMÁLIA SPONCHIADO, filha de Giuseppe e Mariana Rosso. Geraram 13 filhos: 1- José Fortunato, 2- Graciosa Maria, 3- Tereza Josefa, 4- Luiz Vitélio, 5- Virgínia, 6- Ernesto, 7- Alberto Olindo (I), 8- Heitor, 9- ALBERTO (II), 10- Filomena, 11- Carlos Filho, 12- Adelino Jaime, 13- Olinto.

Carlo faleceu em 16/07/1921 e quarenta dias depois nasceu o 13º filho.

ALBERTO BALZAN II nasceu aos 20/09/1912 e casou com ROSA SEGATTO aos 18/05/1922, em Novo Treviso, local onde nasceu a primogênita Ibraina. Depois rumaram para Colônia Vitória das Missões onde permaneceram por 10 anos.

Por volta de 1943, quando o 6º filho José, estava com 6 meses, estabeleceram-se em Rocinha, numa área de 37 hectares adquirida de Inocente Andrezza. Propriedade que permanece com o filho José. Este lembra que era puro mato. Nos fundos da propriedade havia uma morada rústica e pobre, feita de costaneiras, coberta de tabuinha. Um pouco afastado, estava à cozinha, coberta de capim, chão batido, a panela para cozinha suspensa por uma corrente sobre o fogo de chão. Por um tempo moram nesta casa de madeira e mais tarde construíram uma definitivamente em alvenaria. Aí nasceram mais 7 filhos. Uma filha optou pela vida religiosa e os demais se casaram.

Integrou a Comunidade Nossa Senhora da Saúde e fizeram parte da sua história de maneira especial nos diversos setores. Alberto foi capataz de turma das terças-feiras na construção da capela. Foi presidente da Comunidade e sempre disposto a ajudar no que fosse necessário. “Doou a mais bonita canela, que eu já vi na minha vida! Foi preciso 4 juntas de bois, para puxar do mato até a cerraria do Somavilla, diz José”. E mais: “Fiz parte do grupo dos alunos que distribuídos por turmas, dois dias por semana, quebramos pedras com martelo para fazer argamassa do alicerce e dos pilares”.

A maioria dos filhos, casados, reside no Paraná. Em 1985 Alberto e Rosa também foram morar em Santa Helena, onde permaneceram até o fim de suas vidas. Rosa morreu em consequência de um acidente de trânsito e Alberto morreu em 2002.

Casamentos e filhos:

LÚCIA, Religiosa – FSCJ; IRMA X Delcir Oliveira: (3 filhos); ARLINDO X Zélia Roberti: (05 filhos); VALDEMAR X Romilda Juliani: (5 filhos); IDA X Dari Freeling: (3 filhos); JOSÉ X Lídia Juliani: (3 filhos); NÉRI X Odila Possebom: (1 filho); ESTANISLAU X Rosângela: (2 filhos); LÚCIA X Milvo Garlet: (2 filhos); TERESINHA X José Augusto Colodel: (1 filho).

BENEDETTI, ERNESTO e TEREZA ULIAN

Ambos são naturais de Caxias do Sul.

Ernesto é filho dos imigrantes italianos Antônio Giácomo Benedetti e Margherita Zaltron. Chegaram ao Brasil em 1891 com três filhos e aqui nasceram ainda Maria Irene, Ermenegildo, Abramo, Alberto, Festivo, Cornélio e Ernesto.

Ernesto nasceu no ano de 1901 e veio com 19 anos para a região. De trem até Cruz Alta e de carroça até Três de Maio. Fazia muito frio e a roupa permaneceu em Cruz Alta. Chegou em um casebre de uma brasileira que o acolheu, fez uma vala no chão e com lenha fez fogo, para aquecê-los durante a noite. A roupa só chegou dias depois. José, o primeiro filho, ainda pequeno compunha a família, nesta saga.

No dia seguinte a viagem continuou abrindo caminho a facção para chegar em Rocinha. Aqui já estavam Jacó Padoin, Rústico Boz, João Andrezza, Antônio Martinelli. Por pouco tempo morou no Bordado. Naquele local nasceu o segundo filho, Altamiro, pelas mãos da parteira Rita Mambuca, preta e fumante.

Ernesto fez moradia onde atualmente reside o neto Celso Benedetti e família. Em 1927 Giácomo Turra lhe construiu uma casa, na qual vivia e tinha seu comércio. Comprava os produtos dos colonos e fornecia outros suas necessidades. Os produtos eram transportados a Três de Maio, Santo Ângelo, Santa Rosa, pelo carroceiro Festivo Benedetti, seu sócio, e mais tarde por Lúciano Tibolla. Uma vez por mês fornecia farto rancho, uma carroça cheia de alimentos, destinada aos construtores da estrada de ferro. O pagamento vinha de Porto Alegre. Quando eleito Borges de Medeiros, interrompeu o pagamento das duas últimas cargas e por causa das dívidas existentes, vendeu 14 hectares de terra para o Pedro Compagnoni. Mesmo assim, faliu a primeira casa comercial da localidade.

Ernesto, sendo um dos primeiros moradores, intermediava ou facilitava negócios de terra para quem estava chegando e também era chamado “Quarteirão”, espécie de representante da segurança. Após sua morte, o filho José exerceu a mesma função.

Sempre foi líder este fundador da comunidade. Acolhia em sua casa o Pe. Vicente Testani e outros padres que por aqui passavam.

Doou dois hectares de terra para construir a capela, área onde se localizam a igreja, o salão, a praça, de esportes, a escola e o bosque.

De sua casa partiu a procissão com as imagens de Nossa Senhora da Saúde, São Sebastião e Santo Antônio que foram doadas respectivamente pelos devotos João Andreazza, Antônio Martinelli e Osório Cousseau.

Em 05/01/1946, com 43 anos Ernesto faleceu em decorrência de câncer na garganta, apesar de tratar-se em Caxias do Sul e Porto Alegre.

Tereza Ulian nasceu aos 06/03/1902 e faleceu aos 23/06/1971. Ambos estão sepultados no cemitério de Rocinha.

FILHOS E CASAMENTOS: JOSÉ X Erminda Compagnoni: (8 filhos); ALTAMIRO X Ângela Busanello: (9 filhos); CORNÉLIA X Macinarei Cassol: (9 filhos); ARTÊMIO X Sueli Humere: (2 filhos); MARIA X Estevão Dembogurski: (6 filhos); DOSOLINA X Gentil Sanfeliz: (9 filhos); ALBERTO X Nair Padoin: (6 filhos); FESTIVO HENRIQUE X Teresinha Perinazzo: (3 filhos) e REALDA (falecida com 6 meses).

Festivo Henrique Benedetti x Teresinha Perinazzo – professores, por longo período residiram na casa que hoje pertence a Marino Padoin. Aposentados, residem em Três de Maio. Seus três filhos formados dedicam-se a medicina, engenharia elétrica. Festivo foi bom desportista e como diretor da Escola, deixou suas marcas no período dedicado a educação de muitos cidadãos de bem.

BENEDETTI, FESTIVO e AMÁLIA PIVA

Festivo, irmão de Ernesto nasceu em Caxias do Sul em 1896 e trabalhou em parreirais com seu pai até os 18 anos. Por 12 anos trabalhou na serraria de seu tio Ermenegildo. Era carroceiro e transportava as toras para a serraria, com 5 juntas de bois. Possuía um terno de mulas, que fazia frete para o comércio.

Casado com Amália no ano de 1920 em Caxias do Sul, veio para Rocinha em 1926, com os quatro primeiros filhos, a convite do irmão Ernesto. Estabeleceu-se na propriedade, que atualmente pertence ao neto, Renato Benedetti casado com Rosane Postai.

A área de 72 hectares que adquiriu pertencia a Isidoro Scalabrin e Angelina Ulian. Tinha moradia, uma boa roça formada, cultivada com milho, mandioca e trigo. Possuía como instrumentos de trabalho facão, enxada, machado, virador, entre outros, ainda existentes na comunidade.

Triste com a morte de sua mulher no parto do quarto filho, o vóvo Isidoro negociou a terra, por baixo preço, deixou plantações, instrumentos de trabalho, moradia e com 4 filhos menores retornou a Caxias do Sul próximo dos familiares. O comprador das propriedades foi Festivo, por indicação de seu irmão Ernesto.

Festivo, em breve espaço de tempo, tomou posse da propriedade. A moradia era um galpão de 10 X 13 metros. Três quartos, uma sala grande, uma cozinha com o “fogolaro”. Era uma caixa de madeira de 2 x 2 metros e 40 cm de altura, cheia de terra, no qual faziam o fogo. A panela para cozinhar era pendurada por uma corrente. Por 6 anos aí residiram e depois construíram uma casa e compram um fogão.

Festivo, além de agricultor era sócio do comércio do Ernesto. Sendo carroceiro, transportava produtos comercializados tais como porco, feijão, milho, trigo, banha, etc.

A família cresceu, os filhos tomaram diferentes rumos ou profissões e poucos permaneceram em Rocinha.

As terras foram divididas entre Orlando e Arcile, que construíram suas respectivas moradias em alvenaria. Em 1954, Festivo passou a morar na propriedade adquirida de Alcides Salanti, onde havia uma olaria que foi

vendida para Liberato Corso. Depois passou a ser granja de suínos do Valentim Cassol, hoje propriedade de Inocente Tibolla. Sua última residência, com a filha Margarida, foi na vila e que atualmente é de propriedade de Antônio Nelson Turra alugada a Pedro Jeziorski.

A referida casa começou a ser construída por João Dembogurski, depois adquirida por Albino Ivanoswki e concluída por Antônio Corteze. Por fim foi habitada por Festivo, mais tarde por Francisco Tolfo, Massuda, Paulo Haag, entre outros.

Como os demais pioneiros, Festivo foi pessoa influente na vida e crescimento da comunidade, nos diferentes setores, marcada pela solidariedade. Era um bom churrasqueiro, com bons costumes cristãos, de participação na vida da comunidade, valores que marcaram a família, nas diferentes épocas e gerações com maior intensidade no passado. Festejaram bodas de Ouro com todos os filhos presentes, familiares e amigos.

FILHOS E CASAMENTOS: LIBERA X João Fiorentini: (14 filhos); ARMANDO X Elma Cassol: (8 filhos); AYRES X Valentim Cassol: (11filhos); ORLANDO X Izolina Baú: (7 filhos); ARCILE X Elsa Turra (6 filhos); MARINO X Maria de Lurdes Calegari: (6 filhos); ROSA X Ângelo Cassol: (9 filhos); MARIA(Irmã Euzébia – Religiosa FSCJ); MARGARIDA, solteira; NICOLINA (Irmã Margarida – Religiosa Missionária da Consolata).

BIANCHI, DOMINGOS ANTÔNIO e IDA BISI

Domingos Antônio Bianchi, filho de TEODORO Bianchi e de Angelina Sartor, nasceu em Caxias do Sul aos 15/01/1909. As famílias Bisi e Bianchi eram vizinhas e trabalhavam nos vinhedos.

Ida nasceu em 07/02/1912 e faleceu na Rocinha em 25/10/1971.

No início da colonização, Silvestre Bianchi, irmão de Teodoro, adquiriu área de terra em Três de Maio onde está igreja matriz católica, colégio Dom Hermeto e Hospital São Vicente até o rio Morangueira. Nunca ocupou estas áreas e mais tarde vendeu partes e doou outras.

Em Rocinha, Teodoro adquiriu algumas colônias. Domingos e Ida casados rumaram para ocupar a nova terra no ano de 1936. Vieram de trem até Santa Rosa com a mudança em duas malas. De carroça até Três de Maio e de lá para Rocinha, local definitivo. Liberato Corso os acolheu por alguns dias em sua casa. Antônio Salanti, que cuidava da terra do Bianchi, buscou-os de carroça e os hospedou por algum tempo na casa que Nino Maronês desocupou, localizada nas proximidades onde hoje é a residência do filho Dorim.

Já havia uma pequena roça cultivada. Continuaram a derrubada das matas, vieram os filhos, construíram uma casa de madeira e depois de alvenaria. Sempre se ocuparam nas atividades agrícolas. Domingos, costumava visitar com frequência os parentes em Caxias do Sul e por lá permanecia durante meses. Ida, com os filhos e ajuda dos vizinhos continuava com dificuldades desenvolvendo as atividades da roça, enfrentando polêmicas com divisas e limites da propriedade. Ela sofreu um enfarte e faleceu. Domingos, viúvo, conviveu com Catarina Dalazen até falecer em 17/12/1997, com 88 anos de idade após um período de enfermidade.

FILHOS e casamento: João Teodoro (falecido criança); Miriam X Montagner (3 filhos); Rosalina X Roque Naressi (3 filhos, mais 1 adotado); Dorim X Maria Fim (2 filhos); Dorvalino X Lurdes Zucatto (2 filhos); Olinda X Pedro Jegoski (2 filhos); Idalina X Ilário Keller (3 filhos).

BOTTEGA, FIORAVANTE e CATARINA BENATTI

Procnentes de Ivorá, em 1939 chegaram e se estabeleceram onde o filho Agostinho tem a residência. Compraram a terra de Turribulo Bairros. O casal teve 12 filhos. Alguns casados permaneceram na sua região natal. Os demais acompanharam os pais e passaram a pertencer a Comunidade de São Brás. A partir de 1992, Agostinho com sua família começou a pertencer a Comunidade de Rocinha. Na velhice Fioravante e Catarina receberam assistência dos Ministros Extraordinários da Eucaristia de Rocinha.

A família toda, sempre se ateve no trabalho da agricultura e pecuária. Atualmente o neto Elton dá continuidade com gado de corte e leiteiro.

Agostinho, casado com Irmã Turra, filha de João Turra e Virgínia Refatti, sempre residiu na casa paterna dos Bottega. O casal Agostinho e Irma tem 04 filhos e 7 netos: LAIR x Nelci Recalcatti (2 filhos), LEIRI x Angela Daronch (2 filhas) LAURENI x Idemar Turra (2 filhas), ELTON x Carla Benedetti (1 filho).

BOZ, RÚSTICO e DOMÊNICA BIASE

Rústico, nascido em Nova Pádua, aos 17/08/1895, filho dos imigrantes italianos, João Boz e Marta Pagnuzat.

Rústico com sua família chegou à região em 27/06/1921. Comprou uma área de terra, entre a vicinal e o Rio Pratos, atualmente é a propriedade do Setembrino Boz. Construiu mais tarde uma casa de alvenaria com 2 pisos, posteriormente demolida. Resta sua imagem e arquitetura em fotos.

Rústico, como pioneiro colonizador da região, foi capataz e agrimensor. Contratava homens e com eles coordenou a abertura de estradas públicas em meio às matas da região. Como referencial a estrada permeavam os limites das colônias, seguindo até as margens do Rio Uruguai. Com grupos de 20 a 30 homens, acampavam até um mês fora sem voltar para casa. A caça, a pesca ou a carne de porco conservada era o alimento no acampamento. Derrubavam enormes árvores à machado e dinamitavam pedras. Foi desta forma que muitos pioneiros colonizadores pagaram suas terras adquiridas do Governo.

Desenvolveu as atividades ligadas a agricultura além de parreiras para vinho.

Rústico, foi um dos pioneiros fundadores e líder da comunidade local. Em sua época era o puxador da reza do terço. Depois passou pertencer à Comunidade de São Braz, por ser mais próxima. Quando concluída a construção da capela, Rústico foi convidado para rezar o primeiro terço nela, e assim o fez.

FILHOS E CASAMENTOS: MATILDE X Lourenço Macuglia: (5 filhos); AMÁLIA; VALDEMAR X Carmela Lorenzet: (7 filhos); HUGO X Teresinha Bonfanti: (5 filhos); INÊS X Gilberto Dalmaz: (5 filhos); CLÉLIA; SETEMBRINO X Teresinha Sacchet:(7 filhos); CLAUDINO X Maria Bonfanti: (5 filhos);

BRITO, JOSÉ VERÍSSIMO e ALMERINDA GOMES DO NASCIMENTO

JOSÉ VERISSIMO DE BRITTO e ALMERINDA GOMES DO NASCIMENTO.

Ela, filha de Afonso Gomes do Nascimento e de Maria Britto. Ele, filho de Severino de Britto e Joana da Silva, naturais de Jaguari e de Jaguarão respectivamente. Vieram para a região em meados do século passado e se estabeleceram em Barracão Tucunduva, por quatro anos onde nasceram os últimos dos onze filhos: JULIA, BRASIL, PEDRO, FLORISDA, AUGUSTO, IRACEMA, SELVINA, DORALINA, DOZOLINA, LUIZ ARANTE, GENÍLIO.

A propriedade com roça cultivada, criação de vacas, porcos e situação tranqüila foi tudo perdido por causa de bebida. A família passou trabalhar como agregados para sobreviver. Embora este problema os filhos tiveram uma boa educação de base, um legado que lhes garantiu uma vida de honradez, merecedor da confiança e respeito por onde quer que fossem. José morreu em Gerrilha 80 anos depois de residir em São Miguel, Eldorado, Caravágio, Bairro São Francisco - Três de Maio. Neste local, Almerinda com a filha Duzolina viveu por 30 anos e faleceu aos 98 anos de idade em 24/10/1996, vítima de um enfarto. Almerinda sempre foi uma pessoa lúcida e saudável.

Duzolina e alguns sobrinhos residem em casa própria no Bairro Guaira. Ela, como doméstica prestou seus serviços a várias famílias na cidade. Com felicidade destaca que é considerada a mãe-preta de Rafael Steffens e a da sua filha Luiza a vó-preta. "Temos uma profunda amizade" afirma muito orgulhosa Dozolina que atualmente é Funcionária Municipal na função de atendente de Creche no Bairro Castelo Branco.

Em Rocinha, Brasil e Augusto de Britto, com outros descendentes, trabalharam em parceria ou como diaristas, prestando serviços de lavoura para diversas famílias da localidade, em diversas épocas, principalmente nas colheitas ou nas carpidas.

BRUN, ONORINO e NATALIA PETENON

Onorino, nascido em Cinquentenário - Tuparendi aos 12/04/1936. É o 7º, dos 8 filhos de Aquilino Brun e de Angelina Golim. É neto de imigrantes Italianos Domingos Brun e Luiza Bidim, Ângelo Golim e Luiza Gatto que se estabeleceram em Guaporé.

A família Aquilino Brun veio de Guaporé para esta região de carroça puxada com burros. Foram muitos dias de viagem. Aquilino, veio a cavalo tropeando 80 porcos, que seguiam o milho, que na frente lhes era esparramado para seguir o caminho. Só nos campos de Ijuí se desgarraram 8 porcos dos quais só foram recuperados dois. Segundo ele era garantia para não passar fome.

Com um ano e três meses de idade, Onorino sofreu paralisia infantil. As seqüelas na perna direita lhe impediam caminhar com normalidade. Desejava ser professor mas não foi aceito para estudar em Cerro Largo com argumento de que tal deficiência lhe impediria ser educador. Procurou aprender costura e por 20 anos exerceu a função de alfaiate. Solteiro, em 1958 veio para Rocinha trabalhar como alfaiate e se estabeleceu numa casa próxima, a atual morada de Pedro Jeziorski.

Casou com Inês Natália Petenon aos 21/01/1960 o casal integrou a comunidade de Rocinha por seis anos. Ela o ajudava nas costuras e passar a roupa. Tiveram dois dos três filhos Jaime José e Gelson Luiz. Além de exercer sua profissão foi copeiro na comunidade e fez muitos amigos. Gostavam de residir em Rocinha, mas o serviço foi diminuindo, se acabando. Feita "uma fatiota para cada um, duas não eram necessárias, o serviço terminou e foi preciso ir embora. "Bons tempos de costura, foram aqueles," diz Onorino. Alberto Benedetti e Alvino Compagnoni cederam terra para plantar, mas com o tempo não foi suficiente. Voltaram para a colônia em Santo Augusto por 15 anos. Possuía uma terra do Governo mas nunca saldou e nem recolheu impostos e por esta razão até hoje com 71 anos, Onorino não consegue se aposentar. Superou a dependência do álcool a 11 anos. Reside em Tucunduva deste 1977.

Inês Natália Peteno nasceu aos 19/05/1942, em Esquina Cavalheiro – Tucunduva, filha de Julio Petenon e Josefina Corasa. Após paralizar as atividades com alfaiataria "foram anos difíceis, só fomos para trás", diz Inês. Para sobreviver Inês prestava serviços domésticos. Com 38 anos começou trabalhar no hospital Osvaldo Cruz, com atendente de Enfermagem. Há nove anos, se aposentou devido a sérios problemas auditivos, "Foi muito triste aceitar este afastamento dos trabalhos que fazia com muito amor, mas me convenceram que era necessário" afirma.

FILHOS E DESCENDENCIA: JAIME JOSÉ x Beatriz Lemos (03 filhos); GELSON LUIZ x Romilda de Abreu (03 filhos); JANETE MARIA x Valter Becker (01 filho). São 04 Bisnetos.

BUSANELLO, CISTO E PALMIRA CONCÓRDIA

Ambos são naturais de Faxinal do Soturno, região de Santa Maria.

Cisto, nascido 10 de março de 1920. É o quarto dos 12 filhos de Matheus Busanello e Ignês Rosso, casados aos 22/11/1916. Família religiosa com talento vocal, veio residir em Esquina Tucunduva, adquiriu terras do governo, trabalhou na agricultura, comércio e cerraria. Aqui nasceram os dois últimos filhos: Ilda e Pio. Padre Pio, e Irmã Alexandrina, são irmãos do Matheus.

Cisto e Palmira casaram em Tucunduva. Residiram em vários locais, desenvolvendo diversas atividades. Em Esquina Tucunduva, Londero, São Miguel (serraria do João Bado); Em Rocinha de 1956 a 1976 (Serraria do Corso, lavoura do Cassol) e na sua própria roça, no caminho que vai para o Parque de Rodeios de Angelim da Silva, hoje é propriedade de Inocente Tibolla. Em Pratos viveram por 20 anos. Neste local Palmira, após um período de doença, faleceu vitimada por câncer de fígado, do dia 22/03/1989. No ano de 1991, a família transferiu residência para Luziânia - Goiás, onde vive atualmente, na fazenda de propriedade da SLC, exceto a Elci, que reside em Tucunduva. Cisto viveu ainda 8 anos em Goiás. Costumava visitar os parentes e amigos no Sul. Aqui faleceu, em 4/9/1999, também vítima de câncer no fígado após 60 dias de enfermidade e 17 hospitalizado. Cisto e Palmira estão sepultados no cemitério em Tucunduva.

No período que a família viveu em Rocinha, sempre foi muito prestativa, solidária dedicada, envolvida com a Comunidade nas mais diversas atividades. Filhas como catequistas, coroinhas etc. Cisto como Trabalhador na roça, marceneiro, carpinteiro, serrador, vacinador de gado. Destacou-se na organização e montagem do presépio na comunidade a cada final de ano. Toda a família se envolvia, fazendo uma verdadeira maquete da vila representando o rio, a ponte, as casas, os morros, árvores, caminhos, animais. Esta imagem permanece muito viva ainda, na lembrança das pessoas, ligada a família do Cisto Busanello.

Filhos: Elci Amália, Meri Maria, Luci, Sadi, Noli e Sávio.

Casados e filhos: ELCI X Nelson Salanti (3 filhos); MERI MARIA X Élio Godói (4 filhos); LUCI X Antônio (1 filho); SADI X Loraci Potz (2 filhos); NOLI X Lurdes Costa (2 filhos); SÁVIO X Mengarda (2 filhos).

CARPES, VITOR e TEREZA SCARTAZZINI

Vitor, filho de Delinda Rodrigues e Emiliano Moreira Carpes, nasceu em São Sepé aos 05/12/1939. Com 5 anos de idade veio com os pais para a região. Tereza, filha de Domenico Antônio Scartazzini e Cláudia Dalmonte, naturais de Feliz - RS. Vitor e Tereza casaram aos 15/07/1963 e residiram em Restinga Seca, Rocinha, Consolata.

No período de 1968 a 1970 residiu em Rocinha em companhia da Viúva Vilma Roberti, quando o filho Gilberto estava com quatro anos. Aqui nasceu e foi batizado o segundo filho, Jéferson, no ano de 1970. Vitor arrendou a terra de Pedro Corso. Era puro mato, desmatou e cultivou uma área localizada onde hoje está a unidade da Cotrimaio. Tereza o ajudava na roça, arrendada ou trabalhando na roça para outros colonos. Em dias de chuva, Vitor trabalhava na serraria do Corso. Conviveram e participaram na vida da nossa comunidade local. Retornou a Consolata para a casa paterna Scartazini por ocasião do trágico acidente que vitimou a sogra, o cunhado José e duas sobrinhas.

Há 26 anos transferiram residência para Cruzeiro - Santa Rosa onde permanecem. Trabalhou como motorista de caminhão, fazendo fretes para São Paulo, Mato Grosso e outras regiões. Se aposentou por idade. O casal adotou uma menina, para completar a família

FILHOS e DESCENDÊNCIA: GILBERTO x Elizabete (3 filhos); JEFERSON x Eliane (2 filhos); FÁBIO x Márcia (1 filho) e ALINE(adotiva)

CASSOL, ÂNGELO E ROSA BENEDETTI

Ângelo Cassol e Rosa Benedetti se casaram e residiram em Rocinha até o fechamento das atividades da Tecidos Buricá na localidade, quando transferiram sua residência para Três de Maio.

Ângelo estudou no Seminário de Cerro Largo por 2 anos. Com 16 anos iniciou como vendedor na loja em Rocinha. Residiu numa casa que havia na frente onde hoje é bar e Posto. A residência da Rosa e Ângelo, era local preferencial do Pe José fazer as refeições, especialmente durante o período de construção da capela.

José Augusto, filho do casal, acometido de tumor cerebral sofreu por alguns meses e faleceu com 8 anos de idade. Além da família este fato sensibilizou muito a comunidade que acompanhava com presença e

solidariedade, marcando a todos por ele ser uma criança inteligente e o menor coroinha que atencioso já servia missas nas Comunidade.

Quando fechou a filial em Rocinha, Ângelo e família se transferiram para acidade, residindo próximo do seu pai Emiliano e onde nasceram os últimos dos oito filhos. Ângelo continuou trabalhando na matriz da Tecidos Buricá. Foi uma pessoa muito frágil de saúde com acentuado problema de coluna, apesar dos constantes tratamentos.

Filhos e descendentes: MARLI x Celso Rigatto (1filho); IVONE; JOSÉ AUGUSTO (+), VALMIR (+); ANGELITO; DÉCIO x Fatiane (2 filhos); TATIANE x Jair (4 filhos) e ROSÂNGELA.

CASSOL, VALENTIM E AYRES BENEDETTI

Foram diversas famílias com sobrenome Cassol que residiram em Rocinha. A residência se localizava onde morou Casemiro Corso, hoje propriedade de João Padoin. No casa a família de Dante Cassol, os filhos Fiorelo, Grile, Virgínia, Izino, Mateus, Nuncita, Izino, Mateus, Maria, Teresinha, Alfredo, Afonso (o protético) Idalina (mãe do Nirio Metzka). Três Cassol se casaram com Dalcin, também de Rocinha: Izino, Mateus e Maria.

A família Emiliano Cassol e Jesuína Baú, procedentes de Cachoeira do Sul, no início dos anos 1920, se estabeleceu em Mato Queimado, interior da então, Vila Buricá. Lá nasceram os filhos Valentim e Gentil, depois se transferiram para a Vila Buricá, atual Três de Maio, na propriedade até hoje pertencentes aos herdeiros, próximo ao Ginásio do Instituto Educacional Cardeal Pacceli. Neste local nasceram os demais filhos e o casal viveu até o final de suas longas vidas. Emiliano é considerado um dos pioneiros habitantes, exerceu atividades de marceneiro, carpinteiro, instalador de moinhos coloniais, pedras de moinhos rodas, movidos à água, na região. Na sua pequena marcenaria era inventivo e fabricava materiais como bancos e ambão da Matriz. Ajudou construir a parte em madeira da igreja matriz atual.

Filhos: VALENTIM, GENTIL, MARIA, MARCELINO, ÂNGELO, GUIDO, VALDEMAR e JOSEFINA.

Da família de Emiliano e Gesuina Cassol, os filhos Valentim e Ângelo, residiram em Rocinha e se casaram com duas irmãs Benedetti, Ayres e Rosa, respectivamente.

Ayres, filha de Festivo Benedetti e Amália Piva, nasceu, cresceu, se casou, formou família e viveu até ano de 1998 em Rocinha.

Valetim estudou em Três de Maio, Tuparendi e Porto Alegre. Foi motorista do Pe. Testani, com o veículo "29". Serviu o exército em Santa Rosa, depois foi para Rocinha trabalhar na filial da Cooperativa Tecidos Buricá, formada por vários sócios, onde anteriormente era comércio do Bergoli, depois de Antônio Bonamico e Abel Colosso e por fim Tecidos Buricá. A localização foi a mesma, no armazém atrás da casa atualmente pertencente a Valentim Lorenzet, onde eram comercializados produtos e mercadorias necessários a população local e regional numa prática de trocas, compra de produtos cultivados na roça, além de suínos em larga escala na época.

Valentim trabalhou inicialmente, como vendedor e um ano depois como freteiro na compra e venda dos produtos. A casa foi construída pela Sociedade. Nela Valentim e Ayres constituíram a família com 11 filhos. Mais tarde Valentim adquiriu a casa e modificou a originalidade, alterando o telhado e tirando o sótão que servia de dormitório para a maioria dos 11 filhos.

Quando a "Casa de Comércio" fechou, Valentim, havia comprado uma área de terras de Boles Richter. No início a área foi cultivada pela família de João e Virginia Turra. Mais tarde cultivou em parceria com empregados. Em sociedade com Inocente Tibolla iniciaram uma granja de suínos que perdurou até 1986.

Com seu caminhão transportou muito material na época da construção da capela, principalmente a areia que foi transportada gratuitamente do Rio Uruguai. Por influência do Padre José Radicci a Tecidos Buricá e o Valentim colaboraram como o banco financiador no período da construção da capela de Rocinha. A residência do Valentim e Angelin eram os locais das paradas e refeições dos padres, especialmente na época da construção.

Enquanto era construída a nova igreja as rezas eram realizadas no armazém da Tecidos Buricá, Neste período ocorrem as Santas Missões.

Filhos: ELEMAR, TERESINHA, MILTON EMLIANO, GUIDO JOSÉ, HELIO VICENTE, MARIA DE LURDES, TARCISIO, ANA INÊS, MARTA e LUIZ CESAR. Todos estudaram, se formaram e atuam em diferentes áreas. Elemar, por 3 anos, esteve com a família nos Estados Unidos, fazendo especialização na área de Agronomia.

Valentim sofreu um enfarte e faleceu com 67 anos em 1988. Um ano depois Ayres, os filhos Ana Inês, Luiz César e a mana Margarida transferiram residência para Três de Maio onde permanecem.

Casados e Descendentes: ELEMAR x Mariza Borges Fortes (2 filhos); TERESINHA x Albino Ivanoswki (3 filhos); MILTON EMILIANO x Nadir Busanello (2 filhos); GUIDO JOSÉ X Gene Compagnoni (2 filhos); HÉLIO x Inácia Perinazzo (3 filhos); VICENTE x Liris Juremichi (2 filhos); MARIA DE LURDES x Leandro Luiz Lied (2 filhos); TARCISIO x Tânia Bonfanti (3 filhos); MARTA x Lúciano Turcato (2 filhos); LUIZ CÉSAR x Julia Solano (1 filho).

CENTENARO, GIOVANNIN e EMILIA FRANCISCA LORO

Giovanin Centenaro, filho dos imigrantes italianos José Centenaro e Cristina Viapiana provenientes de Vicenza, nasceu em Nova Pádua aos 24/06/1924.

Em 1928, José com a família veio para a região de Três de Maio, Vila Buricá, um lugarejo com poucas casas e como pioneiro, colonizador, estabeleceu residência no Km 13, Progresso – Três de Maio.

Giovannin, também conhecido por João, Nani, casou com Emília Francisca Loro aos 22/01/1956 e atualmente reside com a esposa na cidade de Três de Maio, Bairro São Francisco.

Aos 29 anos partiu para ser construtor de casas em madeira e alvenaria dedicando-se a colocar tijolos, cortar ferro, fazer vigas, esquadro negativo, desenhar plantas das construções. Só parou sua atividade em 2005 com quase 80 anos.

Ao relatar sua história, José afirma que sempre foi muito saudável, nunca machucou uma unha se quer e nem teve problemas com sua coluna vertebral, apesar de ter colocado centenas de milhares de tijolos no decorrer deste tempo. Perguntado sobre as razões dessa resistência diz: “O serviço curtiu os músculos, deixando-os fortes, duros, residentes. Comer na hora certa e boa alimentação.” Uso da bicicleta para se locomover, foi outro fator preponderante em sua vida.

João Centenaro foi um dos pedreiros juntamente com Albino e Ademar Segatto, Maião, construtores da capela atual de Rocinha durante 40 semanas. Miguel Corso e Benjamim Dalcin, auxiliaram muito na colocação dos tijolos. João, além de pedreiro, era responsável na orientação no corte dos ferros que era necessário para a construção, mantendo uniformidade no tamanho e qualidade final da construção (28m x 11m e torre om25m). Lembra que os detalhes, molduras externa próximo do telhado, foi tudo feito a muque, moldura com moldura, exigiu trabalho e cuidado.

Durante a construção da capela, de segunda-feira a sábado, João se hospedou na residência de Liberato Corso, Orlando Benedetti, Francisco Lorencet, e Avelino Roberti. No sábado a tarde os pedreiros e serventes residentes na cidade eram levados para casa e na segunda-feira cedo buscados para recomeçar.

Ajudou na construção do colégio Pio XII (Instituto Paccelli de Educação), a Igreja Matriz, o Seminário Nossa Senhora de Fátima (Colégio Castelo Branco), várias capelas como a de São Caetano.

Giovannin, aposentado, com 81 anos, saudávele, alegre, muito lúcido, bom de prosa, relembra fatos, acontecimentos com detalhes e emoção, façanhas de sua vida pessoal, familiar e de convivência profissional.

Com sua esposa, Emília Francisca Loro, reside num local acolhedor com uma natureza exuberante de arvores que a circundam dando um aspecto de vida pura. Tem 5 filhos, que vivem em diferentes estados: Dirceu, Maristela, Orildes, Devanir e Relindo (há 14 anos na Itália).

COMPAGNONI, PEDRO e CLEMENTINA GANDOLFI

Pedro, imigrante italiano nascido aos 19/05/1896 e Clementina nascida aos 15/10/1894 residiram em Garibaldi – RS e Rio do Peixe – SC. Adquiriram três colônias e viveram por alguns meses naquele local. Insatisfeitos com as terras, muito acidentadas, morros, distante de água, saíram em busca de uma área melhor.

Por um tempo residiram em Monte Negro no começo da década de 30. Nestas buscas Pedro Compagnoni encontrou com Ernesto Benedetti e Antônio Martinelli. Eles indicaram a propriedade da Viúva Genoveva Ribolli, que estava a venda em Rocinha. Ofereceu as três colônias em Santa Catarina pelas duas colônia aqui e fizeram a troca. Em 1936 passou a integrar a comunidade de Rocinha. O primeiro local de residência, hoje pertence a Lúcia Compagnoni. Mais tarde ampliou a área de terra, construiu a morada em novo local. Cultivaram milho, feijão, e trigo, produtos de subsistência. A área de terras continua com a família.

Em 1951 disponibilizou quatro hectares para construção da escola Estadual, hoje de propriedade do Estado e mais uma área para construção do campo de futebol da Sociedade Esportiva Rocinha.

Pedro sempre foi uma pessoa muito pronta para ajudar a comunidade, prover recursos para a mesma, até vendendo frutos do seu pomar com este fim. Fez parte da Diretoria, oi sacristão, dirigente na reza do terço.

Pedro, após três anos de enfermidade, faleceu em 23/04/1960 e com Clementina estão sepultados no cemitério da Comunidade.

Clementina, por 17 anos enferma com atrofiamento muscular dos membros inferiores, continuou a fazer tranças simples e ornamentais, decoradas com palhas de milho e de trigo, costurando chapéus na máquina a mão, ensinou sua arte às descendentes e faleceu em 12/03/1983.

Um belo modelo de artesanato, feito com palha de trigo, uma palha emendada na outra, costurada, forma o chapéu é uma peça rara guardada com muito carinho pela família de Manuel. Arte da já falecida esposa Graciema.

Filhos: Manoel, Leonora, Erminda, Síría, João, Alvino, Lúcia Inês, Oscar

Casados com e Filho: Manoel x Graciema Lorenzet: (10 filhos); Leonora x Wadislau Demboski: (8 filhos); Erminda x José Benedetti: (7 filhos); Síría x Adelino Gasperin: (6 filhos); João x Lenir Yanes: (6 filhos); Alvino x Lúcia Yanes: (7 filhos); Lúcia Inês- Religiosa IFSCJ; Oscar x Cecília Gandolfi: (1 filho).

CORRÊA, ROSALINO e JENOEFA PIAZESKI

Paulo Corrêa e Florentina Pedroso, são os pais de Leonço, Izaltina, Catarina Sueli, ROSALINO, Amândio. Naturais da Fronteira, foram para a Argentina e em 1938, voltaram para o Brasil, morando de agregado em muitos lugares. Em Manchinha – Tuparendi, Florinda faleceu jovem. Rosalino, contava com 11 anos de idade. Órfãos, sem recursos e sem ter para onde ir se criaram por conta, se dispersaram “como filho de perdiz”, afirma Rosalino. Só depois de 20 anos, por acaso, encontrou Amândio, um de seus irmãos em Mauricio Cardoso – Horizontina. Idoso, Paulo faleceu na localidade de Nossa Senhora das Dores.

Com 16 anos Rosalino providenciou seu próprio registro de nascimento no Cartório Tomasi. Até então, não tinha certidão de nascimento sem saber a data precisa do nascimento registrou-se como nascido em 17/02/1921.

Ainda muito moço, Rosalino trabalhou com os Perinazzo em São Caetano. Em Rocinha, por dois anos trabalhou para Estevão Dembogurski e por 15 anos trabalhou com o Valentim Cassol, o carregamento e descarregamento de produtos, mercadorias, porcos, atendimento no armazém e outras atividades quando mudou o rumo de sua vida.

Rosalino casou aos 05/07/1961 com a viúva JENOEFA PIAZESKI a qual já contava com 4 filhos, boa propriedade, área de terra cultivada e animais, localizado no Lajeado Morangueira - Santo Antônio onde residiram até 1981. Venderam a propriedade, foram viver por 7 anos, em Laranjeiras do Sul-PR . Deste casamento tiveram 4 filhos. Desde 1994 residem no Bairro Santa Rita em Três de Maio.

Trabalhou na roça se aposentou no Paraná, como também a esposa.

Em 2002, sofreu um enfarte quando buscava um cesto de pasto para tratar os animais. Recebeu socorro emergencial em Três de Maio e tratamento em Passo Fundo. Outros problemas de saúde se sucederam e dois anos necessitou fazer hemodiálise. Por três vezes esteve muito próximo de morrer. “Negro duro não morre fácil” diz Rosalino, contente. Hoje, anda de bengala ao redor de casa e se cuida, pois sente tonturas.

Muito Lúcido e tranqüilo, relata o tempo em que viveu na Rocinha. Recorda das pessoas, fatos, acontecimentos interessantes, contribuições valiosas, no resgate de nossa história, Depoimento mais amplo consta da História da Comunidade.

Rosalino foi muito serviçal na construção da capela, trabalhava duas vezes por semana substituindo Angelim e Valentim Cassol. Descarregou quase toda a areia e material de construção transportado no caminhão.

Foi quem bateu o sino por um bom tempo, no campanário de madeira e na capela nova. Lembra quando Claudino Andrezza era presidente já fazia este serviço voluntário. Batia fora de horário, principalmente quando tinha que sair cedo para carregar porco, puxava o sino às 5 horas da manhã, ao meio-dia e às 6 da tarde. Um dia virou a sino e a corda ficou trocada, matutou muito pensando com faria para desvirar. Advertido pelo Angelim, só trocou de lado a corda. Outro aprendizado ocorreu quando alguém faleceu, precisavam bater o sino. Ele não sabia e o Antônio Isidoro Dalcin lhe ensinou os toques fúnebres. Isto lhe causou muita tristeza ouvir o repicar do sino. Os filhos do Valentim o ajudavam neste serviço.

FILHOS e Netos de ROSALINO CORREA e GENOEFA PIAZESKI – um falecido ainda criança - GILMAR X Cirlei Izolan (2 filhos); MARLI X Omar Perin (4 filhos); GILBERTO X Joselaine Cardoso (2 filhos).

CORSO, LIBERATO e CORONA FRIGOTTO

Liberato, nascido em Antônio Prado, aos 20.12.1901, filho de Giacobbe Corso e de Antônia Lorenzet, neto dos imigrantes italianos Antônio Lorenzet e de Inocência Dalmaz. Casou com Corona Frigotto e em 1932 passaram a residir em Rocinha - Três de Maio.

Corona foi a primeira professora da localidade. Os pioneiros aguardavam com ansiedade uma professora para os seus filhos já crescidos. Foi uma festa quando Corona chegou para atender em torno de 50 alunos entre 6 a 17 anos de idade. Sua casa, construída em colaboração com a comunidade, serviu de escola por algum tempo até a construção da Escola Municipal, com janelas de vidro 1933/34. Sua função de professora, rígida, lhe conferiu o mérito de ser catequista, formação religiosa para filhos dos imigrantes que aqui viviam. Deixou de lecionar em função de dificuldade enfrentada, política e financeiramente, atraso e corte dos proventos, que deveria ser buscado a cavalo em Santa Rosa.

Ainda solteiro Liberato veio para Rocinha na companhia de seus tios Lorenzet para comprar as terras. Adquiriu a propriedade onde atualmente reside a filha Lucila, casada com Alceu Corso e outras áreas em Pitanga onde mais tarde residiram alguns filhos por determinado tempo.

Constituiu aqui sua família. Com os filhos, desenvolveu suas atividades na roça, serraria e olaria. A olaria adquirida de Alcides Salanti, o final da década de 50/60, foi instalada em Pitanga, depois em Rocinha, próximo ao riacho Loro e por último onde morava o filho Casemiro, hoje propriedade de João Padoin. Nesta olaria muito tijolo foi fabricado, para construção das residências, dependências da comunidade e prédio da FAG. Outra atividade marcante, durante 20 anos, com os filhos foi a dedicação na serraria movida a motor a diesel. A Iniciativa de gerar energia elétrica na localidade foi um empreendimento inovador. Próximo da ponte sobre o rio Rocinha instalou uma roda movida com a queda da água e equipamento próprio. Gerava energia para sua moradia, capela e também para os moradores mais próximos. Só funcionava durante algumas horas durante a noite e depois era desligada. Permaneceu desta forma até a instalação do sistema de energia elétrica no final da década de 60 e início dos anos 70.

Liberato foi um homem com forte liderança, austeridade, determinação, empreendedor, de visão, de grande influência social, religiosa e na organização da comunidade. Acolhedor e destemido, com voz forte no

comando, materializado na construção das escolas, capelas, entre outras obras. Forneceu madeira, tijolos e serviços. Foi capataz geral, muito eficiente, na construção da capela atual, concluída em tempo recorde de 10 meses.

Foi presidente da comunidade por uma década (1937-1947), por indicação e determinação do Bispo de Uruguaiana. Neste período foi elaborado o “Estatuto da Sociedade Física e Moral Nossa Senhora da Saúde de Rocinha” com aprovação em 02/021940. Os principais idealizadores foram Liberato Corso, Francisco Lorenzet, Pedro Compagnoni entre outros. O Bispo ficou surpreso com o nível do mesmo e tomou como modelo para a diocese, conforme depoimentos de Liberato. No ano de 1947, Liberato afirmou: “*Adeso basta*” (de ser presidente). A partir de então o presidente administrativo da comunidade começou ser escolhido por votação e este por sua vez indicava seus auxiliares. A Comissão pró-construção da capela era composta por Liberato - Presidente, Giácomo Turra - Vice, Orlando Benedetti – Secretário e no Conselho Fiscal: Fortunato Piton, Avelino Salanti e Lino Roberti.

Forneceu os tijolos da olaria se sua propriedade e filhos, para a construção do prédio comunitário da FAG - Frente Agrária Gaúcha - no ano 1963. O prédio ao ser inaugurado recebeu o nome de Escola Paroquial Liberato Corso, em sua homenagem.

No início dos anos 70 se fazia necessário transferir o cemitério para um novo local. Liberato prontamente disponibilizou um espaço de sua terra, onde está localizado atualmente.

Liberato, apesar das dificuldades enfrentadas, atingiu uma longevidade centenária, muito lúcido e consciente até o final de sua vida. Apesar de diminuída a sua capacidade auditiva, gostava de relatar as façanhas e história de sua vida, fosse das colônias velhas ou daqui. São muitos os relatos, tais como: tropear porcos por alguns dias, para vendê-los no comércio em Caxias, se esconder no oco de uma guajuvira na roça, junto com Francisco Lorenzet, vendo quantas abóboras cresciam por dia, para evitar o recrutamento para a guerra, integrou o grupo de força combatente de enfrentamento a Carlos Prestes indo até São Paulo, o enfrentamento com Antônio Martinelli, logo de chegada na localidade, chamou atenção do mesmo que estava desrespeitando e ameaçando o Padre em dia de festa, se negando a participar da procissão e não sair do local onde estava sentado e fumando. Liberato tomou a parada e afirmou: “agora é comigo... e não com o Padre! Antes vai passar por cima do meu cadáver se for necessário”. Antônio prometeu vingança e das piores! Mas ao invés disso, dias depois, na casa comercial do Ernesto Benedetti, quando os dois se encontraram, a tragédia que parecia acontecer e para surpresa de todos, Antônio estendeu a mão a Liberato e disse “até que enfim encontrei um homem que me enfrentou!”. “O próximo filho meu que nascer já tem o padrinho escolhido e eu te convido ser padrinho”. Assim aconteceu. Acalmou, a partir de então a valentia de Antônio e para o bem de todos.

Filhos: Casemiro (+); Luiz (+); Joana, Miguel (+); José (+); Vicente; Marta; Pedro, Ana (+) Maria, Lucila e Irene.

CASADOS e FILHOS: CASEMIRO X Deonilda Garlet (6 filhos); LUIZ X Otila Freeling (8 filhos); JOANA X Eunésimo Busanello (7 filhos); MIGUEL X Gersy Bozetto (8 filhos); JOSÉ e Danira Muraro (3 filhos + 1 adotado); VICENTE X Catarina Salanti (6 filhos); MARTA X Delton; PEDRO X Rita Zucatto (4 filhos); MARIA X Antônio; LUCILA X Alceu Corso (1filho); IRENE X Valdir Pandolfo (5 filhos).

CORTEZE, ANTÔNIO FELIX E MARIA NILSE BAZANELLA

Antônio, nascido aos 04/04/1936, filho de Ângelo e Tereza Naressi. Família procedente de Jaguari no início do século passado. Quando veio para Três de Maio, Antônio estava com 18 anos e aqui fez a iniciação catequética pois na região em que viviam nada disso existia.

Maria Nilse Bazanella, nascida em 1942 em Nova Bréscia, é filha Faustino e Ludovina Possamai (parentes de Pe. Eugênio e Dante), tinha 13 anos quando vieram residir em Pitanga. No ano de 1957 a família Bazanella se estabeleceu em Três de Maio. Ludovina se aposentou como costureira. Aos 90 anos é lúcida, forte, ainda costura e faz muito bem crochê. Faustino faleceu em Três de Maio no ano de 1987.

Maria Nilse estudou no Colégio Dom Hermeto, lecionou em Alegria enquanto que Antônio iniciou como professor em 01/04/1959 e transferiu-se para Rocinha em 29/05/1960.

Antônio e Nilce se casaram em 1961 na capela de Rocinha em cerimônia presidida pelo Pe. José Radicci com a participação festiva da Comunidade, alunos uniformizados e das “Filhas de Maria” que acompanharam os noivos na entrada para capela. Após a celebração a festa foi em mesas ao ar livre próximo da capela. Foi a forma carinhosa e inédita de acolher o casal de professores que passavam a integrar e viver para a comunidade. Estabeleceram residência na casa que fazia parte do prédio localizado onde hoje está a área agrícola da Escola Estadual. Mais tarde construíram e transferiram residência onde hoje é a casa de propriedade de Luiz Zucatto. Em Rocinha nasceram os quatro primeiros filhos e permaneceram até 1967, quando foram transferidos para a Escola de Vila Consolata, onde se aposentaram. No ano de 1988 fixaram residência em Três de Maio.

Antônio e Nilce chegaram em Rocinha numa época em que havia muitos alunos e carência de professores. Eram turmas grandes. Por um período o professor Albino Ivanowski com os professores Antônio e Maria Nilce se desdobravam para atender as turmas de primeira a quinta série. Professor Antônio lembra que Dovilio Turra em sua marcenaria construiu um estrado em madeira que colocado na sala de aula permitia visualizar todos os alunos. Foi na época e que o Professor Albino saiu, para estudar.

Um fato marcante para Antônio foi em 1960 quando preparavam a festa para as mães, um táxi veio buscar o Albino, pessoa muito querida da comunidade, quando faleceu seu pai em Santo Ângelo. Os amigos se organizaram com quatro ou cinco carros e foram com ele acompanhar o velório e sepultamento em Guarani das Missões.

Em 1961 novos professores integraram o quadro para suprir as necessidades da escola. Foi nesta oportunidade que Festivo Henrique Benedetti iniciou suas atividades.

Maria Nilce foi alfabetizadora de muitas turmas e com filhos pequenos, sempre deu conta do recado na aprendizagem. Padre Élio Rama foi por ela alfabetizado, e na celebração de sua primeira Missa, aos 11/11/1984, ofertou-lhe simbolicamente um caderno escolar.

Professor Antônio foi uma pessoa de muitas iniciativas e integrado em quase todas as diretorias, em diferentes cargos, tesoureiro do açougue, guardava o cofre da comunidade que era uma lata preta. Atuou como sacristão, sepultamento de crianças, reza do terço, organização de festas, futebol. Ajudou a mudança da reza do terço da tarde para a manhã, para poder melhor acompanhar o futebol neste turno. Lembra que não foi fácil implantar esta idéia, principalmente com os mais antigos.

Incentivou e acompanhou o grupo da ASCAR para adultos e jovens, no grupo 4 S, que ajudava orientava e informava sobre a vida e meio rural.

Com Liberato Corso e Pe. José Radicci liderou a construção do prédio da FAG, para ampliar os espaços quando os poderes públicos não atendiam. Liderou a construção Galpão CTG sextavado com 12 metros de diâmetro, coberto de capim, paredes com bambu e chão batido, localizado nas imediações da Secretaria da Escola. O Galpão foi inaugurado em 1964 com um grande público, festa popular, desfile farroupilha, apresentações artísticas e missa celebrada pelo Pe. Marcos Lonatti. Este local servia para os ensaios do grupo de danças, encontros tradicionalista, chimarrão nas tardes de domingo.

Liderou a criação do grupo de danças folclóricas Gaúchas que se apresentava nas comunidades, sempre transportado pelo “abençoado” caminhão do Vicente Corso. Prof. Antônio lembra que foi esta uma forma para quebrar alguns tabus e ressentimentos com relação a danças, especialmente por parte do Padre Radicci, rigoroso e contestador de bailes.

Formou um grupo de teatro que se apresentava em outras localidades. Destaca a peça “Carteira Fatal” com a atuação de “artistas” como Marisa, Pedro e Vicente Corso, Profª Lurdes, e Antônio, Teresinha Cassol e outros que não lembra. O ensaio era feitos na casa do Cassol.

Nos anos 40, Antônio lembra que havia um estaleiro nas imediações onde hoje é a casa do Assis onde eram serradas tabuas a “muque”. As toras eram levantadas com dois macacos fixos até a altura que permitia dois homens no alto e um homem em baixo puxavam para cortar as tábuas.

Energia elétrica não existia na época e a geladeira funcionava a querosene. Em três dias consumia uma lata que correspondia ao valor de um maço de cigarros. Foram anos de muita doação, realizações, integração, iniciativas interessantes.

FILHOS e descendência: BEATRIZ INÊS x Edemar Hirsch (3 filhos); IZABEL CRISTINA x Luis Torzeski (1filho); JOSÉ MARCELINO x Lurdes Ortiz; MIGUELÂNGELO x Eunice Dalcin (2 filhos) ANA SILVIA x Paulo Ott (2 filhos).

COUSSEAU, OSÓRIO e ASSUNTA DEITOS

Osório, filho de Mathias Cousseau e Mantovani, Assunta Dominga Deitos, 15/08/1916 - 15/08/1955, ambos naturais de Carlos Barbosa. Casados vieram para Rocinha na década de 40 e se estabeleceram numa área de terra que hoje pertencente a Pedro Andrezza, próximo ao Inocente Tibolla.

Neste local construíram uma morada ampla e acolhedora, criaram os nove filhos e fizeram a vida integrados a comunidade religiosa/ escolar.

Ao nascer Claudete, a última filha, a mãe faleceu. A recém nascida foi criada pela madrinha Vilma Roberti até três para quatros anos. Poucos anos depois, Osório contraiu novas núpcias com Luiza Busanello sem gerar novos filhos mas foi muito atenciosa com os que adotou como seus.

A família se deteve em atividades agrícolas. Com o falecimento do Osório em 1977, alguns anos depois, Luiza com alguns filhos já casados foram residir no Estado do Paraná. Mais tarde Danilo, Claudete, Lurdes, Armelindo e Helio, com os descendentes, rumaram para o sul da Bahia. No Paraná permaneceram Verônica, Sireno (já falecidos), Rosalino e Luiza. Zelinda reside em Tucunduva.

Rosalino, como os demais irmãos freqüentou os bancos escolares de Rocinha. Depois de formado, atuou como professor nas áreas de matemática, ciências e técnicas agrícolas na mesma escola, até o ano de 1988. Transferiu-se para São Mateus do Sul-PR, onde foi convidado para trabalhar no setor da Petroquímica Estatal onde permanece com a família.

Osório, descendente de franceses, era muito inventivo. Logo de chegada instalou uma gerador de energia elétrica para atender sua moradia e vizinhança. Este equipamento foi desativado quando o Liberato Corso instalou outro sistema mais potente. Outro invento foi a montagem de um soque de erva mate e de milho para fazer quirela para tratar os animais.

Como o pai, os filhos também eram criativos e fabricavam brinquedos, carros para brincar e escorregar na grama do poteiro nas tardes de domingo com outras crianças e adolescentes.

Outra característica família Cousseau foi o gosto pela música vocal e instrumental, gaita e violão. Helio e Armelido, com Inocente Tibolla se destacaram nas músicas do folclore Gaúcho, animando o grupo de danças do CTG local, que esteve em evidência nos anos 60.

Osório, pessoa muito alegre e participativa, em uma manhã de sábado, como de costume, quando voltava do açougue da comunidade para sua casa sofreu um enfarto fatal ainda no caminho sem conseguir alcançar em tempo, recursos médicos. Concluiu assim sua trajetória de vida, está sepultado no cemitério de Rocinha ao lado da esposa Assunta. Luiza faleceu nos anos noventa em Prudentópolis e está sepultada ao lado de Sireno Cousseau.

FILHOS E DESCENDÊNCIA: LOURDES; x Alberto Roberti (5 filhos); SIRENO x Noeli Godoi (7 filhos); VERÔNICA x Bruno Roberti (4 filhos); DANILLO x Nair Compagnoni (2 filhos); ZELINDA x Elói Bim (2 filhos); ARMELINDO (Regina Bortoluzzi (3 filhos) e 2ª Núpcias Eliane (1 filho); HELIO x Nair Casagrande (4 filhos); ROSALINO x Leonora da Silva (2 filhos); CLAUDETE x Mauri Woicechowski(3 filhos).

Alberto, ainda jovem faleceu vitimado pela queda de uma árvore sobre si. Mauri, pedreiro, foi vítima de uma emboscada e seqüestro em Posse – BA quando retornava do trabalho no ano de 2004. Sireno faleceu em PRUDENTÓPOLIS-PR, em meados dos anos 90.

DA COSTA, JOCI RODRIGUES e MARINA FLORES

Jocí, conhecido por Jaci, nasceu aos 03/07/1939, filho de Luiz Rodrigues da Costa e de Paula Bernardino. Marina, filha de Manuel Maria Flores e de Paixão Castro, nasceu em aos 05/01/1944, ambos naturais de Ajuricaba – RS.

As famílias Rodrigues da Costa e Flores, provindos de Ajuricaba foram residir na Comunidade Nossa Senhora de Lurdes. Por 15 anos Marina, solteira, trabalhou em casa de família em Três de Maio. Em 1969 Jocí e Marina casaram e fizeram a primeira morada na Comunidade de Santo Antônio e trabalharam na terra do Vidotte. Sempre trabalharam de agregado, permaneceram entre 3 a 5 anos em cada local integrando a vida de comunidade de Carmo, Quaraim, Três de Maio (*Um dos primeiros peões da COTRIMAIO*), Bela Vista, São Miguel - Tucunduva, Santo Antônio, Rocinha, Água Fria, Tucunduva, São Caetano. Por onde passaram, deixaram boas lembranças como trabalhadores esmerados e merecedores da confiança. Pelo esforço e dedicação reuniu algumas economias para comprar uma casa do Ari Roratto, transportada para a terra dos Vidotte. Quando conseguiram recursos suficientes adquiriram 1 ha de terra próxima do asfalto na comunidade de Nossa Senhora do Carmo e para lá transportaram a casa onde residem até a presente data.

Em meados dos anos 70 Jocí integrou Comunidade de Rocinha, trabalhou na lavoura e suinocultura para Valentim Cassol. Residiu próximo ao Inocente Tibolla e Marina prestava serviços domésticos às famílias. Com eles morou seu pai viúvo, Luiz, conhecido por “Pisca”. Sua irmã Antonia, aqui trabalhou em casas de família, como doméstica. Mais tarde casou com Miguel Godoi e transferiram residência a Porto Alegre.

Jocí e Marina, aposentados, conquistaram com muito esforço seu teto para morar e um pedaço de chão no qual cultivam de tudo para viver, com um “invejável” pomar. O neto Jociano, com 15 anos, vive com seus avós desde recém-nascido. O casal tem quatro filhos, um dos partos foi com filhos gêmeos dos quais um faleceu com 4 dias. Os demais estão bem sucedidos na vida.

FILHOS E DESCENDÊNCIA: TADEU x Carla Elizergue (1 filho), TATIANE MARIA x Adão Ferreira (3 filhos), ADRIANA x Alceu Corrêa (1 filho).

DA COSTA, VILSON MOURA e LEOCIR RODRIGUES

Vilson Moura da Costa nascido aos 30/09/1958, em Consolata Três de Maio, filho de João Cilmar da Costa e de Maria Oraide Moura. Leocir Rodrigues, nascida em Três de Maio, aos 03/09/1963, filha de Iracema Rodrigues e Dinarte Antoninho Ribeiro.

Vilson e Leocir casaram no dia 24/01/1981 na capela Nossa Senhora de Fátima em Três de Maio. Antes mesmo de casarem residiam em Rocinha, onde “Vilzinho”, como é conhecido, trabalhou na granja de suínos e lavoura de Valentim Cassol e Inocente Tibolla. Neste período residiu na casa que pertencera ao alfaiate Onorino Brum, localizada próxima da residência de Pedro Jeziorski, depois residiu próximo ao Inocente Tibolla e por fim residiu na casa que pertencera ao Ângelo Cassol em frente ao Bar.

Vilson lembra que nos primeiros três meses na localidade, chovia muito e enquanto chovia ele lascou muita lenha para o Cassol, mantendo-se ocupado. Em Rocinha nasceram e foram batizadas as três meninas, dos cinco filhos e a mais velha fez a iniciação escolar. Participavam da vida de Comunidade religiosa, escolar e esportiva. Lembra das noites que jogavam futebol na quadra. “Era só alguém ligar as luzes da quadra que gente se juntava para bater bola. A gente tem saudade do tempo que morou em Rocinha. Era bom, mas tivemos que sair”, afirma Vilson.

Em 1990 transferiu residência para Cruzeiro - Santa Rosa, onde vive até os dias atuais. Adquiriu um lote, e fez uma casa de madeira para morar. Mais tarde ampliou o terreno adquirindo, mais um terreno vizinho. Fez uma boa horta onde se envolve nas horas vagas. Construiu uma casa boa de alvenaria. Conquistas feitas pelas economias, fruto do seu trabalho.

Nos seis primeiros anos Wilson trabalhou na fabricação de tubos para a empresa Lorenz. Trabalha até hoje na coleta de lixo para a Prefeitura Municipal de Santa Rosa, apesar das muitas desmotivações por parte de colegas e amigos, dizendo que não teria chance. Acreditou e si prestou o concurso e poucos dias depois foi chamado para assumir, no Setor de Obras. Leocir trabalhou por alguns meses numa Creche, cuida do lar e de sua saúde, pois é diabética.

FILHOS E DESCENDÊNCIA: TERESINHA x Davi Felipe dos Santos (2 filhos); FABIANA x Junior Pacheco Pimentel (1 filho); ÂNGELA CRISTINA; DANIELI (1 filho em gestação); e WILLIAM.

DALCIN, ISIDORO ANTÔNIO e ERMENEGILDA CANAL

O casal de imigrantes italianos João Dalcin (1857-1942) e de Ângela Dafre (1859-1946), se estabeleceram em Monte Negro. Antônio Isidoro Dalcin é o quarto dos 6 filhos, conhecido também por Jorge, (19/07/1904 - 19/08/1952), se casou com Gisela Canal. No primeiro parto morreram mãe e filho. Isidoro se casou novamente com a Ermenegilda Canal (13/04/1904 – 02/01/1976) irmã de Gisela.

Veio para a região no ano de 1939 já com 7 filhos, de trem até Santa Rosa, de carroça até a Três de Maio e seguiu ao destino ainda desconhecido. Em Rocinha hospedou-se por um curto período na morada de Ernesto Cassol e depois num casebre onde morou Primo Cassol. Muito pobres ajudados pelos amigos, Padoin, Cassol, Compagnoni, Festivo Benedetti, com quem trabalhavam por dia até conseguir comprar a terra por 6 mil reis. Benjamim e Firmo, trabalharam por dia arduamente para chegar a isso. A propriedade permanece com o filho caçula Marino Dalcin e herdeiros de Nelson Dalcin.

Desbravaram o mato para abrir espaço e construir a morada. Casa com porão, onde era a cozinha e também a indústria de queijos. Na parte superior os quartos onde o assoalho não era pregado.

A filha Lúcia, aqui nasceu após três meses da chegada. Lembra da casa de chão batido, a nova casa, o fogo de chão, a primeira chapa de fogão já na casa com assoalho, o fogão de ferro de 2ª mão que tinha caldeira ao lado. “Era chique”. A lamparina de querosene, ou banha quando faltava querosene iluminava as noites escuras e garantia o “fumacê e pacumã” nas paredes, que precisavam ser retirados com frequência.

Cada ano fazia uma roça nova para plantar milho, feijão, arroz, trigo. Criavam porco e vaca de leite para subsistência. O sol começou afetar a saúde de Antônio e ele buscou uma alternativa de trabalho que já conhecia em sua terra natal. Montou uma indústria de queijos. Comprava leite da vizinhança. O leite era transportado em lombo de cavalo, carrinho, aranha, pelo filho Nelson, Bonifácio Jeziorski e Julio Bellon. Em 2 panelões fazia 5 a 6 formas de queijos por dia que eram vendidos em Três de Maio. Perdurou até o começo da década quando Antônio, com a saúde debilitada faleceu em 1952, vítima de úlcera estomacal.

Antônio Isidoro foi uma pessoa corajosa, empreendedora tanto na família quanto na comunidade. Incentivou os filhos a ousar na busca de profissões diferentes. Pedreiro como foi o caso do Firmo, na construção da capela, ferreiro e técnico em eletrônica, o Alécio.

Família tradicional com talento para a música e cantoria desde as colônias velhas. Antônio trouxe consigo um livro de notas musicais, que utilizava para cantar em casa e nas rezas na capela. No tempo do Padre Emílio a família Dalcin, juntamente com Compagnoni, Benedetti e outras pessoas, cantavam a missa, surpreendendo o Padre pelo alto nível e vozes. O talento musical e vocal se destaca no neto Flávio Dalcin, compositor e músico que formou os grupos musicais Sangue Latino, Banda Ouro além de tocar em bandas como Corpo e Alma, Terceira Dimensão, e outras.

A família Dalcin sempre se envolveu em atividades comunitárias, integrando diretoria, sacristão, catequistas, três filhos Ministros extraordinários da Palavra e da Eucaristia.

Antônio foi Presidente na Comunidade e em sua gestão foi construído o “Bolicho” quadrado. Ermenegilda nasceu em Monte Negro aos 13/04/1904 e faleceu aos 02/01/1976, após um período de isquemia cerebral. O casal está sepultado no cemitério de Rocinha.

Filhos: Benjamin, Firmo, Zenaide, Maria, Alécio, Silvano, Nelson, Lúcia, Zélia e Marino

Casados e Filhos: BENJAMIM X Helena Padoin: (11 filhos); FIRMO X Gertrude Lorenzet (8 filhos); ZENAIDE X Izino Cassol: (10 filhos); MARIA X Mateus Cassol: (10 filhos); ALÉCIO X Vilma Idalgo: (3 filhos); SILVANO X Ilse Homerdinger: (11 filhos); NELSON X Rosália Antonia Tibolla: (6 filhos); ZÉLIA X Danilo Busanello: (4 filhos); MARINO X Rosa Padoin: (4 filhos).

Observação: DOMINGOS DALCIN e LEONORA CANAL

Primo de Antônio Isidoro Dalcin, por alguns anos viveram em Rocinha. Primeiro residiu na casa que pertencia a Pedro Compagnoni. Depois, foi morar próximo do cunhado Osório Cousseau. Leonora era irmã da Assunta, esposa do Osório Cousseau. Testemunhas afirmam que as irmãs se desentendiam seguidamente e Domingos então decidiu retornar as Colônias Velhas com a família composta de poucos filhos. Temos apenas duas fotos que documenta esta família. Uma do casal e de uma filha que foi colega de escola da Lúcia Dalcin Telka. Domingos faleceu em 2006 com 80 anos em Serafina Correa.

DALL ROSS, FIORENTINO e LÚCIA PADOIM

Fiorentino Emílio Dall Ross, nascido aos 4/11/1935, em 1960, casou com Lúcia Padoim, filha de Luiz Padoin e Maria Busatto. Veio residir em Rocinha, numa área de 38 hectares, que Lúcia herdou de seus pais.

Seus pais Luiz Dall Ross e Florinda Gaulpi, naturais de Pejuçara, transferiram residência para Mato Queimado, Independência, com os filhos: *Fiorentino*, Lídio, *Delfino*, Mario, Vicente e Jorge.

Somente os irmãos Fiorentino e Delfino, casados, fizeram parte da comunidade de Rocinha.

Começaram fazendo roça, derrubando duas quartas de mato, para construir a morada que foi um galpão próximo da água, terreno pedregoso adequada para potreiro, deixando o restante de melhor qualidade para lavoura. O galpão servia para morar e armazenar os produtos colhidos. Fiorentino e Lúcia, de serrote, cortavam as toras que eram mandadas para a serraria e cortavam lenha de metro para vender na olaria em troca de tijolos. Seis anos após conseguiram construíram a casa de alvenaria, onde hoje vive a Lúcia com o filho Érico e família.

Conforme diz Lúcia: “Foi muito trabalho para fazer tanta roça a machado, serrote, lavrar a boi, plantar em bico de máquina, colher a foicinha por muito tempo e só mais tarde com o trator.”

Fiorentino, homem simples, integrado a comunidade com a família, de coração tradicionalista, sempre usou bombachas e lenço no pescoço. Grande incentivador do Tradicionalismo Gaúcho. Logo ao chegar aqui ajudou construir o primeiro galpão crioulo na época do professor Corteze. Em 1988 liderou a construção de um novo galpão Crioulo que levou o nome Gaudério Fiorentino, onde hoje está construída a ala da cozinha destinada aos panelões de polenta e massa, na tradicional janta Italiana, anexo ao salão da comunidade. Foi grande incentivador das cavalgadas, na busca da Chama Crioula, durante a semana Farroupilha, acolhendo-a com muito orgulho no rancho de chão batido. Fiorentino sempre se dedicou e se destacou na habilidade musical, em gaita de boca. Conquistou vários troféus, em concursos regionais e Estaduais. Em outubro de 1992, representado a 20ª Região tradicionalista, na cidade de Farroupilha, conquistou o 2º lugar estadual. Os troféus permanecem na residência da família, juntamente com um CD, montado por Paulo de Tarso a partir de fita K7, das músicas por ele tocadas. O filho Érico e o neto Miguel, continuam no tradicionalismo mantendo um parque de Rodeios em sua propriedade.

Com o assassinato do filho Luiz, em Goiás, no ano de 1993, Fiorentino, ficou muito abalado.

Em consequência de um tumor maligno, após 53 dias de enfermidade, Fiorentino com 59 anos, faleceu no dia 29/07/1994, dia de São Pedro, padroeiro do Rio Grande do Sul. Na celebração de sepultamento foi notável o quanto Fiorentino era querido, estimado, amado por todos e de modo especial pelos Tradicionalistas Gaúchos que marcaram presença com emocionadas homenagens.

FILHOS E DESCENDÊNCIA: LUIZ CARLOS x Miriam Mello (2filhas); MADALENA; IRENE x Antônio Oliveira (2filhos); MARINÊS, ÉRICO x Sandra da Silva (3filhos).

Curiosamente, numa atitude de ousadia, em busca de mais vida e dias melhores, desde 2002 todas as filhas, a nora Miriam e netos estão em Lisboa Portugal. Trabalham na prestação de serviços, principalmente na área da saúde a domicílio, cuidadores de idosos e bebês, serviço domésticos. Fazem a vida de forma muito dedicada. Só permanecem em Rocinha a Lúcia com e filho Érico e família. Aliás, Erico e Sandra, também lá permaneceram por 6 meses no ano 2006. Neste ano de 2007, Lúcia acompanhada pelas filhas, foi visitar os familiares e conhecer vários locais turísticos em Portugal entre os quais o Santuário de Fátima. Aos mostrar as fotos, emocionada comenta os locais que visitou.

DALL ROSS, DELFINO e INÊS LORENCET

DELFINO DALL ROSS, nasceu no ano de 1940, em 1965 casou com Inês Lorencet, filha de Francisco Lorencet e Tereza De Bortoli. Estabeleceram sua morada e constituíram família próximos a propriedade do irmão Fiorentino e cunhado Euclides Lorencet. Hoje terra pertence a Elio Pitton e Pio Rama.

Nesta comunidade eles casaram e as crianças fizeram sua iniciação cristã e escolar. Inês foi catequista.

Em abril de 1982 mudaram para Jataí – Goiás para trabalhar na fazenda de seu irmão Jorge. Delfino faleceu na década de 90 e Inês permaneceu com a família na fazenda trabalhando como doméstica. Hoje está na cidade. Ernani, o filho mais velho, ocupou os 300 hectares de direito, saindo da fazenda do tio Jorge.

FILHOS E DESCENDÊNCIA: ERNANI x Joana (3 filhos); MARGARETE x : (3 filhos); ALOISIO x : (1 filho); ÉDER.

DE CARLI, IZIDORO e CATHARINA PERINAZZO

Catharina Perinazzo, 01/10/1905 - 12/07/1983, filha de Vitório Perinazzo e Tereza Tenetin, natural de Veranópolis. Casada com Isidoro integrou a vida da comunidade tomando parte ativa enquanto a saúde lhe permitia. Os filhos lembram que ela ajudava a Thereza Benedetti preparar as refeições para Padres e Bispo quando visitavam Rocinha. Catharina foi uma pessoa com talento vocal para cantar. Muito doente em decorrência de uma flebite, ocorrida após o nascimento de Natalina, mal lhe acompanhou por toda a vida. Faleceu em decorrência de um AVC – Acidente Vascular Cerebral.

Isidoro, nasceu em Guaporé, 25/06/1901- 26/06/1981, é o décimo dos treze filhos de João De Carli e Tereza Debastiani. Com os pais residiu em Carazinho e Três de Maio. Solteiro, com 18 anos, veio para Rocinha como auxiliar dos agrimensores e guarda-costas do Capitão. Por esta razão foi privilegiados na escolha das terras adquiridas do Governo do Estado. Foram quatro colônias ao preço de 2:8000\$000(dois milhões e oitocentos mil réis). Recebeu o título de propriedade em 1931. Este pioneiro desde sua chegada em Rocinha, no ano de 1919, foi um dos construtores da Comunidade.

Logo após demarcar a área da propriedade Isidoro começou trabalhar. Construiu uma pequena casa com madeira retirada de sua terra e por ele beneficiada e ali, solteiro, morou por quatro anos. Seu companheiro de morada, o irmão Evaristo, foi picado por uma cobra e ficou só. Seu pai o aconselhou casar com Catharina, filha de família tradicional que residia em São Caetano, com quem namorava a algum tempo. E o casamento foi realizado e 1923.

Isidoro, alguns meses após o casamento foi convocado para servir o Exército e partiu enquanto Catharina, grávida, esperava o primeiro filho. Neste período as irmãs e irmãos de Catharina lhe fizeram companhia. Quando Isidoro retornou do quartel o filho já havia nascido

Constituiu família e fez a vida em Rocinha onde nasceram oito filhos. Em 1947 construiu uma nova casa, grande de alvenaria onde nasceu a caçula, Natalina, que permaneceu na companhia dos pais, assistindo-os na longevidade, até o final de suas vidas.

A família De Carli se dedicou ao cultivo de subsistência, criação de suínos, pomar com frutas, parreiral e carijo de erva mate. Foi fundador do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. O primeiro bloco de produtor rural emitido foi o seu.

Orientou os filhos para valores fundamentais como a unidade da família, na boa educação moral e ética, prática da oração diária em família, espírito de solidariedade e política da boa vizinhança, prática do mutirão, entre - ajuda na vizinhança, respeito às pessoas mais velhas, participação na vida da Comunidade como segunda família. Dizia que os filhos precisavam estudar, pois o mundo evoluía e incentivou as filhas para o serviço de enfermagem.

Isidoro sempre foi uma pessoa alegre na família e na comunidade. Gostava de cantar, dançar, namorar, tocar flauta e gaita de boca. Vários netos desenvolvem atividades relacionadas a música e artes tais como piano, órgão, teclado, violão e balé. Improvisar versos rimados era outra qualidade do Isidoro. Costumava recitar e ensinava para os filhos e netos seus versos ainda hoje lembrados pelos filhos e netos que mostram o espírito que o identificava, alegre e poético:

Ezímio cantor, integrava o grupo das cantorias a noite, respondendo para os vizinhos Turra e Tibolla mais afastados, os quais tinham a mesma prática. Voz afinada, com Catharina e as vizinhas Angelina e Virgínia Turra cantavam com muita animação quando as famílias se reuniam nos encontros da Ação Católica na casa do vizinho Giacomino Turra. Integrou o grupo de cantores nas celebrações da comunidade, Congregados Marianos, Apostolado da Oração. Foi devoto do Sagrado Coração de Jesus e incentivou os filhos a segui-lo.

Isidoro, um dos desbravadores na localidade, lembrava aos filhos seu pioneirismo e aventuras nesse novo lugar. Contava que aqui existia muita erva-mate nativa que os ervateiros do campo vinham fazer a colheita.

Na época fizeram uma pequena roça e plantaram milho. Quando Isidoro veio para cá, naquela rocinha morava o Mambuca, nas proximidades onde hoje reside Pio Rama e passou a ser referência de localização para os agrimensores e pioneiros. Esta mesma rocinha serviu de inspiração para identificar a localidade de ROCINHA até os dias atuais

Fundador da comunidade Nossa Senhora da Saúde atuou em diversas atividades e na diretoria, também se dedicou a escola e ao esporte, seguido pelos filhos. Roçou o espaço para fazer o primeiro cemitério oficial da Comunidade, próximo ao prédio da FAG, para sepultar Isidoro Scalabin.

Um episódio que marcou a bravura de Isidoro, na ocasião vice-presidente e Giacomino presidente da comunidade, foi quando Artur Arão, homem temido por todos, andava pela região e num domingo de festa quando se realizava a procissão com a imagem de Nossa Senhora. O temido homem chegou a cavalo e se negou a participar da procissão. Isidoro ordenou ao mesmo que integrasse a procissão ou se retirasse do local. Ele se retirou. Todos ficaram apreensivos durante toda a festa, temendo sua volta. Isidoro, hábil na artilharia se equipou para prevenir a defesa de todos. Só no dia seguinte, quando os festeiros estavam reunidos o temido apareceu novamente. Liberato, num ato de bravura e fé, pediu confirmação se Isidoro estava prevenido para o confronto. Então traçou sobre si o sinal da cruz, tapeou o chapéu e com uma faca na mão foi dizendo: "se for homem sério, venha..." O temido Artur Arão, deu de ré montou em seu cavalo, e não mais voltou na localidade.

A partir de 1971 até 1985 os filhos casados migraram ao estado do Paraná para onde foram também transladados os restos mortais de Isidoro e Catharina.

FILHOS E DESCENDÊNCIA: VENDREMINO x Bromilda Segatto (8 filhos e 15 netos); IZOMIRA x Algiro Bandeira (3 filhos e 6 netos); MARIA x Arnaldo Meneguini (6 filhos e 5 netos); VALDOMIRO x Vilma Concli (6 filhos e 13 netos); TEREZA x Primo Rigatto; VENERATO x Lorencina Lunardi (2 filhas e 3 netas, destas 2 gêmeas); VITALINO x Maria Faccim (1 filha e 2 netos); VICENTE x Elide Baú (5 filhos, destes 2 gêmeos e 2 netos); NATALINA, solteira (uma filha adotada).

Complementarmente a história de Isidoro e Catarina destacamos algumas informações que eram bisavós paternos VITOR DE CARLI e LUIZA GRISS, bisavós maternos DOMINGO DEBASTIANI e POLÔNIA ARGENTA, avós JOÃO DE CARLI e TEREZA DEBASTIANI.

"A família De Carli morava em Feltre, província de Beluno. Era uma família nobre, possuía castelos e perderam tudo quando o bisavô foi fiador de gado na Suíça. Quando vovô João era pequeno os parentes diziam a eles "este, aquele e mais aquele castelo eram nossos", tudo perdido em vista da dívida.

Na época da guerra vovô João foi ao campo de batalha e ficou doente. O médico que o atendeu lhe disse: "Você não tem nada e diz isto porque não quer ficar na guerra". Esta dor que sentia no estômago foi sua companheira por toda a vida.

Antes de casar João trabalhava numa leiteria na fabricação de queijos. Casou-se em Feltre e tiveram cinco filhos: Maria, Ercílio, Pompeu, Ventino, Orália e Evaristo (falecido com 18 meses).

Na Itália, durante o inverno, ficavam dentro de casa e em baixo dela o gado se abrigava e assim a temperatura da casa era amena. As mulheres teciam o fio durante todo o inverno. Ainda na Itália tio Ercílio aprendeu a ler português com seu professor o pároco em Feltre.

Para o Brasil, vieram pobres, vovô grávida do sexto filho, trouxeram quarenta pares de lençóis feitos por ela, poucas roupas de inverno pois disseram que no Brasil era bastante quente. Ninguém passou frio, pois a providência de Deus os acompanhava. Chegaram em 1897 e ancoraram no Rio Grande do Sul.

Com boas informações sobre qualidade das terras tinham como destino Guaporé, para onde transportaram a mudança em cargueiros e o tio Betino foi colocado dentro do cesto para fazer conta-peso da carga.

Após a chegada ao destino vovô Tereza deu a luz ao primeiro filho em terras brasileiras, o Evaristo, e depois nasceram Ilda, Itália, Docile, **Isidoro**, Bruno, Ester e Amore.

Viveram por vários anos em Guaporé, depois vovô João comprou terras em Colorado - Passo Fundo e mais tarde adquiriram terras em Três de Maio na localidade de Nossa Senhora do Carmo onde ajudou fundar a Comunidade.

Maria e Orália casaram em Guaporé e os demais em Três de Maio.

Os parentes da vovô Debastiani nunca escreveram para ela, mas a família De Carli, Vovô escreveu muito e enquanto tio Ercílio estava vivo mantinha correspondência.

Carlos e Marina, tios de vovô João, também vieram solteiros ao Brasil, mas sem localização determinada. Em São Paulo existem de Carli possivelmente sejam parentes.

O vovô João tinha apenas um irmão, Osvaldo, que permaneceu na Itália. Sua mãe morreu com problemas pulmonares. Das famílias De Carli e Perinazzo várias mulheres optaram pela vida religiosa, entre as quais destacamos Ir. Etelvina, Ir. Ester, Ir. Ermelinda, Ir. Mercedes, Ir. Sílvia e Ir. Zenaide. Vovô Tereza Debastiani faleceu em 1932 na em Nossa Senhora do Carmo. A partir daí, vovô João ficou sob os cuidados do tio Amore na mesma localidade e depois em Tenente Portela.

Era um homem de fé, justiça, amor e de caridade. Não perdia missa. Carinhoso com os netos e ensinava-lhes as ciências da vida. Ao aproximar-se do meio os chamava para perto de si e com uma varinha na mão, aguardava o ponto do meio dia então cravava a varinha no chão e lhes dizia: "amanhã, quando o sol chegar nesta vara, vocês me chamam para almoçar, pois era exatamente o meio dia".

Numa sexta feira de outubro, bem cedo, vovô foi a capela se encontrar com o Padre Albino e lhe pediu para se confessar e comungar. Após rezar voltou para casa sentiu-se fraco e foi deitar-se, enquanto a tia Severino lhe preparava um chá. Ao terminar o chá ele agonizava. Faleceu no dia 18/10/1951. Foram 86 anos voltados para Deus e os irmãos.

DEMBOGUSRKI, ESTÊVÃO e MARIA BENEDETTI

Estevão é neto de famílias polonesas originárias da Ucrânia, Matias Dembogurski e Sofia KrueI, Simão e Marcelina Metzka. Seu avô, Matias, o imigrante, quando veio para esta região requereu sete colônias de terra, situadas na barra do lajeado Tigre. Mais tarde as terras foram herdadas pelos três filhos, nestas condições: cinco colônias foram transferidas para Miguel, uma e meia colônias couberam ao Pedro e meia colônia pertenceu a João. Parte desta área, hoje permanece com os bisnetos Matias e Simão. A área se estendia ao longo do riacho que permeia o Parque de Rodeio Silva.

Residiam nos fundos da propriedade, próximos ao Lajeado Tigre, com os filhos MIGUEL (pai de Estevão), PEDRO, JOÃO, MARIA e JULIA.

Esta família participou na formação da comunidade de Rocinha.

MIGUEL DEMBOGURSKI casou com Helena Metzka e tiveram 7 filhos: ESTÊVÃO casou com Maria Benedetti, FRANCISCO casou com *Maria* Adorian, ANTÔNIO casou com Maria Demboski, JOSÉ casou com *Maria* Bellon, EVA casou com Aurélio Belom; ANA com *João* Belom e RICO com *Maria* Roberti.

PEDRO DEMBOGURSKI casou com Tereza Metzka e tiveram 15 filhos: Maria, Helena, Ana, JOÃO, Miguel, Alexandre, Adão, Ermelinda, Messias, Eva, Santa Lurdes, Eduardo e Germano. Os primeiros cinco nasceram neste local os demais em Bela Vista, para onde o casal se transferiu.

JOÃO DEMBOGURSKI casou com *Maria* Kura tiveram duas filhas, Maria e Julia, foi residir em Pitanga - Horizontina. MARIA casou com João Müller e permaneceu em Lajeado Tigre, hoje propriedade de Danira Corso. JULIA casada com José Baldissera fixou residência em Pitanga.

O filho João nascido aos 24/06/1930, na barra do Lajeado Tigre, casou com a Professora OTÍLIA DA CUNHA, nascida aos 15/09/1932, em Quarainzinho, filha de João Correa da Silva e Diva César da Silva. O casal residiu na Escola Rural de Rocinha de 1952 a 1960 onde se integraram na comunidade destacando-se nas atividades educacionais, sociais, religiosas, hospedagem e refeições para o padre.

Durante o Governo Dornelles foram criadas algumas *Escolas Rurais Isoladas* com o objetivo de dar formação especializada aos alunos e comunidade, do meio Rural, na criação de animais de raça e plantas de qualidade. Rocinha foi contemplada com uma unidade escolar e eram necessários professores formados. Foi então que Otília da Cunha foi indicada para integrar-se na implantação daquela novidade para a época, pois cursava a Escola Técnica em Viamão, concluído em Santa Cruz. Assumiu a escola Rural Isolada de Rocinha, dois anos após sua construção e permaneceu na direção até 1960. Alguns anos com muitos alunos. Quando Prof. Estefano Wastowski saiu, ela ficou sozinha, por dois anos, com 120 alunos desdobrando os turnos, sem receber proventos.

João, atendendo os objetivos da Escola Rural, adquiriu a primeira chocadeira de pintos, equipamento mais tarde vendido para a Escola Técnica Getúlio Vargas Três de Maio. Em 1959 João assumiu como professor. "Foram anos de muitas atividades e envolvimento na escola e na comunidade" diz Otília. Com a chegada de Prof. Albino Ivanowski, João e Otília transferiram residência para a localidade de Quarainzinho. Continuaram no magistério em escolas vizinhas até se aposentarem. Tem dois filhos, Ivan que é Coordenador Regional do INSS em Ijuí e João Pedro, professor Universitário

MIGUEL e Helena com a FAMÍLIA permaneceram na localidade. Dedicado à criação de abelhas e produção de mel que vendia no comércio da região. Era gaiteiro de 8 baixos, para animar os encontros e festinhas familiares. O filho **Estevão** apropriou-se de parte da área de terra. Matias e Simão herdeiros das propriedades mantêm na atividade agropecuária, dedicam-se a Suinocultura e pecuária leiteira, estão ligados e integrados na vida da comunidade local.

ESTEVÃO foi uma pessoa muito inovadora e criativa na "engenharia artesanal" em sua propriedade. Montava e desmontava máquinas, "engenhava" outras, para facilitar o trabalho. Na construção de sua casa de alvenaria, revela suas especialidades inventivas. Foi proprietário do primeiro caminhão da região e do primeiro Ônibus, que fazia linha diariamente, de Rocinha a Três de Maio, ainda na década de 50. Foi um bom jogador de futebol, do Esporte Clube Fátima. Como presidente da comunidade, tirou do esquecimento os estatutos elaborados em 1945, para ser conhecido pelos sócios.

Estevão acometido de derrame permaneceu enfermo com seqüelas sob os cuidados da filha Ana e dos filhos Simão e Matias, vindo a falecer em 18/08/1988. A esposa Maria, ainda jovem foi vítima fatal de um enfarto, em 26/11/1985. Ambos foram sepultados no cemitério local.

Filhos e descendentes de ESTÊVÃO X Maria Benedetti: LIDIO x Carmy Riffel (2 filhos), ALBANO x Lurdes Sichirski (2 filhos), ELIAS x Solange Miller (3 filhos) ; SIMÃO x Adriane Roratto (2 filhos); MATIAS x Fátima Alecknovik (2 filhos); ANA x Elemar Kuhn (02 filhos).

DEMBOSKI, FELIX E ESTEFÂNIA

Imigrante, proveniente da Polônia, se estabeleceu em Ijuí, sem data precisa. Casados em Ijuí. Residiram nos municípios de Santa Rosa, Independência, e por fim Três de Maio. Morou de agregado de Altamiro Benedetti de 1946 até 1950. Cultivava as roças para Altamiro e José Benedetti. Além da agricultura trabalhava de carpinteiro. Passou a residir em vários lugares. Por fim, já idosos vieram morar próximo do filho Wadislau, em Rocinha, num período aproximado de 10 anos, até falecer. Felix nasceu aos 12/05/1891 e morreu aos 25/11/1986. Estefânia nasceu aos 13/04/1898 e morreu aos 27/03/1983, ambos estão sepultados no cemitério local.

Filhos: Adão, Eva, Genoefa, Florindo, Florinda, Wadislau, Tomaz, Filomena, Leonardo, Olívia e Rosa. Apenas Wadislau se estabeleceu em Rocinha os demais migraram para outras regiões.

DEMBOSKI, WADISLAU e LEONORA COMPAGNONI

Wadislau nasceu em Bela União - Santa Rosa 19/02/1927. Leonora, filha de Pedro Compagnoni e Clementina Gandolfi, nasceu em Monte Negro, 24/12/1922. Casaram no dia 09/07/1951. Fixaram a primeira residência por 4 anos, na terra de Pedro Compagnoni, proximidades onde hoje reside a Danira Corso. Quando esta área foi vendida para Cassol e depois para o Corso, Wadislau passou a residir por mais 4 anos na Comunidade de Nossa Senhora dos Navegantes na propriedade que depois foi vendida para Guerino Tolfo. Convidado pelo sogro, que lhe vendeu 10 hectares, Wadislau retornou a Rocinha, se estabelecendo na área onde reside. Mais tarde, Leonora herdou mais 3 hectares anexadas a propriedade do casal que permanece integrando a comunidade local.

Além da agricultura Wadislau foi pedreiro, marceneiro, coveiro, construtor de casas, prestador de serviços na comunidade e arredores.

Clementina Compagnoni viveu os últimos anos de sua vida com a filha Leonora e família. Foram 23 anos em sua companhia e 17 anos acamada, com atrofia muscular dos membros inferiores. Ao lado, também a família dava atendimento ao casal já idoso e doente Felix e Estefânia.

Filhos: Inês, Marlene, Inelse, Helio, Roque, Maria, Osvaldo e Pedro.

Inês X Marino Macuglia (2 filhos); Marlene X Leonildo Capelari (3 filhos); Inelse X Emílio Dallemolle (1 filho); Roque X Eliane Saldanha (2 filhos); Maria Madalena X Gilmar Pereira da Silva (3 filhos); Osvaldo X Jussara Alves (1 filho); Pedro X Analice Irineu Cardoso.

DONADUZI, JOÃO DARI e LIVA FELZKE

João Dari, natural de Jaguari, filho de Hermínio e Josefina Frasson Donaduzzi, neto de Ângelo Donaduzzi, Maria Lúcia Pavan, João Frasson (imigrante italiano) e Lúcia Lunardio. Foi interno no Colégio Lasalista – Cerro Largo RS onde concluiu seus estudos em 1965. Neste mesmo ano iniciou sua vida profissional. O Casal se transferiu para Rocinha em 1968 e permaneceu por 14 anos na Escola Pedro Múncio Compagnoni. Em 1978 concluiu o Curso Superior de Geografia em Ijuí. Em 1982 o casal transferiu residência para Santa Maria onde reside até o momento. Hoje, ambos aposentados, curtem os três netos e com a graça de Deus desejam vê-los crescer sadios e felizes.

Liva Felzke, natural de Tuanciretã, filha de Germano Júlio Felske e Dalira Kaizer, neta de Balduino e Carolina F. Kaiser. Emilo Felski (imigrante alemão) e Maria S. Felske. Na infância residiu em Vila Cascata – Horizontina e interna no Colégio Normal Getúlio Vargas – Três de Maio. Em 1965 iniciou a vida profissional em Lageado Pessegueiro – Independência. Aos 24/02/1968 casou-se com João Dari Donaduzzi. Realizou estudos no Colégio Pio XII, noturno, em 1973 e 1974 e concluiu o magistério no Colégio Dom Hermeto em 1975 e o curso superior em Estudos Sociais em 1981 na cidade de Ijuí.

Em 1969 nasceu a filha Geane Cristine, casada com Gesolito Oliveira Anhaia. Formada em Pedagogia Educação Infantil e Especialista em Gestão Escolar. É sócia proprietária de empresa de brinquedos de recreação para eventos em geral na cidade de Santa Maria. Tem o filho Cristian com 12 anos.

Em 1975 nasceu a filha Dariane, técnica em Processamento de Dados e cursa o 4º semestre de Ciências Contábeis em Santiago, onde reside. Casada com Marcelo F. de Souza e tem uma filha, Maiara, com 3 anos.

Em 1977 nasceu o filho Gederson, formado em Eletroeletrônica e cursa Administração em Comércio Exterior. Gerente da AES Sul – regional São Gabriel, casado com Aline e tem um filho, Miguel, de oito anos.

Em 1982 nasceu Danuza, professora de Letras e Literatura, noiva de Claudiomiro Brum, de Jaguari.

FERRARI, ÂNGELO E CATHARINA LUIZA VENTURINI

Ângelo nasceu na 4ª colônia de Santa Maria, no distrito de Silveira Martins. É filho de dois imigrantes italianos Baptista Ferrari e Regina Giacomini.

Catharina, natural da mesma região (10/08/1911 e 11/10/2004), filha dos imigrantes italianos Antônio Venturini e de Regina Gubiani.

Em Silveira Martins eram vizinhas as famílias Ferrari, Venturini, Maraschim e Roratto.

Ângelo e Catharina casaram em 1929 em Silveira Martins. Vieram residir em Rocinha no ano de 1944, já com as cinco filhas. Aqui nasceram mais cinco filhos. Carroça foi o meio utilizado para transportar a mudança durante vários dias. Estabeleceram-se na propriedade que pertence atualmente a Filomena Somavilla e filho. De mudança vieram juntos o irmão Ernesto, o cunhado Giovanni (Joanim) Venturini, a Família de João Maraschim e Maria da Glória Araújo. Estes últimos foram acolhidos e residiram na propriedade de Pedro Compagnoni. Mais tarde vieram também os vizinhos das colônias velhas, os Roratto, em busca de um lugar para morar.

Foi o Ângelo quem os ajudou encontrar uma área de terra, localizada onde atualmente está localizada a Comunidade Santo Antônio

Ao chegar no local Catharina chorou muito, pois havia muita formiga, tanto que lhe causava temor viver nesta terra. Vilmar conta que a mãe os lembrava seguidamente este fato. A casa era de madeira, coberta de tabuinha, e ripas de coqueiro

Em 1943, Ângelo veio procurar terra e um lugar para morar, viver, trabalhar e colocar os filhos.

Andou pela região onde, hoje é São Caetano e os moradores lá existentes, indicaram possível local das terras do governo, disponíveis para a venda. Subiu a coxilha e se agradou do local. Adquiriu 50 hectares, ficou com 29 e partilhou 21 com o irmão Ernesto, quando o mesmo casou com uma filha da família Barros. A área hoje pertencente a Alberto Benedetti, Ruaro e Simão Dembogurski.

Quando diminuía as chuvas, faltava água na moradia de Ernesto. Com dificuldades precisava buscá-la na propriedade de Ângelo. Esta penúria o fez transferir residência, mais adiante onde havia água em abundância, junto com o sogro Barros, localizado onde atualmente é Beato Anchieta. No Ano de 1974, Ernesto transferiu residência para Argentina. Com ele foi sua família, e os sobrinhos Euclides e Marcelino Ferrari. Lá permanecem até os dias atuais como agricultores.

Após casados os filhos de Ângelo e Catharina foram residir em Giruá, São Paulo, Paraná e Argentina, enquanto Vilmar e Celestino (Tino) permanecem em Rocinha.

Em 1975, Vilmar adquiriu uma Kombi, para transportar estudantes para Três de Maio de dia e para Tucunduva à noite. Isto possibilitou a muitos filhos da comunidade prosseguir os estudos e continuar a ajudar os pais em casa ou na roça. Até então, prosseguir os estudos, era privilégio de poucos quem tinha condições de pagar um internato, ou raramente em casa de famílias ou parentes na cidade. A Kombi foi o começo de uma nova etapa na vida das novas gerações da época. Em pouco tempo foi necessário um ônibus, para atender a demanda de estudantes.

O transporte de passageiros e estudantes continua até hoje.

Vilmar lembra seu pai realizando atividades de carpinteiro. Um estaleiro montado, onde seu pai e o tio Ernesto, serravam madeira para fazer o galpão. Cedo da manhã o tio “Juanim” começava trabalhar na roça. Mais tarde, era o Vilmar que ainda pequeno, levava o café numa cesta (sporta feita da palha do trigo trançada ou feita de vime tramada), para ele tomar, já suado do serviço realizado. Era costume fazer isso também por seus irmãos e por outras famílias, pois o serviço era braçal e precisava render. Ainda lembra, quando adolescente, que ajudou quebrar pedras para fazer, o jardim ao lado da capela.

Filhos e Descendência: ALBINA x Alberto Poletti (7 filhos); UMBELINA x Antônio Bonfanti (7 filhos); ALMERINDA x Carlos Adoryan (3 filhos); MERCEDES x Aloísio Altman (4 filhos); HELENA x Vitélio Lanzarin (5 filhos); EUCLIDES x Nadir Lanzarin (4 filhos); CELESTINO, MARCELINO x Olga Machado (4 filhos) e VILMAR x Filomena Ferrari (1 filho).

FIorentini, João e Líbera Benedetti

JOÃO FIORENTINI nasceu na Itália em 29 de outubro de 1914. Casou com LIBERA ITÁLIA BENEDETTI constituíram família, e passaram residir na propriedade cuja residência ainda permanece com o Filho Carlos Alberto. Hoje com agroindústria de embutidos de suíno. A Colônia de terras foi vendida para vários proprietários.

Sua geração de 14 FILHOS: MARIA (Missionária da Consolata - Irmã Rosinês) está na Colômbia, ANA: (1 filho); INÊS (Religiosa Missionária da Consolata; DANIEL X Iraci: (3 filhos); IRINEU X Aydi: (1 filho); MARCELINO (+) X Lódia (5 filhos); BEATRIZ X Delci Servat: (2 filhos); IVO (+); VICENTE X Vera (2 filhos); CARLOS ALBERTO X Marli: (2 filhos); JOÃO TADEU X Bianca: (3 filhos), TERESINHA, ÂNGELA MARIA e ISABEL CRISTINA (+).

Possibilitaram aos filhos oportunidade de estudar, e seguir diferentes ramos de atividade agricultura, duas religiosas, professores, funcionários públicos, empresário, aeronauta.

O João Tadeu seguiu a carreira militar na Aeronáutica, dedicado ao setor de resgate e salvamento. Merece destaque como bom conterrâneo ligado as raízes de sua terra natal, Rocinha. Na simplicidade e ousadia afirmava para seus colegas de farda, que “Rocinha era a capital do mundo” numa forma de enaltecer sua terra e criar expectativas para que viessem conhecê-la. Durante sua formação em treinamentos e missões pelas fronteiras do Brasil, surpreendeu a Comunidade de Rocinha pousando com helicópteros no início do ano de 1989. Junto com seus colegas possibilitou uma raríssima oportunidade para muitas pessoas fazer um rápido sobrevôo em 3 helicópteros. Foi uma experiência inédita e muito marcante que continua presente na memória, de todos os que vivenciaram a emoção, de ver do alto este lugar. O carinho pelo qual João Tadeu escolheu para homenagear sua gente e sua terra natal permanece registrado na memória de nossa gente e na história desta comunidade, apesar de não mais contar com a presença se seu saudoso pai.

João Fiorentini integrou diversas diretorias da capela em diversos setores. Um grande cooperador da mesma. Muito religioso e devotado a Igreja especialmente no triênio 1955-1957 quando era Tesoureiro, Pedro Compagnoni Presidente e Claudino Andreazza secretário.

Uma charrete, muito bem cuidada, puxada a cavalo, era o meio de transporte da família nas viagens de casa até a capela e pela região, visitas aos nonos, vizinhos e amigos, ir ao moinho e ao comércio. Esta charrete, em 1986, foi utilizada para realizar passeios, no “1º RITORNARE”, evento realizado pela comunidade com objetivo de reencontrar as pessoas, usos e costumes do passado. Mais tarde, João, adquiriu um automóvel a conhecida “rural willys” com possibilidades de transportar número maior de familiares.

João sofreu um derrame cerebral e por vários anos permaneceu enfermo, vindo a falecer no dia 20 de fevereiro de 1986 com 72 anos. Dia 20 de fevereiro é uma data marcante na vida da família pois lembra o dia do casamento de João e Libera e o falecimento do Ivo, com 10 anos de idade, em 1963.

Libera, mulher alegre, risonha, comunicativa e muito piedosa. Sempre enfrentou as dificuldades e doenças com otimismo. Superou momentos críticos com câncer de mama e fígado com muita fé e esperança, recuperando-se e vivendo saudavelmente por longos anos. Com 81 anos faleceu no dia 08 de novembro de 2003.

Ivo, João, Libera e a caçula Izabel Cristina, falecida em 28/03/2006, estão sepultados no cemitério local.

FIorentini, LUÍS e MARIA OBEROSLER

Luiz Fiorentini nasceu aos 13/11/1875 e Maria Oberosler, nasceu aos 10/08/1876.

Em meio às dificuldades que assolava a Itália, devido guerra, com receio dos filhos serem convocados pelo exército, Luiz com a família apressou-se em vir para o Brasil. Assim mesmo o medo e as dificuldades foram constantes, tanto que alguns filhos se naturalizaram brasileiros neutralizando a identidade italiana. Contudo a saudade da Itália, as lembranças, a cultura e o desejo de para lá retornar, ao menos uma vez, não viu se concretizar, como foi o caso da Justina. Desejava retornar às montanhas, colher as flores alpinas.

Imigrantes Italianos originários de Roncegno, por volta do ano de 1928, com os cinco filhos Mário, João, Justina, Guilherme e José emigraram para o Brasil, após passar pelas agruras da guerra. Chegaram na Ilha das Flores no Rio de Janeiro e rumaram ao Porto de Rio Grande vindo se estabelecer por três anos em Silveira Martins e, após, definitivamente em Rocinha, integrando a vida da comunidade.

Foram acolhidos e hospedados por alguns dias por Ernesto Benedetti que intermediou a aquisição de uma colônia de terras. Construírem uma casa para a família, passaram a residir na propriedade e permaneceram até 1957, quando foi vendida a família De Carli, depois para Zucatto e atualmente é propriedade Benedetti. A família permaneceu na propriedade, até o ano de 1957, quando o filho José vendeu a mesma e rumou a Santa Catarina.

Não bastasse o sofrimento com a guerra, na Itália, aqui se depararam com a perseguição da língua, por parte de agentes espões do governo brasileiro. Este fato causou muito sofrimento e indignação nesta nova pátria, a eles e a todos descendentes vindos da Europa para a colonização das terras, trabalhando para sobreviver, promover o progresso, o desenvolvimento cultural, social e religioso. Junto com a experiência de sofrimento e guerra trouxeram na bagagem a religiosidade e prática da Ação Católica vivida na Itália. A família contribuiu na formação e vida cristã de nossa comunidade, de modo muito especial a filha Justina, que aqui constituiu a família e permaneceu até o fim da vida, como também o João. Prova disso são os dois descendentes, Padres Missionários da Consolata: Élio, filho da Justina e João Rama, Pe. Aquiléo, filho de Guilherme e Rosália Fiorentini. Duas Religiosas, também Missionárias da Consolata Ir. Rosinês e Inês Fiorentini, filhas de João e Libera.

Os Padres Aquiléo e Élio fizeram formação Teológica e Especializações na Itália, foram missionários no continente africano onde por alguns anos dedicaram parte de suas vidas aquele povo. Finda a Guerra moçambicana, a presença dos mesmos, muito contribuiu para a reconstrução da vida, dos valores, da identidade e das comunidades daquele naquele país especialmente na região de atuação. Protagonistas na promoção e surgimento novos padres, que lá “florescem” com pujança e esperança para a Igreja.

Pe. Aquiléo, identificado pela simplicidade, exímia sabedoria, especializado em Missiologia, Psicologia e Espiritualidade, tem atuação fundamental como Formador de novos Padres, Conselheiro Geral. Em 29/07/2007, no cargo de Superior Geral da Congregação, celebrou, em sua comunidade natal, São Brás – Tucunduva – RS, jubilosamente os seus 25 anos de sacerdócio.

Ir. Rosinês atua na Colômbia a mais de 15 anos, no campo da Educação escolar além da Pastoral missionária. Irmã Inês, sempre atuou no Brasil em diferentes lugares, especializada em contabilidade.

Em Rocinha, Luiz e Maria viram seus filhos casar, constituir família, tomar seus rumos na atividade agrícola, na região e em Santa Catarina. Sua descendência, numerosa seguiu os mais diferentes ramos profissionais desde agricultura, Educação, Aeronáutica, vida Religiosa, caracterizados pelo nível cultural que trazem como herança. Estão presentes em diferentes partes do País e exterior, como já referido acima.

O filho João e a filha Justina, constituindo suas respectivas famílias, permaneceram em Rocinha até o fim de suas vidas. Guilherme se estabeleceu na vizinha São Braz. Mario em Esquina Tucunduva e José em Santa Catarina. Seguindo o exemplo de seus pais integrados e co-responsáveis no desenvolvimento, na vida da mesma, em todos os aspectos e setores.

Luiz, uma pessoa simples fazia tamancos com borracha de pneu, “i zoccoli”, para seu uso e demais interessados. Esteve por um tempo enfermo e morreu aos 07/04/1949 com 74 anos.

Maria era uma pessoa séria, severa e ao mesmo tempo amorosa na educação dos filhos. Requisitava, exigia constantemente a presença da filha Justina, casada que vinha de sua casa para prestar-lhe serviços. Perdeu a visão nos últimos anos de sua vida, que lhe fez muito sofrer. Viúva, viveu com a família do filho José e morreu aos 19/11/1954, com 76 anos. Luiz e Maria atingiram longevidade em relação a outros pioneiros. Ambos estão sepultados no cemitério da comunidade local

FILHOS: MARIO casado Gema Guarienti (7 filhos); JOÃO casado com Libera Itália Benedetti (14 filhos); JUSTINA casada com João Rama (8 filhos); GULHERME casado com Rosália Bugnotto (12 filhos); JOSÉ casado com Maria Dallavéchia (7 filhos). Todos os filhos de Luiz e Maria são falecidos.

FREELING, HENRIQUE e IOLANDA VICTÓRIA CORSO

Henrique Freeling, nascido aos 16/04/1914, filho de imigrantes alemães, João Freeling e de Elizabeta Faifemberg. Da Europa vieram e se estabeleceram na região de Bento Gonçalves. Henrique veio para o município de Horizontina.

Iolanda Victória Corso, nascida aos 30/09/1910, filha de Francisco Corso e Maria Picolinetta, neta dos imigrantes italianos Giordano Picolli e Helena Baratto.

Henrique trabalhava de empregado para o irmão da Iolanda quando se conheceram. Após casaram, no dia 09/05/1937 e passaram a residir e constituir família, na propriedade adquirida de Cristiano Padoin no ano de 1938. Propriedade que permanece até os dias atuais, com o filho Izolino e família. Sempre se mantiveram nas atividades ligadas a agricultura e pecuária leiteira, prossegue com os descendentes.

Henrique, uma boa pessoa, faleceu muito jovem com 44 anos no dia 29/09/1958. Está sepultado no Cemitério de Rocinha juntamente com Iolanda que faleceu em 23/07/1997, com 87 anos, após um período de enfermidade. Iolanda sempre foi uma pessoa determinada, alegre, apesar das dificuldades enfrentadas, como viúva, ainda bastante jovem, e com filhos pequenos. Esmerada na orientação dos filhos e netos pelo seu testemunho de vida e de fé. Henrique e Iolanda tiveram 4 filhos: OTILA, DARI, ARI e IZOLINO.

Casamentos e descendência: Iolanda X Luiz Corso (8 filhos); Dari x Ilda Balzan; Ari X Santusa Beltrame (3 filhos); Izolino x Classe Freddo (4 filhos).

FURQUIM, MARCELINO e CARMEM CASTANHA

MARCELINO FURQUIM - natural de Cruz Alta casado com Carmem Castanha, natural de São Miguel das Missões, tiveram 11 filhos. Sempre trabalharam de agregado onde residiram em Rocinha, São Miguel, São Braz, Pitanga e Horizontina, onde morreram.

Em Rocinha integraram a comunidade durante 8 anos entre os anos 1960 e 70, as margens do riacho Loro, onde foi a morada dos Homerding, como agregados de Claudino Andreazza. Os filhos e netos freqüentaram escola local.

“Pais batalhadores, honestos, nos passaram valores e honradez, para lutar pela vida digna. A mãe foi uma mulher corajosa dedicada, exemplo de vida. Quando o filho Natalício viuvou os seus 5 filhos pequenos foram criados pela vó, Carmem, como seus próprios filhos”, diz a filha Alvina. Hoje todos os filhos estão bem sucedidos e vivem em diferentes lugares no Estado e fora dele. São Filhos e descendentes: IDELMIRA x Severino Fernandes (7 filhos); NATALÍCIO x Leodora Carvalho (5 filhos); ZILDA x Passi Leal (7 filhos), AUGUSTO x Melita (6 filhos), ALEXANDRE x Ireni, (4 filhos), GENÍ (1 filho), MARIA, ALVINA x Estácio BONES de Lima (2 filhas), ARACILDA, MARIA ÍRIS x Osvaldo dos Santos (2 filhos), NELI x Nelson Salinas (3 filhos)- Jorge (neto) x Nair Ribeiro (3 filhos).

Geni e Maria trabalharam durante alguns anos em serviços domésticos para a família de Valentim e Ângelo Cassol. Maria faleceu com 17 anos e está sepultada no cemitério de Rocinha.

No início dos anos 70, Geni transferiu sua residência para Horizontina. Vítima de enfarto faleceu com 51 anos. Nesta cidade permanecem residindo o Jorge e Alvina com respectivas famílias, com quem obtivemos informações para constar neste resgate histórico.

GIRARDI , NARCISO e AURÉLIA SELLA

Segundo informações e lembranças dos descendentes os avós maternos e paternos, vieram da Itália, entre 20 a 30 irmãos e primos e se estabelecendo na região da 4ª Colônia.

Narciso, nascido aos 28/11/1907, em Faxinal do Soturno, filho de Francisco Girardi e Ema Juliani, com 10 anos sua família migrou para Santo Ângelo.

Aurélia nascida aos 09/11/1910, filha de Santo Cella e Amábile Montagner.

Casaram-se em Santo Ângelo. Em 1947, com cinco filhos, fixaram residência em Rocinha onde nasceu a filha caçula.

A propriedade foi adquirida de Joanim Bado, onde passa a residir e constituir sua família. A propriedade foi herdada pelo filho Vergílio com quem permanece até os dias atuais. Atividades desenvolvidas agricultura de subsistência atendendo as necessidades básicas da família. Família formada de seis filhos: VERGÍLIO SANTO, MARIA DE LURDES, ALVINO JACÓ, MALVINA SENITE, CLEMENTINA ROSA, IRACÍ LÍDIA.

Casados e Descendência: Vergílio X Cleci Lorenzet (5 filhos); Maria de Lurdes x Alfredo Sercat (1 filho); Alvino X Lenir Bottega (3 filhos); Malina X Ady Porto Vergara (3 filhos); Clementina X Ademar Correa (2 filhos); Iraci x Arnaldo Baú (4 filhos).

Narciso era dependente de bebida alcoólica, faleceu com 60 anos no dia 21/08/1967. Aurélia, falecida com 75 anos, no dia 04/11/1985, estão sepultados no cemitério de Rocinha.

GODOI, AMADEU e ANGELINA SACHET

Amadeu nasceu aos 11/03/1917 e Angelina nasceu aos 18/11/1914, ambos naturais de Silveira Martins e vieram casados residir em Rocinha.

O casal constituiu família, numerosa. Nunca adquiriu propriedade. Sempre trabalhou como agregado, em parceria, nos diversos locais onde residiu (Postai, Turra, Cassol e outros), em São Braz e Rocinha. Os filhos sempre trabalharam como prestadores de serviços para as famílias que necessitavam de ajuda nas atividades agropecuárias, na comunidade e fora dela. Família humilde, muito unida e sempre de bem com a vida, apesar das dificuldades. Os filhos casaram todos na Comunidade de Rocinha. Alguns foram residir no Paraná, outros permanecem em diferentes municípios da Região, atendo-se em diversas atividades, principalmente como prestadores de serviço. Rosanete, filha da Elsa foi criada pelos nonos como filha.

Por longo tempo Silvério, já viúvo, viveu com a família do Amadeu, morreu e foi sepultado na Comunidade (06/07/1881-11/03/1968).

Angelina, sempre foi uma pessoa alegre, prestativa, gostava de um “traguinho”, saudável, segundo ela. Na verdade sempre foi uma pessoa com saúde. Acometida de câncer, em três meses de sofrimento e com tratamento médico, não resistiu, morreu aos 26/08/1988 e está sepultada no cemitério local. Com a morte de Angelina, Amadeu passou a residir periodicamente na casa dos filhos.

Já pelos anos de 1980/83, Amadeu havia tratado de problema, que lhe afetava a garganta. Encaminhado a Porto Alegre, foi submetido à cirurgia, traqueotomia, com implante de aparelho que lhe permitisse respirar. Assim viveu até 1999, quando faleceu na casa da filha Sueli, no Paraná.

Filhos: Sueli, Noeli, Ângelo, Teresinha, Elsa, Moacir, Elio, Miguel, Marli, Carmen, Augusto e Ivone.

Casados E Filhos: Sueli X Albino Roberti (4 filhos); Noeli X Sireno Cousseau (6 filhos); Ângelo X Luiza da Silva (1 filho); Teresinha X Gervázio Pinzon (3 filhos); Elsa X Otacílio da Silva (4 filhos); Moacir X Sueli Perinazzo (3 filhos); Elio X Meri Busanello (3 filhos); Miguel X Antonia (3 filhos); Marli X Valentim Bankevis (3 filhos); Carmem X Henrique Capra (3 filhos); Augusto X Neusa (2 filhos); Ivone X Rudi Meneguini (1 filho).

GOMES DE ALMEIDA, LEONCIO e ELZA TEMPES

Leôncio, filho de Polinário e Jesuína, está sepultado no Cemitério de Beato Anchieta, sem data de nascimento e falecimento.

Elza, filha de imigrantes europeus. Seu pai veio da Alemanha e a mãe Cristina Bacarin, veio da Itália com 13 anos de idade.

O casal teve sete filhos: VILLY X Baibina; ADOLFO X Paulina Oliveira; LILI X Mercuciam; EMA X Acácio dos Santos; ELZA X Leôncio de Almeida; HELENA; NENA X (Paraguaio).

Residiram em Santo Ângelo por um período, mais tarde em Quaraim - Três de Maio. Como a vida dos dois europeus era de muito conflito se separam. Cristina com os filhos se estabeleceu em Lajeado Tigre em 18 hectares de terra, próximo onde hoje reside a Noêmia Gomes, na década 30, sem data precisa. Hoje propriedade de Marino Padoin.

Cristina foi cuidadosa com a educação, catequista dedicada de seus netos e filhos dos vizinhos pois era distante para as crianças participarem em Rocinha.

Acolheu em sua morada o seu pai com idade avançada até ele falecer. Ele, Cristina e os filhas foram sepultados no cemitério de Rocinha. Mais tarde quando o cemitério de Bato Anchieta estava organizado os restos mortais foram trasladados para o novo local.

Elza, uma das filhas mais novas, casou com Leôncio Gomes de Almeida e continuou residindo na propriedade, cultivando a terra. Tiveram os filhos: Ilda, João, Gentil, Teresinha, Olívia.

Casados: Ilda X Luís; João X Onorina Amperes (8 filhos); Teresinha X Polinário Dutra (6 filhos); Olívia X Aristides (1 filho); Rodrigues; Mercedes X Setembrino Mendes de Oliveira (11 filhos). Olívia permanece na localidade com o único filho Marino, e a sobrinha Cleuza, em meio hectare de terra, no triângulo entre as estradas que segue ao Beato Anchieta e que vai ao moinho do Pandolfo. Marino é pedreiro e construtor.

Foi Olívia quem fez o traslado dos restos mortais de seu bisavô, avó Cristina e tias, do cemitério de Rocinha para Anchieta em 1963.

HAAG, PAULO JACINTO E MARLI WUST

Paulo, natural de Boa Vista do Buricá, filho de Albino Haag e Tereza Schap. O pai Albino e o filho Paulo perderam suas respectivas mães, bastante jovens. Marli, natural de Ivagací - Boa Vista do Buricá, filha de Angelim Wust e Fredolina Paulus.

Paulo e Marli se casaram aos 06/09/1977 em Ivagací, fixaram sua residência em Rocinha para trabalhar na lavoura, depois a granja de porcos de Valentim Cassol por 10 anos. Em 1979 residiram em São Martinho, retornaram a Rocinha e ocuparam a mesma residência próxima ao Inocente Tibolla. Desfeita a sociedade Cassol e Tibolla em 1987, o casal passou a residir e trabalhar com Libera Fiorentini.

A partir de 1989, Paulo foi Vigilante noturno na Unidade Cotrimaio em São Caetano por 9 anos ao mesmo tempo, com a Marli, assumiu a zeladoria da Comunidade de Rocinha. Residiram na antiga "Casa Canônica" até adquirirem sua casa própria. Neste serviço estiveram por 18 anos, quando transferiram residência para Três de Maio, oportunidade em que o casal vendeu a casa para Antônio Nelson Turra.

Marli, ao lado de Paulo, trabalhou na roça, na ordenha de vacas, em serviços domésticos nas famílias e por quatro anos foi empregada doméstica na Cotrimaio. Através de concurso, em 1993, assumiu servente e merendeira na Escola Estadual Pedro Múncio Compagnoni em Rocinha, onde permaneceu por 12 anos. Em 2004 foi assumiu na Escola Estadual Castelo Branco em Três de Maio.

Paulo na sua simplicidade e disponibilidade "polivalente" em afazeres, solicitado, esteve pronto a servir as pessoas e famílias, nas mais diversas atividades na Comunidade e região em serviços como de roça, pintura, reforma, pedreiro, carpinteiro. Em Maio de 2007 se aposentou e continua prestativo.

FILHOS E DESCENDÊNCIA: MÁRCIO x Diana Nogara (01 filho); MARCELO x Madalena.

HOMERDING, WILIBALDO e DE LUIZA KLEIN

Provenientes de Garibaldi Willibaldo foi um dos pioneiros de Rocinha.

A família formada por 11 filhos, muitos deles aqui se casaram e formaram família. Outros se mudaram para Crissiumal, com a mãe após o falecimento de Wilibaldo. Quando Luiza faleceu em Crissiumal, para lá transladaram os restos mortais de Wilibaldo.

Sua primeira morada em Rocinha, foi como agregada de Pedro e Genoveva Ribolli. Mais tarde Pedro Compagnoni adquiriu a terra da então já viúva Ribolli, atual propriedade de da viúva Lúcia Compagnoni. A família Homerding mudou então, para as proximidades do riacho Loro. Como passavam por dificuldades Francisco Lorenzet e Liberato Corso, ajudaram na construção da casa neste local. Adquiriu a terra, dando de entrada 300 mil reis, não saldando em 16 anos, após o falecimento de Wilibaldo, Claudino Andreazza saldou a dívida, ficando com 22 hectares, que encosta no riacho Loro. Em 1953 a família Homerding transferiu-se para Crissiumal.

Várias famílias residiram nesta casa. Destacam-se Cisto Busanello, Adão Ramos, Valdemar e Marina Navarini, João Nunes, Marcelino e Carmem Furquim,

A família Homerding fez sua historia, trabalhando a terra, construindo as boas relações de vida e convivência comunitária.

Filhos: Hugo, Luiza, Erna, Alcides, Guido, Marino, Osmar, Ivo, Ilse, Dulce e Aldino.

Casamento: Filhos Hugo X (9 Filhos); Luiza X Antônio Padoin: (8 filhos); Erna X Luis Lorenzet: (11 filhos); Alcides x Tones e Genoefa Morin: (2+12 filhos); Guido x Dora: (5 filhos); Marino x Lili: (4 filhos); Ivo x Josefa Sifart: (12 filhos); Ilse x Silvano Dalcin: (12 filhos); Dulce x Julio Lorenzet: (7 filhos); Aldino x Zelinda Padoin: (11 filhos).

JEZIORSKI, ANDRÉ E ANTÔNIA

ANDRÉ E ANTONIA JEZIORSKI, imigrantes Europeus, poloneses, se estabeleceram na região de Cruz Alta, e depois em Ijuí. Em torno de 1920, quando os filhos já haviam aberto uma clareira para morar, o casal veio para Três de Maio, às margens do Lajeado Bonito - hoje Beato Anchieta. Aí viveram e construíram a vida de colonizador, fazendo parte da comunidade de Rocinha.

Seus filhos: José, João (gêmeos), Inácio e Vicente.

VICENTE permaneceu em Ijuí. José, João e Inácio, em 1918, solteiros vieram de Ijuí a Três de Maio em Lombo de cavalo. Vieram a rumo abrindo caminho a facão por vários dias. Chegaram num local de agrado, onde se estabeleceram. Abriram uma clareira, montaram um acampamento, construíram um "girau" entre as árvores, para se protegerem dos animais ferozes, tigres existentes. E aí passavam a noite.

Depois de certo tempo, os irmãos foram se abastecer em Ijuí, do que lhes era necessário para sobreviver e trabalhar, trazendo a mudança em lombo do cavalo, pois carroça, nem pensar! A estrada era um pique feito a facão. Ao retornar, não mais, encontravam o caminho para chegar no acampamento. Perdidos chegaram nas imediações onde hoje é o km13. Informados de que deveriam descer mais. Assim o fizeram, superando a angústia que os marcava.

João, com 60 ha de terras, se estabeleceu onde é propriedade dos Rehbain e Peter. Faleceu solteiro em 1936 durante um baile que acontecia nos Padoin.

Inácio, com 60 ha se estabeleceu nas imediações que fazia limite com o Lajeado Bonito até a divisa com os Barros. Atualmente são proprietários: João Padoin, Postai, e outros, em frente onde estão hoje, José Bonfanti. A moradia era no Lajeado, próximo onde é a moradia de Noêmia Gomes. Inácio foi trabalhador, muito doente buscou tratamento em Porto Alegre mas sem efeito. Bastante doença "veneno dos gafanhotos". Por fim o alcoolismo, o dominou, causando transtorno para todos, passando a morar sozinho na casa até falecer em 1957 aos 57 anos. Antonia, morava com o filho João até que todos casaram. Depois, Antonia, o filho Francisco

(deficiente) e o irmão Casemiro Gapinski passaram a residir com a filha Ana e Esmelindo Barros. Ana teve uma missão de acompanhar familiares doentes. Foram 2 anos de enfermidade de Francisco que, faleceu no dia 18/01/1982, com 57 anos de idade. Exatamente 4 meses depois, a mãe Antonia faleceu aos 78 anos em decorrência de problema cardíaco e o tio Casemiro por 5 anos enfrentava problemas com sua saúde. Sofreu derrame e morreu 10 dias após. Esmelindo relata que Casemiro era muito trabalhador e caprichoso. Prestou serviços aos Compagnoni, Cassol e outras famílias. No dia do seu sepultamento, Valentim Cassol, que transportava o time de futebol para jogar, parou o caminhão em frente ao local do velório em Beato Anchieta, todos desceram, prestaram homenagem de gratidão e reconhecimento a este trabalhador, depois seguiram viagem para jogar.

Quando foi intronizada a imagem de São Sebastião na capela, Ana Jeziorski foi madrinha e Miguel Dembogurski foi padrinho, através de leilão, conforme ela própria relata.

INÁCIO JEZIORSKI, casou com Antonia Gapinski e teve NOVE FILHOS: FRANCISCO, CECÍLIA, ESTANISLAU, MARIA, ANA, LÍDIA, BONIFÁCIO, JOÃO, MADALENA. Vivia com eles o Casemiro Gapinski (Irmão de Antônia).

CASADOS: Cecília com Antônio Witczak; (1 filho); Maria X João Witczak (3 filhos); Ana X Esmelindo Barros (9 filhos); Lídia X Gabriel Barros (1filhos); Bonifácio X Conceição Amaro (7 filhos); João X Ivone Dutra (6 filhos); Estanislau X Maria Bjuka (8 filhos); Madalena X Arlindo dos santos (7 filhos).

Lídia nascida no ano de 1932, nasceu pelas mãos da parteira Amábile Padoin. Ela, sabendo que o Pe. Testani estava de passagem por Rocinha, na direção de Tucunduva, levou a recém nascida para ser batizada, em Rocinha. Outra oportunidade, seria alguns meses depois. Como não tinha Padrinho, o próprio Padre e Amábile foram padrinhos. E assim era a vida e realidade dos primeiros tempos.

JOSÉ JEZIORSKI, escolheu e se estabeleceu numa área de 70 ha. Hoje pertence ao Marino Padoin. Mais tarde doou meio hectare para servir de cemitério, pois desejava ser enterrado em sua própria terra. Não queria ser sepultado em Rocinha como seus pais André e Antonia, seus irmãos João e Inácio.

José Jeziorski e Jacó Padoin, montaram o primeiro alambique de cachaça, perto do Lajeado Bonito, na propriedade do José. No local, ainda hoje se constata vestígios da construção, como restos de esteios. As moendas eram de madeiras, movida pela força de cavalos. A fábrica, funcionou por 2 a 3 anos e forneciam a região. Houve denúncia, e os fiscais apareceram, impedindo a continuidade.

As dificuldades foram muitas, os recursos poucos, e com dificuldade de acesso aos primeiros socorros

Questiona-se, se a primeira "rocinha" - que deu origem a localidade - não tenha sido aberta pelos Jeziorski, levando-se em consideração o ano de 1918 que vieram abrindo caminho a facão, para até aqui chegar, sendo pioneiros desbravadores.

JOSÉ JEZIORKI casou com APOLÔNIA RAFALKI e tiveram 13 filhos. Dois dos quais faleceram criança (Raimundo e Maria), e um no ventre da mãe Apolônia, grávida, quando foi descarregar do cavalo, uma bolsa de farinha que caiu sobre ela. Todos eram pequenos e não havia quem ajudasse.

Filhos: Pedro, Miguel, Vanda, Estevão, Elvira, Lúcia, Angelina, Tereza, Osvaldo e Antônio.

Casados e Filhos: Pedro X Mazurkevitz: (8 filhos); Miguel X Sara Bandeira: (7 filhos + 1); Vanda X Avelino Pandolfo: (5 filhos); Elvira X Rodolfo Rehban: (10 filhos); Lúcia X Valdemar Vacari; Angelina X Severo Pandolfo: (4 filhos); Tereza X Agostinho Fioravante Girardi (8 filhos); Osvaldo X Sartor: (5 filhos); Antônio X Florinda Bastiani: (3 filhos).

Para a família Jeziorski, as dificuldades foram muitas, os recursos poucos e com difícil acesso aos primeiros socorros, e gêneros de primeira necessidade. Ocuparam-se na agricultura. Em 1931, foi construída uma das primeiras escolas municipais, onde hoje é terra do Miguel e por onde passava antigamente a estrada contando com 2.500m². Mais tarde aceitando a proposta do Município, Miguel fez a troca por igual quantidade de terra, disponibilizando o local onde hoje está a comunidade de Beato Anchieta. Comunidade que se constituiu por volta e

1963 pelo desmembramento da Comunidade de Rocinha. As delimitações foram estabelecidas pela Diocese Angelopolitana, como determinação na época, para todas as paróquias

Na propriedade do Miguel, local onde hoje está o galpão, havia uma Casa de comércio forte, por volta dos anos 1934/36. Passaram nesta atividade dois ou três proprietários.

KREIBISCH, REINOLDO e ROSALIA SCHIMCHAK

Residiram em Lajeado Tigre (Beato Anchieta) nas terras que pertencem atualmente a Vicente Corso e João Ruaro. Constituíram família de cinco filhos. Mais tarde foram residir no Km13. Integraram a comunidade de Rocinha por vários anos. Os filhos vinham a pé freqüentar a catequese e a família participava nas celebrações religiosas, sociais e culturais. Ajudaram na construção da capela.

Filhos e descendência: SÍLVIO; x Maria Pereira (2 filhos); DARCILA x Jorge Roratto (2 filhos); MARLI x José Salvador (2 filhos); JECI x Maciel Pereira (3 filhos); INÊS x Cláudio Sartor (3 filhos).

O pai Reinoldo (31/03/1913 - 17/05/1959) e o filho Sílvio (16/03/1946 - 04/08/1994), faleceram ainda jovens vítimas de câncer no estômago. Estão sepultados no cemitério em Beato Anchieta. A viúva Rosália, reside com o filho Maciel, no Paraná.

Os filhos de Sílvio e Maria Pereira: VILMAR casado com Noeli da Silva com 2 filhos, permanece na região, residindo em São Roque, é motorista do ônibus escolar, transporta alunos para São Caetano e Rocinha. A Noeli é casada com Maurecir Pieniz e tem um filho.

LORENZET, FRANCISCO e TEREZA DE BORTOLI

Francisco nasceu em Caxias do Sul, aos 13/05/1898, filho dos imigrantes Italianos Antônio Lorenzet e de Inocência Dalmaz.

Tereza de Bortoli nasceu em Caxias do Sul aos 28/07/1901.

Francisco e Teresa, casados, com 2 filhos, buscaram morada direta em Rocinha no final da década de 20, juntamente com seu irmão Pedro. O casal adquiriu, se estabeleceu e se manteve na propriedade onde o filho caçula, Euclides, é herdeiro. Era mata virgem e só havia uns antigos moradores, "brasileiros," que habitavam um casebre. Neste casebre, Francisco residiu por pouco tempo. Mais tarde retirou madeira do mato e falquejou para construir casa nova coberta e taboinha, com porão, para fazer o vinho.

O Casebre de chão batido, constituída de duas partes separadas. A cozinha era separada dos quartos onde dormiam em colchões de palha. Num canto da cozinha havia o "larin", que era um quadrado com terra e sobre ele se fazia o fogo. A panela para cozinhar a polenta, era pendurada numa corrente sobre o larin. Outra panela, era encostada nas brasas, se tivesse algo mais para cozinhar. Carmela lembra que no final da tarde, ela e o irmão, Julio eram mandadas para o mato, ver se nas arapucas tinha algum passarinho ou animal preso para poder comer com a polenta. Comiam canjica quando não tinha farinha. No outro lado da cozinha havia um "setcher" de madeira para lavar a louça com umas travessas para colocar os pratos, umas prateleiras na parede, a farinha, alguns pertences e no meio da cozinha uma mesa para comer.

Usava o pilão para descascar arroz, o fazer canjica.

Na mudança já trouxe mudas de parreiras, fazendo um parreiral no alto da coxilha, que no final, já era de meio hectare. A colheita era em mutirão com a família do vizinho e irmão Pedro. Beber vinho era básico e necessário. Em vez de beber água ingeriam vinho. Costume que passou para os descendentes.

Os vestígios de moradores primitivos são a grande quantidade dos pés de figo que existiam, flores e palmas. Como não havia cemitério, as pessoas eram enterradas próximas dos casebres e de uma árvore como referência, segundo testemunharam os pioneiros colonizadores que aqui chegaram.

Francisco, sempre esteve envolvido na dinamicidade da Comunidade, onde fosse necessário, principalmente em diretorias. Ele com Rústico Boz, Liberato Corso, e outros mais, presidiam a reza do terço na comunidade. Foi o doador dos quadros da Via Sacra que se encontram na capela e as pedras para alicerces da mesma.

Após a morte de Pedro, seu irmão, Francisco passou a hospedar o Padre Monsenhor Vicente Testani quando por aqui chagava ou passava. Pedro faleceu no dia da padroeira Nossa Senhora da Saúde e está sepultado no cemitério local, junto com esposa Thereza.

Filhos: Carmela, Julio, Graciema, Alfonso, Inês, Mercedes, Egile, Euclides.

Casamentos: Carmela X Rústico Boz: (7 filhos); Julio X Dulce Hommerding: (7 filhos); Graciema X Manoel Compagnoni: (8 filhos); Gertrudes X Firmo Dalcin: (8 filhos); Gentil X Niceta Loro: (4 filhos); Inês X Delfino Dall Ross: (4 filhos); Mercedes X Altevir Bozetto: (6 filhos); Egile X Velocindo Corteze: (4 filhos); Euclides X Odete Gasperin: (2 filhos); Alfonso X Conceta Loro: (3 filhos).

MARASCHIM, JOÃO e MARIA DA GLÓRIA ARAUJO

Os imigrantes Italianos Antônio Maraschim, procedente de Gênova, e Maria Madalena chegaram no Brasil e se estabeleceram em Silveira Martins com a família.

Maria da Glória Araújo, filha de Teotônio Araújo e de Deodócia Barreto, são de nacionalidade brasileira.

João Maraschim filho e Maria da Glória Araújo. João e Maria se casaram em Sobradinho e tiveram seis filhos. Toda a família vivia em condições de pobreza. Próximo, vivia a família de Ângelo e Catarina Ferrari, com melhores condições e posses, que os auxiliava nas necessidades. Por volta do ano de 1944. Ângelo Ferrari, Catarina e filhos, migraram para a região se estabelecendo em Rocinha. Junto, também veio a família Maraschim. Prestavam seus serviços a família Ferrari e para outras famílias para sobreviver. Foram acolhidos e residiram na casa de Pedro Compagnoni (onde é propriedade Lúcia Compagnoni). Mais tarde passaram a residir em Três de Maio desenvolvendo diferentes atividades, no comércio e prestação de serviços. Os filhos casaram, tomaram diferentes direções de atividades e residência: Três de Maio, Ijuí, Sobradinho, e Porto Alegre.

FILHOS de João Maraschim Filho e Maria da Glória Araújo. Casados: ERELI x Odila Lutz (4 filhos); CARLOS X Elidia Bender (7 filhos); ROMEU x Eneli (3 filhos); NAIR x João Kowalski (7 filhos); VALDEMAR X Jandira da Rocha (3 filhos); ANTÔNIO x Guerta Hollwing (4 filhos). Este sobrenome foi registrado com diferentes grafias. No caso do Antônio, é identificado por Maraskim

Em Três de Maio, permanecem Nair e Antônio com suas respectivas famílias.

Antônio, caminhoneiro por 38 anos, é proprietário da Funerária Três de Maio. É o único da família que foi alterado a grafia do sobrenome na hora do registro com MARASQUIN e só mais tarde foi percebida e decidiram permanecer assim.

Filhos e descendência de Antônio e Guerta: LUIZ CESAR x Heike Grazer (2 filhos); ROSANE x Mauri Presoto (1 filho); ADRIANE x Laércio Rodembusch (2 filhos) e EDUARDO.

MARTINELLI, ANTÔNIO e MADALENA/AMÁLIA

Imigrante Italiano, nascido em 1895. Com 2 anos Antônio perdeu o pai, quando trabalhava em construção de estrada de ferro, envolvido em conflito e acidente.

Aos 25 anos, na companhia da mãe e um irmão, por parte de mãe, o Lorenzo, vieram para o Brasil, Cruz Alta e Flor de Maio.

Casou com Madalena, que morreu de câncer, após anos de enfermidade. Viúvo, casou com Amália Leonilda Mendes. Dos dois casamentos teve 29 filhos, diversos falecidos ainda criança.

Em Flor de Maio Antônio tinha um bolicho por um curto tempo. Houve desentendimento e confusão com um morador. Em 1922 adquiriu 51 hectares de terras em Lajeado Bordado, propriedade que passou para o filho Silvestre e atualmente, parte da área pertence ao neto Bruno Martinelli. Comprou então outra área de 47 hectares em Nossa Senhora das Dores, propriedade pertencente ao neto Altamiro Martinelli.

Antônio foi um dos pioneiros, fundadores de Comunidade de Rocinha. Liderava a idéia de construir uma capela e sugeria sua propriedade como local. Ernesto Benedetti destinou dois hectares de terras, pondo fim às duas correntes com relação a localização. Foi pessoa que contribuía com a vida de comunidade. Doou a imagem de Santo Antônio em pagamento de uma promessa.

Foi um apicultor em larga escala, chegando ter 90 caixas de abelhas. Era gaitero habilidoso de oito baixos, especialmente o Bandoneon. Animava festas, aniversários, bailes, tocando em locais muitas vezes tumultuados.

Sua aparência de barbas compridas provocava temor nas pessoas. Tipo valente, mas bondoso, enfrentou muita confusão. Para viajar levava carta e foto de “salva conduta” por onde fosse. Foi enfrentado por Liberato Corso numa situação desafiadora. Com Padre Testani Gostava de jogar mora, baralho. Quando chovia dava um grito e era ordem para os vizinhos se reunir e jogar. E assim acontecia e quem se indignava com isso eram as mulheres que ficavam com todo o serviço de “tratar a bicharada”.

FILHOS (que sobreviveram);

Modesto, Garibaldi, Alécio, Silvestre, Joana, Emília, Cândida, Rosa, Severina, Teresinha, Maria, Sabino, Fernando, José, Inocente, Pedro e Paulo (Gêmeos)

Do primeiro CASAMENTO: FILHOS (a maioria entre 10 e 14 filhos, não se tem precisão do número exato): Modesto X Joana Verdum; Garibaldi X Adélia Vitorino; Alécio X Vitorino; Silvestre X Cecília Tibolla (12 filhos); Joana X Pedro Corassini; Emília X Estanislau Pavlak; Cândida X Luis Alécio;

Do segundo CASAMENTO: Rosa X Edmundo Wichekoski (9 filhos); Severina X Alberto Woichekoski (5 filhos); Teresinha X Adelino Froner (2 filhos); Maria X Florêncio dos Santos (2 filhos); Sabino X Otília Basso (5 filhos); Fernando X Herena Altíssimo (2 filhos); José X Avelina Pospiecka (2 filhos); Inocente X Teresinha Froner (3 filhos); Pedro X Nerci dos Santos (2 filhos); Paulo X Mari Guerra (2 filhos);

MASSAIA, ELISEU e IRIA BORNHOLD

Eliseu Massaia é filho de imigrantes Italianos, Luiz Massaia e Clarinda Gaita, nasceu em Caúna Três de Maio aos 08/04/1946 e Iria, filha de Ervino Bornhold e de Frida Felten, natural de Três de Maio, nasceu aos 034/01/1952.

Eliseu e Iria casaram em Caúna aos 14/04/1972, fizeram moradas em Caúna Baixa e Cauna Alta, Medianeira, Ponte Queimada, Rocinha, Km 13, Km 6 e atualmente em Esquina Hettwer, Manchinha.

Em cada nova morada nasceu um filho. Sempre trabalhou na roça como diarista e sempre fez “bicos” por fora para se manter, tais como captura de cobras vender ao Instituto Butantã, captura de ratos a “unha” com ajuda

de um cachorro, para eliminar os invasores nas propriedades, onde era solicitado e serviço de segurança em festas bailes em diversas localidades. Nesta atividade os filhos já ajudavam para a subsistência familiar.

Em Rocinha residiu por três anos na casa da Viúva Vilma Roberti. Fazia companhia para a mesma e trabalhava nas lavouras de Avelino Roberti. Quando possível prestava serviços a outras famílias. Caçou muitos ratos, cobras, tatus, lebres, e outros bixos. O seu modo de ser, se relacionar, contar proezas, falante em tom alto, para todos ouvir, são características que o identificam ainda hoje. Com ele ninguém permanece indiferente.

Integrado na Comunidade de Rocinha participava das atividades e da vida da mesma. Aqui nasceu e foi batizado o segundo filho, Itamar.

Conseguiu ser proprietário de 6 ha de terra, sem moradias, localizados em Caúna. Permutou aquela área com a de seu irmão, por outros 4 ha, onde residiu. Está ultimando a regularização da área. Sua casa de madeira é antiga em madeira e deseja construir uma nova, em alvenaria, com a ajuda do filho Julsemar, Sargento do Exército em Itaqui. Na propriedade planta mandioca, milho, batata, amendoim, cria porcos, galinhas, açude com peixes. Eliseu destaca sua junta de bois reprodutores de raça, que serve na região, contam com 420 descendentes e ajudam na manutenção da economia familiar.

Eliseu e Iria se aposentaram em 2007 e afirmam “Graças as Deus, agora estamos vivendo um pouco melhor, com um pouco mais de folga do que foi a nossa vida até aqui”. “Com oito filhos para sustentar, trabalho não faltou. Deus é bom!”. “Todos eles estão bem encaminhados na vida. Quando eles vêm nos visitar , do Mato Grosso, Paraná, Bento Gonçalves, Horizontina, São Martinho, Itaqui, os netos trazem mais alegria para gente fazendo esquecer o sofrimento passado juntos, sem nunca desanimar.”

FILHOS E DESCENDÊNCIA: ELISSÉLIO x Carla Cardoso (2 filhos); JUAREZ x Fernanda Ribeiro (2filhos), IARA x Cilmar Nunes (1filho); CENARA x Juarez Sabino (1 filho); JULSEMAR JORGE (Sargento), EDEOMAR (14 anos) e CARLOS(10 anos).

PADOIM, ESTANISLAU e MARIA LIBRALOTTO

ESTANISLAU PADOIM E MARIA LIBRALOTO (nascida em 1867), originários da Itália, especificamente de Solighetto. Estabeleceram-se em Silveira Martins RS, com os filhos JACÓ, LUIS, CRISTIANO, FREDERICO, SANTO, ANTÔNIO, JORGE, SERAFIM, JOSÉ, MADALENA, ROSA E MARIANA.

Os quatro primeiros filhos, de Silveira Martins rumaram a Santo Ângelo. Por volta dos anos 1918/20, vieram para esta região. Considerados pioneiros colonizadores se estabeleceram em Rocinha. Inicialmente vieram Jacó e Luiz e depois Cristiano.

PADOIM, CRISTINO E VIRGÍNIA HELENA VIONE

Cristiano nasceu aos 21/12/1901 e morreu aos 29/11/2006. Virgínia nasceu aos 02/08/1903 e morreu aos 18/01/2004.

Cristiano veio para Ijuí com 12 anos de idade. Viveu com seu tio José, viúvo, com cinco filhos e auxiliou no cuidado dos menores órfãos.

Virgínia, terceira filha de João Vione e Clotilde Silvela, natural de Km 13. Órfã de mãe aos 16 anos de idade, com 10 irmãos, ajudou o pai no cuidado e educação dos irmãos, pois era a *filha* mais velha.

Com 26 anos, em 1936, Cristiano comprou uma colônia de terra e veio para Rocinha, casado com Virginia. Residiram onde atualmente é morada da Família Freeling. “A casa era chão batido, coberta de tabuinha, e muito mato” lembra a filha Nair, que aí nasceu e viveu seus primeiros anos.

No ano de 1938, vendeu as terras e passaram a residir em Esquina Tunas - Horizontina, em uma área de terra herdada por Virgínia. Neste local nasceram mais 4 filhos. Fizeram suas vidas integradas a comunidade local até o final de seus longos e bem vividos anos de vida.

Cristiano, com a família, sempre gostou de lidar com gado e cavalos além do plantio de lavouras, respeitado.

Cristiano, com sua sabedoria aconselhava e recomendava aos filhos serem honestos, verdadeiros, cuidadosos com as pessoas estranhas, respeitar e saudar as pessoas, especialmente os mais idosos.

Filhos: NAIR, GENI, IZALTINA, JOSÉ, CLOTILDE, CLECI.

Casados e descendência: NAIR X Alberto Benedetti (6 filhos); GENI X Carlinhos Fronza (3 filhos); JOSÉ X Alice (2 filhos); IZALTINA X Marcelino Burin (5 filhos); CLECI x Daniel Scheid (2 filhos).

PADOIM, JACÓ E AMÁBILE DREON

Jacó nasceu aos 19/05/1889 em Silveira Martin e faleceu aos 21/10/1939 em Rocinha.

Amábile nasceu aos 10/08/1891 e faleceu aos 07/03/1956 em Rocinha.

Em Santo Ângelo, Jacó exercia a atividade de alfaiate e veio para a região, como auxiliar de agrimensor, medir terras, oportunidade em que escolheu a área onde depois se estabeleceu, por ter bastante água para cultivar arroz. Só habitavam os caboclos Carapeva que viviam em uma pequena roça, numa clareira no meio da mata, razão pela qual os agrimensores, batizaram o local com o nome ROCINHA.

Dificuldades como pioneiros foram muitas, inclusive para iniciar o fogo. Numa oportunidade conseguiu fogo, a partir de um raio que provocou a queima de uma guajuvira, próximo da morada, conforme informação de Antônio Padoim.

Jacó foi vítima de tifo e morreu com pouca idade. Amábile, viúva, continuou a luta pela sobrevivência sua e dos 10 filhos ANTÔNIO, JOÃO, ILDA, GRACIOSA, CARMELA, HELENA, MARIA, ROSA, ÂNGELA.

Antônio, o filho mais velho, ao se casar continuou residindo na mesma que ainda permanece e está desabitada.

Amábile, por muitos anos foi parteira dedicada na região. Era chamada para atender as parturientes em casa. Utilizava o cavalo, como meio transporte, para prestar o serviço necessário ao nascimento dos filhos dos colonizadores da região. Só mais tarde, quando o filho Antônio, adquiriu o primeiro veículo, o "29", ela deixou de ir a cavalo, cumprir sua missão.

Com o casal Jacó e Amábile, veio junto uma "preta", descendente de escravos, com um neto, Jacó Adich, conhecido por Felipe. Ambos integraram a família de Antônio Padoim, até morrer e com idade avançada. Felipe (01/08/1904 - 03/04/1994).

FILHOS CASADOS: Antônio x Luiza Homerding (8 filhos); Maria x Tranquilo Pertille (6 filhos); João x Otilia Dembogurski (3 filhos); Carmela x Albino Crestani (6 filhos); Graciosa x Otávio Roberti (8 filhos); Rosa X Eugênio Girardi (7 filhos); Ana x André Sapiezynski (3 filhos); Ângela x Orestes Merchiori (5 filhos); Helena x Benjamim Dalcin (11 filhos).

O filho Antônio, casado com Luiza, filha de Wilibaldo e Luiza Hommerding nascida aos 06/12/1918, pessoa de iniciativas e inovações, permaneceu na localidade. No início do século XX, Antônio introduziu a primeira trilhadeira na região para debulhar os produtos em grãos, colhidos pelos colonizadores. Passava de morador em morador. A triagem, que até então era feita com "manguá", passou aos poucos ser feita pela nova tecnologia da época. Foi também Antônio a introduzir os primeiros veículos a motor para passeio, o "29" e depois modelos que serviam a comunidade fazendo fretes e corridas necessárias para os moradores da região.

Antônio foi presidente da comunidade, integrante da Diretoria por diversas vezes, padrinho do Salão comunitário e liderança de influência, com privilegiada posição econômica, sempre colaborou nas várias iniciativas e eventos.

Por problemas de má circulação numa das pernas, sofreu por um bom tempo, culminando com a amputação da mesma. Só a partir desta limitação física deixou de dirigir a sua conhecida caminhoneta.

As filhas Nair, Teresa e a mana Ida, sempre viveram na casa paterna e prestaram ao Antônio os cuidados necessários em sua limitação.

A esposa Luiza foi uma pessoa limitada na saúde. Diabética, passou por diversas cirurgias e faleceu em Rocinha aos 03/01/1989. O casal, pais e Felipe estão sepultados no Cemitério de Beato Anchieta.

FILHOS: IRMA x Armindo Viapiana (4 filhos); ADELINA x Olinto Balzan (5 filhos); MARIA x João Sebastião Turra (3 filhos); ETELVINA X Willy Gelain (3 filhos + 2 adotivos); ROSINA x Marino Dalcin (4 filhos); MARINO x Vera ROSSI (2 filhos); NAIR e TEREZA.

PADOIM, LUIZ E MARIA BUZATTO

Luiz nasceu em Silveira Martins e, com o irmão Jacó, veio para a região em busca de terra para trabalhar e um lugar para morar com a família. Adquiriu do governo, seis colônias localizadas desde a linha do atual cemitério, até onde está a propriedade do filho Aquílio. Como não possuía o registro civil de casamento conseguiu três áreas, uma para cada casal. Mais tarde foi repassada para os quatro filhos do casal que ocuparam a terra e construíram suas moradas e formaram família

Sua primeira morada foi em Santo Ângelo onde trabalhou como alfaiate e depois sapateiro. Ao se estabelecer em Rocinha, exercitou suas habilidades por muitos anos atendendo a família e a comunidade. Possuía em sua casa fardos de tecidos, principalmente o riscado, muito usado na época. Ao morrer, ainda mantinha algumas peças. Dedicou-se a agricultura, ao cultivo de parreiras e fabrico de vinho. Fornecia vinho para as festas da comunidade. Um ano era o vinho dele, e outro ano era o do Giacomino Turra.

A Mãe, Maria Libraloto, e o filho Santo, com deficiência, viveram seus últimos anos com a família de Luiz. A casa paterna permaneceu com o filho Calisto e família.

Luiz foi o primeiro “Sacristão” que ajudava o padre nas missas e celebrações, religioso, piedoso, participante. Segundo afirmação da sobrinha Nair: “ele era uma pessoa de um bom coração: ajudava as pessoas, visitava sempre aquelas doentes, permanecendo ao seu lado o tempo que fosse preciso, nas ocasiões de falecimento”. Com o tempo foi se distanciando da Igreja, parecendo descrente após as inovações do Vaticano II.

Fez parte de comissões e diretoria.

No ano de 1945, Luiz Padoim, João Balzan, Giacomino Turra, não aceitaram ser da diretoria. O Padre então, nomeou uma diretoria composta por Festivo Benedetti, Claudino Andrezza, Antônio Salanti, João Bado e Domingos Dalcin.

Estão sepultados no Jazigo Padoim, no cemitério de Rocinha: Luiz e esposa Maria, a mãe Maria Libraloto, o irmão Santo, os filhos Antônio sobrinho e Pedro.

Luiz e Maria que alcançaram respectivamente a idade de 96 e 78 anos.

Luiz celebrou festivamente os seus 90 anos de vida com seus familiares e amigos.

O casal teve 05 FILHOS: ADÉLIA X Avelino Roberti (5 filhos); LÚCIA x Fiorentino Dall Ross (5 filhos); CALISTO x Natália Schimczak (6 filhos); AQUILIO x Clotilde Vione (6 filhos) e ANTÔNIO sobrinho.

PERINAZZO, ALFREDO e NILDA ALESSI

Alfredo, filho de Casemiro Perinazzo e Albina Gazolla, nasceu em São Caetano e dedicou-se a profissão de ferreiro. Casado com Nilda residiu, com ferraria, próxima a entrada da propriedade de Lúcia Compagnoni. Mais tarde em Parceria com a família Turra, foi construído um galpão, para melhor trabalhar no ramo. Hoje com algumas melhorias é a cantina de Vinhos Turra.

Alfredo, fanático desportista e muito falante, era considerado ótimo ferreiro. Fabricava e consertava equipamentos de trabalho como enxadas, foices, ferraduras, pé de pato, grades, carroças e outros. Em Rocinha nasceram três filhos, onde fizeram a iniciação catequética e escolar.

A família de Alfredo participou na vida da Comunidade e transferiu residência para Vila Consolata onde continuou atuando mesmo ramo.

O filho Carlos Perinazzo fabrica de exaustores, marca TORSOL, em indústria instalada nas proximidades do trevo de acesso a Avenida Alberto Pasqualini em Três de Maio. Um modelo deste produto se observa instalado no salão comunitário de Rocinha.

Alfredo faleceu com pouca idade em decorrência de problemas cardíacos da mesma forma que a maioria de seus irmãos

PERIPOLLI, OLMES e BÁRBARA ROSSI

A família Peripolli tendo por tronco, Luigi, é originária da Itália - Conedo Udine.

Ao emigrarem para a América, quando o navio atracou no Rio de Janeiro, o filho Bortollo desembarcou e permaneceu no Brasil enquanto seus outros dois irmãos foram a Buenos Aires - Argentina.

Depois de São Paulo, Bortollo, rumou para a 4ª Colônia - Ivorá – RS, ali se estabeleceu e prosperou com a família, de 11 filhos, entre os quais José, o “BEPPI.”

BEPPI Peripolli casou na região de Ivorá, com Eliza Dallbem. Tiveram seis filhos, três homens e três mulheres. Com a família transferiu sua residência para Tucunduva no ano de 1937, quando o seu filho Bortollo, contava com 12 anos.

Bortollo que é bisneto do Luigi, neto do Bortollo e filho do José, casou em Tucunduva com Romilda Cembranel. Constituíram família, fizeram a vida com seis filhos: Ivo, Ildo, OLMES, Odilo, Odimar e Beatriz. Ildo se dedica a atividades agrícolas, permanece residindo na casa paterna, com sua família e seu pai.

OLMES nasceu em Tucunduva aos 20/10/1953 e a partir dos 18 anos se dedicou a profissão de mecânico, na SLC em Horizontina, Manchinha e Rocinha desde 1979. Inicialmente sua oficina mecânica funcionou no galpão onde é a cantina de Vinhos Turra.

Olmes cursou o Ginásio, desenvolveu práticas e experiências em Mecânica.

Bárbara Rossi, neta de Antônio Rossi x Maria Dallfara e de Isidoro Bombardelli x Maria Pinzon, filha de Pedro Rossi e de Sara Bombardelli, nasceu no Km 13 - Três de Maio em 1º /11/1952. Sua família é formada por três irmãs e um irmão. Bárbara estudou até a quinta série e interrompeu os estudos por necessidade e para trabalhar.

Olmes e Bárbara casaram aos 06/02/1982. Por seis anos residiram na casa que pertenceu a Ângelo Cassol em frente ao Bar. Depois construíram a oficina e casa, em terreno próprio, onde estão estabelecidos.

Atende a região com prestação de serviços principalmente em maquinário agrícola.

Pedro Botton fez iniciação e experiência em mecânica, na oficina do Olmes e permanece até hoje com seu funcionário, eficiente e dedicado.

FILHOS: FERNANDO, JAQUELINE E FRANCIELL

PITTON, FORTUNATO e IDA BOMBARDELLI

Fortunato nasceu no ano 1896 e Ida em 1900, ambos em Caxias do Sul.

Ida trabalhava de cozinheira em hotel, vieram solteiros para a região e se casaram em Três de Maio, alguns anos após.

Fortunato juntamente com a família Bonfanti, veio para a região, trabalhou em serraria entre Três de Maio e Km 13. Dormia sobre palhas.

Em Caxias vendeu o que tinha um panelão e um poncho. Com dinheiro das vendas e do trabalho comprou por quatro contos de reis os 25 hectares da propriedade que permanece com os descendentes. No princípio fez um galpão onde por 4 anos morou sozinho, passou por muito sofrimento, miséria, derrubando mato, abrindo espaço para plantar e colher. Sempre foi uma pessoa doente. Pouco se importava em tratar-se. Morreu aos 64 anos em decorrência de um câncer no fígado.

Foi uma pessoa bondosa empreendedora com ar de triste. Dedicado à família e a Comunidade. Gostava de jogar baralho com os vizinhos, especialmente nos dias de chuva quando Antônio Martinelli, na base do grito e assovio, convidava a vizinhança para se reunir e unir o descanso com a distração.

Na construção da capela foi zeloso trabalhador e capataz de turma, nos dias de sábado.

Ida com a chegada da única neta, já pensava, ensiná-la suas habilidades e experiências de culinária trazidas consigo de sua terra natal. Aos 10 anos Marina, já aprendia com a “nona Ida” cozinhar. Talento que leva até hoje na sua família de “boa cozinheira”.

FILHOS: ALBINO e ANTÔNIA.

ANTONIA dedicou-se por 38 anos como enfermeira no Hospital São Vicente de Paulo. Muito querida e estimada por todos ainda hoje, aposentada, vive em Três de Maio.

ALBINO casou com OTÍLIA BALZAN, e geram 7 filhos e uma filha, IRINEU, ELIVIO, ELIO, LUIS, MARINA, ILDO, JAIME E ANTÔNIO.

CASADOS, FILHOS Albino e Otília (netos e bisnetos de Fortunato e Ida) Olívio X Clair Benetti (3 filhos); Elio X Maria Rama (2 filhos); Luis X Rita Tusset (3 filhos); Marina X José Turra (2 filhos); Ildo X Cenite (1 filho); Jaime X Neusa (3 filhos/trigêmeos); Antônio X Cenir Turra (2 filhos).

QUATRIM, CARLOS e MARGARIDA MANJABOSCO

Carlos Quatrim, 09/03/1909 - 08/03/1979, filho de João Quatrim e Marieta Lunardi. Margarida, 08/06/1912 - 10/05/1992, filha de Giacomina Manjabosco.

Ambos vieram das colônias Velhas para Lajeado Minas. Casaram e moraram em Pitanga - Maurício Cardoso onde nasceram 6 dos 7 filhos. O primeiro viveu até 24 anos com seqüelas da paralisia infantil. Em 1956 transferiram a residência para onde residem seus filhos e local onde nasceu o 7º filho.

Compraram meia colônia de terra dos Duarte. Só havia uma cozinha coberta de tabuinha e chão batido. Não tinha roça. Comprou madeira e mandou serrar na Serraria do Juliani em São Miguel e construiu a casa com a venda de uma junta de bois.

Com a família fez roça, e nela juntos trabalharam no cultivar o que era necessário para viver.

No começo pertenceu a comunidade de Guerrilha, depois passou para Rocinha e em 1963. Com o desmembramento de Rocinha a família passou integrar a Comunidade de Santa Lúcia de Lajeado Bordado.

Integrados a comunidade Nossa Senhora da Saúde de Rocinha participaram da vida escolar, catequética, religiosa e social de forma constante. Tomaram parte efetiva na construção da atual capela. Carlos era uma pessoa humilde e muito prestativa. Puxou muito serrote, com outros companheiros, para fazer os andaimes. Colaborou com seu trabalho e também financeiramente. Como servente, alcançava baldes com argamassa que eram elevadas por Roldanas acima.

Durante a construção da Igreja, Onorino Turra, ajudando como servente no alto da torre, pediu ao Carlos, um balde com água, cá de baixo. Quando a encomenda chegou lá de cima Onorino despejou, propositadamente, a água sobre o Carlos que não gostou da brincadeira e a confusão se estabeleceu. João Balzan, o capataz da turma do dia e Liberato Corso, capataz geral, acalmaram os ânimos e retornaram a concórdia aos poucos restabelecida.

Nas décadas de 60 e 70 no açougue da comunidade todas as semanas se matava uma rez para fornecer carne às famílias associadas. Neste período, Carlos era responsável para fazer o sabão dos resíduos restantes e fabricava um sabão de boa qualidade, lembram as famílias da época.

As filhas contam que o pai era uma pessoa participativa da comunidade e fazia seus filhos e esposa acompanhar nestas atividades. Por ser econômico saía de casa com o chinelo em baixo do braço e quando chegava nas proximidades de Rocinha lavava os pés na sanga e calçava então o chinelo. Gostava de jogar baralho, toda a vida e não era de perder nunca. Passava várias semanas com o mesmo troco no bolso, sem perder.

Em março de 1979, com 70 anos, morreu vítima de câncer após alguns meses de tratamento. Foi sepultado, no cemitério de Rocinha, junto ao filho Abrelino. Em 1992 foram trasladado para o cemitério de Lajeado Bordado quando a esposa Margarida faleceu, vítima de vários derrames.

Margarida fazia trança com palha de trigo para fazer chapéu “sportas” muito caprichados, costurados na máquina e vendidos.

O filho Laurindo com a família permanece na residência paterna. Houve algumas reforma e melhorias. Inês, Natalina e Dionísio moram próximos em partilha das terras herdadas. Aposentados, continua no cultivo de suas roças.

FILHOS E DESCENDÊNCIA: ABRELINO (falecido); INÊS x Ivo Marosttega (2 filhas); DIONÍSIO;(solteiro) LEONILDA x José Vasco Juskwicz (1filho); NATALINA x João da Silva(Miranda) (10 filhos); MARIA x João da Mota (4 filhos); LAURINDO x Leonilda P. Ramos (2 filhas)

RAMA, JOÃO e JUSTINA FIORENTINI

João Rama, Filho de Cesário Rama e Francisca Compagnoni, nasceu em Monte Negro aos 07/07/1914. João, mais três irmãos, Maria, Guilherme e Guerino, ainda pequenos perderam a mãe. Com o pai desorientado, passaram a viver com os tios. Mais tarde Cesário casou novamente e teve mais filhos. Em decorrência das circunstâncias alguns irmãos não mais se encontraram ou se conheceram, só mais tarde e até recentemente.

João foi criado e viveu com o tio Pedro Compagnoni, veio para Rocinha no ano de 1934, com 20 anos. Passou a trabalhar por dia, fazendo roça, taipa de pedras, para várias famílias como Corso, Benedetti, Lorenzet, e outros, até conseguir capital suficiente para adquirir meia colônia de terra de José Andreazza, Pai do Claudino. Assim que conseguiu construir a casa, em 1936, casou com Justina e passaram a residir e trabalhar em sua propriedade. Mais tarde ampliou a área de terra. Formou família com oito filhos e ali vivendo até o fim de sua vida. Hoje a propriedade permanece com a filha Maria casada com Elio Pitton

Na comunidade, João sempre esteve envolvido nas atividades e foi seguido pelos filhos. Destacou-se como catador de espetos, açougueiro e assador do churrasco nas festas junto com Felipe, João Balzan, Festivo Benedetti e tantos outros

JUSTINA FIORENTINI nasceu aos 27/08/1912 em Marter, Comune de Roncegno, Trento ao norte da Itália. Com 16 anos, os pais e 4 irmãos partiram do porto de Gênova para o Brasil. Após 18 dias de viagem chegaram na desconhecida Pátria que os acolheu em 04/12/1928. Única filha do casal Luiza e Maria Fiorentini, antes mesmo antes de ingressar na escola já sabia, ler para surpresa de todos. Dizia que a chamavam de “fenômeno” por esta razão. Isto lhe rendeu condições de ser uma permanente e assídua leitora, seja do italiano ou brasileiro. Muito culta, com conhecimento muito amplo e diversificado, com uma sabedoria surpreendente. Quem a conheceu comprova esta verdade. Muito religiosa, desde pequena fazia parte da Ação Católica na Itália, adquirindo uma boa

experiência neste campo. Em Rocinha foi uma das protagonistas no desenvolvimento desta experiência de vida e de fé nos grupos de família que se reuniam para rezar, cantar e ouvir a História Sagrada. Ajudava e orientava diversos grupos neste sentido, como também nas celebrações e catequese.

Justina cultivava boas lembranças da saudosa Itália, assim como a esperança de retornar a sua terra natal para escalar as montanhas e colher as flores alpinas, *Edelvais*, sonho que não concretizou.

Na sua espiritualidade que lhe era marcante, deseja ver um filho padre. Quando nasceu Elio, o consagrou na esperança se realizar seu desejo, confirmado em 10/11/1984.

Depois de ordenado Padre Elio viveu por 18 anos como missionário em Moçambique na África, país marcado por longos anos de sofrimento. Dez anos para conquistar sua independência de Portugal e 17 anos de guerra civil. Viver a negação absoluta de Deus e da fé para os missionários viverem isso e permanecer junto com aquele povo foi um desafio. Foram anos de destruição de tudo o que havia construído com muito sacrifício pelo povo e missionários. Também vivenciou o término dos conflitos e a reconquista da relativa autonomia daquele povo sofrido. Foi presença e esperança para eles. Ajudou na reconstrução de diversas obras (capelas, casas, seminários). Atuou como formador em nível de congregação e Interdiocesano. Por duas gestões foi Superior da Congregação dos Missionários da Consolata em Moçambique. Em 2003 retornou ao Brasil e em 2007 exerce sua missão em São Paulo, como formador de Teólogos, futuros padres da congregação, a nível internacional.

Os demais filhos de João e Justina seguiram atividades ligadas a agricultura e marcenaria. Zélia, por longos anos atuou em diversos Seminários dos Missionários da Consolata (RS, PR, SP).

João e Justina passaram por períodos críticos de doença e Padre Elio, mesmo distante na Missão, marcou presença em diferentes datas. Acompanhou a morte da mãe como ela sempre desejava. O mesmo não foi possível com o pai. João faleceu aos 11/10/1998 com 84 anos e Justina no dia 19/03/2000 com 88 anos. Ambos estão sepultados no cemitério local.

Filhos: JOSÉ x Ivete Busanello: (2 filhas); ZÉLIA; JAIME x Sueli Kowalski: (3 filhos); PIO X Sueli Mignoga: (2 filhos); BRUNO X Lurdes Zimler: (2 filhos); TERESINHA X Avelino Weber: (2 filhos); MARIA X Elio Piton: (2 filhos); Pe Elio Missionário da Consolata.

RAMIRO, JONAS FRANCISCO E LUIZA TASCHETTO

Ambos naturais de Tupanciretã. Não se tem precisão da data que vieram para a região. Eram muito pobres, segundo diz o filho Natalin. Residiram em vários lugares, trabalhando de agregado e diarista. Moraram como agregados de Ernesto Benedetti, próximo as vertentes de água na terra de Jorge Benedetti. Na segunda metade da década de 50 se estabeleceu na vicinal em Lajeado Bordado, com salão de Baile e cancha de carreiras. Hoje é a propriedade de Pedro Tibolla.

Na época o salão de baile era um espaço para diversão, porém bastante polêmico e contestado, por alguns Padres, embora nada tivesse de errado. Padre José Radicci não admitia que uma moça associada às Filhas de Maria participasse de bailes, sob pena de expulsão, desligamento da associação.

Padre José aconselhou para a família Ramiro dedicar-se a outra atividade. Abandonaram o salão de bailes, cancha de carreiras e se estabeleceram com marcenaria nas proximidades da residência atual de Lúcia Compagnoni, do outro lado da estrada. Com o retardamento da chegada da Energia elétrica para movimentar as máquinas as dificuldades eram muitas. Em 1964 transferiram-se para a Vila Consolata, local onde permanecem até hoje com fábrica de móveis para o mercado interno e exportação. Os demais irmãos Ramiro residem na região, outros em Mato Grosso e Paraná dedicados a agropecuária, madeireira, olaria e comércio.

Filhos: Natalin, Otília, Juvenal, Donato, Vitória, Angelim, Teresinha, Nilda, e Arlindo.

Casados e Descendência: Natalin X Dulce Ludwig (8 filhos); Otília X Orestes Roberti (7 filhos); Juvenal X Elvira Simão; Vitória X Afonso Scartazzini (1 filho); Teresinha X João Kein; Nilda X Estanislau Scimel (3 filhos); Arlindo X Judite Klein (3 filhos). Donato falecido criança. Angelim portador de deficiência vive com o Juvenal.

ROBERTI, DOMINGOS E LÚCIA

O casal de imigrantes italianos Domingos Roberti e Lúcia, casados, chegaram em Caxias, depois rumaram para Ijuí e por fim Três de Maio, na localidade do Km 13 no início de 1890. Adquiriram do governo 3 colônias de terra onde começaram a vida e constituíram a família de 10 filhos: (José, Otávio, Lino, Ampélio, Arturo, Ugo, Teresinha, Giacomina, Olga e Angelina). Ainda vivem Ugo com 94 anos e Olga próxima aos 90 anos. A primeira geração é constituída de 70 netos. Assim constituída: José x Vilma Gasperin (6 filhos); Otávio X Graciosa Padoin (6 filhos); Lino x Maiorina Ravison (8 filhos); Ampélio x Enriqueta Menegatti (4 filhos); Artur X Ema Postai (12 filhos); Ugo X Ida Dallavéchia (11 filhas); Teresina X De Rosso (7 filhos); Giacomina X Antônio Tiecher (6 filhos); Olga x Redemisto Viapiana (9 filhos); Angelina X José Benatti (2 filhos).

Os descendentes vivos tem poucas informações pois os pais pouco falavam da Itália.

Em Rocinha Domingos adquiriu três colônias de terras seqüenciadas, que estavam entre as propriedades de João Fiorentini e de Ernesto Benedetti, para colocar os três filhos: Otávio, Lino e José.

ROBERTI, JOSÉ e VILMA GASPERIN

O casal José Roberti e Vilma Gasperin se estabeleceu na propriedade que atualmente pertence a Marino Padoin, lindeiro de Jorge Benedetti. Aos poucos derrubou o mato necessário para cultivar, construiu galpão para morar, depois uma casa de madeira e mais tarde, nos anos 60, uma nova morada em alvenaria. Hoje nada mais existe. A terra pertenceu ao filho Avelino e após o neto Roque Roberti.

Por vários anos a viúva Vilma ainda residiu no local com o filho Bruno e Noeli Godói. Desde então várias famílias fizeram aí sua morada e companhia a nona Vilma, Eliseu Massaia e Iria Bornhold, Vitor Carpes e Tereza Scartazzini, Rudi Hallebrand e Lucila Roberti (sobrinha neta). Depois foi morar com o filho Avelino. Os últimos moradores a residir nesta casa foram Gilmar Vidotte e neta Inês Roberti, depois ficou abandonada até ser demolida pelo novo proprietário.

José era muito sério, trabalhador e envolvido na comunidade. Após um período de enfermidade e muito sofrimento, morreu em decorrência de câncer. Sepultado em Rocinha, seus restos mortais foram transladados para junto de Vilma, sepultada no cemitério de São José Km 13.

O Casal teve 06 filhos: Inês, Avelino, Maria, Alberto, Bruno e Onorina. Além destes, adotou a recém nascida Lídia, filha de uma Martinelli e do Carcuta. A mãe não quis a filha e lhe a entregou. Aos 14 anos, Lídia faleceu, devido a problemas cardíacos. Vilma também acolheu e criou até 3 anos a recém nascida Claudete Cousseau, uma vez que a mãe morrera no parto.

A descendência do Casal José e Vilma: Irmã Ignez (religiosa FSCJ); Avelino X Adélia Padoin (5 filhos); Alberto X Lurdes Cousseau; Victorio X Elvira Baú (5 filhos) e Josefina Baú (1 filho); Bruno X Verônica Cousseau (4 filhos) e Onorina (religiosa Ir Assunta FSCJ). Irmã Maria Ignez com 13 anos foi para o convento e como religiosa trabalhou por 28 anos na Argentina. Atualmente está no Colégio Dom Hermeto em Três de Maio. Irmã Assunta formada em enfermagem, atuou na Coordenação de Cursos técnicos da enfermagem, na instituição e hospitais da Congregação. Alberto faleceu aos 42 anos, vítima da queda de uma árvore, enquanto trabalhava, na localidade de Lajeado Caneleira – Horizontina, onde residia com a família. Victório casou aos 25 anos com Elvira Baú e após o falecimento desta se casou novamente com Josefina, irmã de Elvira. Avelino e Adélia Padoin residiram com os nonos Roberti e depois foram morar onde era propriedade de Adelino Somavilla, mais tarde por 48 anos no Km 13 e finalmente na cidade de Três de Maio, local onde Adelino faleceu em 2005.

“Sempre tivemos pessoas morando com nós, principalmente pessoas de cor. Sempre tive estima e fui estimada por eles”, diz Adélia. Fernanda Cristina Ribeiro, criada desde os quatro anos e dois meses até casar com 21anos. Neusa Massaia, Valmir Massaia e Itamar Massaia, este filho de Eliseu e Iria.

ROBERTI, LINO E MAIORINA RAVISON

Lino, o terceiro dos dez irmãos, casou com Maiorina Ravison e se estabeleceu na colônia entre os irmãos Otávio e José em Rocinha. Constituiu sua família integrada e atuante na Comunidade. Também com atividade agrícolas. Lino possuía uma capacidade inventiva e inovadora. Construiu um engenho de cana para fabricar melado e açúcar. Instalou um soque de erva-mate utilizando a queda de água em uma roda. Para isso canalizou o nível da água do riachinho existente na propriedade, pelo potreiro, construiu a uma casinha, uma roda para queda da água próximo ao rio Rocinha. A queda da água, sobre a roda, movia um eixo onde estavam conectados pino de madeira que se moviam alternadamente, triturava a erva no interior de um cocho de madeira. Atendia a vizinhança e região. Utilizava este equipamento para triturar milho, fazer canjica e quirela para alimentar os animais.

Lino era uma pessoa querida e amada por todos, pelo seu estilo de ser e de se relacionar. Ele e a família eram pessoas festeiras, alegres, bem-humoradas, contadores de piadas.

Sua casa, composta de duas partes separadas. A cozinha grande ligada por uma área coberta ao restante da casa alta, com sótão e porão. Continha uma sala grande, quartos e sobrado com mais quartos necessários para abrigar a família. Era uma casa acolhedora onde Lino, no seu modo de ser alegre, com sua família reunia vizinhos e amigos para as cantorias, bailes e “filó”. Algumas vezes foram flagrados pelos “quarteirões”, espécie de fiscais policiais, por se comunicarem na língua italiana. Algumas vezes pernoitou na cadeia com a gaita e os gaiteiros, confirma José Bonfanti. Outros saltavam pela janela de uns 4 a 5 metros de altura. Certa vez o gaiteiro fingiu estar dormindo na cama para escapar da prisão.

Na comunidade Lino fez parte de diretorias e comissões de trabalho, organização do primeiro cemitério que se localizava atrás do prédio da FAG. Alguns filhos casaram e foram morar em Santa Helena - Paraná. Mais tarde, na década de 60, vendeu a propriedade para Dovílio Turra e com restante da família transferiu-se para o mesmo destino de seus filhos no Paraná. De começo Lino retornava seguidamente em visita aos amigos de Rocinha e região. Atingiu a longevidades de noventa anos. Lino e Maiorina celebraram os 60 anos de casamento no ano de 1976 e Lino morreu em 2001.

Família constituída de 8 filhos. Orestes, Ema, Albino, Dari, Maria e Madalena (gêmeas), Lúcia e Lucindo (gêmeos).

Orestes X Otília Ramiro (5 filhos); Albino x Sueli Godói (6 filhos)

ROBERTI, OTÁVIO e GRACIOSA PADOIN

Otávio sempre foi uma pessoa muito alegre e “briqueteiro”.

Quando jovem comprou um bozinho, uma bola, negociou um potrinho e arrumou a namorada, Graciosa. Logo após foi ocupar a terra e morar em Rocinha, casou, constituiu família e integrando-se na nova comunidade, até falecer.

Graciosa, filha de Jacó e Amábile Padoin.

Otávio e Graciosa ocuparam a colônia entre a propriedade de João Fiorentini e seu irmão Lino, morada que atualmente pertence à Lúcia Telha. Desenvolveram com os filhos, atividades básicas na agricultura. Ainda jovem adoeceu, foi atendido nos hospitais de Tucunduva e Horizontina, não resistindo em poucos dias faleceu em decorrência de problemas intestinais, “*nó nas tripas*”, conforme afirma Ugo. Foi sepultado no cemitério de Rocinha.

Graciosa, viúva com os filhos, Jacó, João, Gentil, Arlindo, Euclides, Ângela, Maria e Olinda enfrentou com dificuldades a continuidade da vida, do trabalho e da educação dos seis filhos. Mais tarde casou novamente com o viúvo João Telka. O mesmo passou a residir na casa de Graciosa com seus filhos menores, José e Rosa. Cresceram juntos com as filhas da Graciosa. Desta convivência, se casaram Ângela Roberti com José Telka que mais tarde se separaram.

Graciosa, na década de 70, vendeu sua colônia para o sobrinho Bruno Roberti e foi morar na cidade de Três de Maio com João e família. Bruno, por sua vez, na década de 80, vendeu a propriedade para Francisco Telka e esta permanece com a viúva Lúcia.

FILHOS casados: Jacó X Lúcia Botton (5 filhos); João x Edite de Rosso (6 filhos); Gentil x Lorena Volmann (5 filhos); Arlindo X Carmem Pertolli (8 filhos); Euclides x Jurema de Rosso (4 filhos); Ângela x José Telka (2 filhos); Olinda x Auri Andrés (3 filhos); Maria x Adelino Matos (4 filhos).

Débora, filha caçula de João e Edite, esteve na Itália em 2005, fazendo doutorado em Física pela Universidade de Santa Maria. Neste período pode visitar e conhecer as origens da família Padoin, em Solighetto, província de Treviso. Registrando e documentado o que viu, ouviu e sentiu, na terra de seus antepassados.

RODRIGUES, BASILIO e FAUSTA

Basílio é natural de Cachoeira do Sul e Fausta de nacionalidade Paraguaia. Casados, viveram em Rocinha e constituíram família com 11 filhos. Integrados na vida escolar e comunitária até os anos 1980, quando o casal e o filho Ricardo com a família se transferiram para Santa Helena- Paraná. As terras, vendidas a família Zucatto, estavam localizadas no caminho que vai ao Parque de Angelim da Silva. Eram vizinhos do Xisto Busanello e da família Rodrigues.

FILHOS E DESCENDÊNCIA: BLANDINA x casou com um alemão (2 filhos); ADELAIDE x João Schampanski; ARLINDO x Celita (7 filhos); MARINA x Antônio Pereira (5 filhos); MARIA (solteira); DEVERCINDO x Romilda Maria Bernardi (6 filhos); ANA(solteira); ORLANDA x Domingos Vargas (10 filhos); GENI x José Brojoski (5 filhos); ERNESTO x Ana Belermimo (8 filhos); RICARDO x Elvira Jost (3 filhos) viúvo, casou com Sidônia Brux (2 filhos).

DEVERCINDO casou com Romilda em 1962. Por um ano o casal residiu na casa paterna e depois requereu do Estado uma colônia de terras que foi propriedade da família Vargas. Esta área permanece com a família Rodrigues. Constituíram família e tiveram seis filhos, Gilberto, Irineu, Jaime, Norberto, Marino e Tadeu que para freqüentar a escola em Rocinha percorriam diariamente um trajeto de seis quilômetros a pé ou a cavalo. Devercindo foi uma pessoa muito cética, descrente e até contestadora da igreja ou religião, isto causava sofrimento à família e principalmente a esposa Romilda de princípios cristãos herdados dos ancestrais Bernardi e Viapiana. Apesar disto a família se manteve na orientação da mãe. São pessoas de bem, bem-sucedidos. Devercindo após seis meses de enfermidade faleceu vítima de Câncer nos Pulmões. Mesmo na enfermidade não aceitava acompanhamento religioso, porém no final ele desejou ser assistido pelos Santos Sacramentos. Romilda conta hoje com 12 netos e 1 bisneta.

RICARDO, perdeu a esposa Elvira com três meninas pequenas, casou novamente com Sidônia Brux, teve mais 2 filhos e atualmente reside em Santarém - Pará.

MARIA com 18 anos saiu de casa e se aventurou em busca de trabalho em Porto Alegre. Por alguns anos trabalhou como doméstica. Conviveu com uma pessoa por 25 anos. Construíram a vida sem ter filhos e adquiriram um terreno. Seu companheiro tinha um pequeno comércio onde trabalhava e faleceu a mais de 20 anos. Como não tinha nenhum contrato de vínculo oficializado não herdou nenhum direito sobre os bens. Desnorteada e desamparada, Devercindo foi buscá-la e acolheu-a em sua casa. Desde então, permanece sob os cuidados da cunhada Romilda e sobrinho Gilberto.

ANA está no asilo em Santa Maria.

ADELAIDE depois de viúva, também conviveu com a família de Devercindo, até falecer em consequência de câncer nos intestinos. Adelaide e Devercindo estão sepultados nos cemitério de São Braz. Basílio e Fausta foram sepultados em Santa Helena – PR.

SALANTI, ANTÔNIO e ANTÔNIA MICHELON.

Antônio Salanti nasceu aos 06/11/1898 e faleceu em 09/06/1975, filho de Antônio Salanti e Rosa Felizzari.

Antonia Michelin nasceu aos 10/05/1901 e faleceu em 09/08/1979.

Ambos, naturais de Caxias do Sul, descendentes de imigrantes italianos. Em 1925 vieram como pioneiros e fundadores de Rocinha. Constituíram aqui sua família dedicaram-se a agricultura e integraram a comunidade até o fim de suas vidas.

Em 1898 Antônio (pai) muito jovem morreu vítima de tétano, em consequência de uma farpa, que se cravou em um pé. Ficaram órfãos de pai os filhos Madalena e Antônio, este com 40 dias herdou o mesmo nome do seu pai. A mãe, viúva Rosa Felizzari, ainda jovem casou novamente com Inocente Pietro Andrezza, também viúvo, com seis filhos. Formaram uma única família sob a tutela do Andrezza. Do novo casamento nasceram as filhas Esther Andrezza (11/07/1904) e Maria Ângela Andrezza (10/02/1906).

Inocente Pietro Andrezza destinou para Antônio Salanti, seu enteado, duas colônias de terras atualmente pertencentes aos herdeiros das famílias Tomasi e Somavilla, nas proximidades da residência de Nelson e Ema Turra

Em 1925 ao se casar com Antonia Michelin ocupou a terra herdada do pai adotivo

Aqui foram acolhidos por Ernesto Benedetti e João Andrezza até construir uma pequena moradia própria.

Mais tarde construiu uma casa maior para abrigar a família que aumentava. A casa possuía uma cozinha separada por uma área que dava passagem a ala constituída de uma sala grande, os quartos, e Sótão, com mais quartos. Embaixo o porão e pipas com vinho. Acima da casa um parreiral amplo, pomar variado e frondosos plátanos destacavam a vistosa moradia.

Antônio ajudou na construção do capitel, a primeira capela, tomando parte da diretoria, foi carroceiro, freteiro, fabricante de “dormentes” para construir estrada de ferro. Transportava os dormentes, por ele falquejados, em seu carroção puxado por pareias de mulas, até Giruá. Com o fruto de seu trabalho árduo, provia inicialmente a subsistência da família

O casal viveu neste local até o fim de seus dias a trabalhar na agricultura, produção de vinho e criação de suínos. Os filhos seguiram diferentes profissões. Três deles, Luiz, Cláudio e Nelson se aposentaram como caminhoneiros. Outros se dedicaram a fabricação de tijolos. Na olaria de Alcides Salanti, localizava-se próximo da atual morada de Inocente Tibolla, foram produzidos tijolos utilizados na construção da capela atual. Os descendentes, em sua maioria, deram continuidade na agropecuária como se destacam em Prudentópolis - PR os filhos de Alcides bem sucedidos com o cultivo de feijão, milho, soja e com suinocultura.

Em família falavam o italiano. Antônio, como outros italianos, “bestemava” bastante no dialeto e de rezar gostava muito pouco. Às vezes enquanto a família, de joelhos, rezava o terço, ele se mantinha sentado na área da casa picando fumo, com certeza rezando também. Apesar disso, ele se integrava ativamente e com muita disponibilidade em toda a vida da comunidade. Participou de diretorias da capela e da construção do cemitério.

Gostava de cantar e apesar de sua pouca estatura e pescoço curto era um bom jogador de futebol, ponteiro esquerdo. Gostava desta prática. O desvio do líquido das narinas para os olhos causava-lhe lágrimas constantes. O tratamento com vários médicos sanou um problema e aos poucos secou o nervo da visão até chegar à cegueira total. Viveu cego por 18 anos e morreu com 77 anos.

Antonia Michelin sofreu com trombose e foi necessário amputar uma das pernas aos 70 anos. Assim viveu por seis anos na companhia da filha Gersermina, casada com Antônio Turra (Tóni) que a acompanharam em suas limitações. Como Antonia era analfabeta, só reconhecia as moedas de níquel, as netas lhe ensinaram ler. A partir de então se entretinha em ler a bíblia. Morreu aos 83 anos e foi sepultada ao lado do marido no cemitério local.

CASAMENTO E DESCENDÊNCIA: MARIA X Antônio Tiecher (8 filhos); AVELINO X Maria Turra (8 filhos); LUIZ X Vera Miller (2 filhos); ALCIDES X Graciosa Turra (9 filhos); ROSA X Athayde Busanello (11 filhos); CLAUDINO X Serenita (4 filhos); ORESTES X Adélia Warmann (7 filhos); PAULO X Inês Fiorentini (4 filhos); CATARINA X Vicente Corso (6 filhos); GERSEMINA X Antônio Turra (7 filhos); NELSON X Elci Busanello (3 filhos); NAIR solteira.

Antônio Turra e Gersermina, que acompanharam os nonos SALANTI até o final de suas vidas, residiram na propriedade até 1988, quando transferiram residência para Formosa - GO. A propriedade, vendida para Osvaldo

Tomasi, após uma tragédia entre familiares, foi abandonada, pertence aos herdeiros menores e é cultivada por terceiros a mando do juizado.

AVELINO SALANTI, casado com Maria Turra, residiu por um período no Bar e sorveteria de sua propriedade e do sócio João Turra. Fez parte da Comunidade, foi presidente quando da construção da primeira parte do salão. Presidiu o CPM da escola nos anos 78/79. Residiu em Lajeado Bordado, onde foi um dos fundadores da Comunidade Santa Lúcia. Transferiu residência para Campo Novo e atualmente reside em Braga, limitado nas condições de saúde.

ALCIDES em parceria com Luiz e Claudino montaram a olaria e forneceram os tijolos utilizados na construção da Capela. Após casado, de 1962 a 1969, residiu próximo a olaria e depois transferiu-se para São Caetano. Trabalhou na agricultura em sua propriedade vizinha ao Ulisses Vidotte e mais tarde no moinho, serraria e criação de porcos que adquiriu dos Perinazzo. Na seqüência residiu no interior de Tucunduva até se transferir para Prudentópolis – PR. Alcides faleceu em 02/05/2005, aos 77 anos de idade vítima de câncer hepático.

Filhos: Vilmar, Valdir, Milton, Mafalda, Romildo, Sueli, Marlene, Rejane e Sérgio.

Em 2007 a prole é composta por 21 netos e 03 bisnetos.

SCARTAZZINI, AFONSO e VITÓRIA RAMIRO

AFONSO SCARTAZZINI, filho de Domingos Scartazzini, nasceu em Feliz casado com e Claudina Dalmonte. Residiu em Consolata e formaram a família de nove filhos, Natalina, Afonso, Tereza, Luiz, Mercedes, Lurdes, Dolores, Cecília e Márcia.

Domingos e Claudina não residiram em Rocinha, mas, bom número de seus filhos, de uma forma ou outra integraram a comunidade. Afonso com pequeno comércio, algumas irmãs moraram com Afonso e Tereza que integrou a comunidade com a família.

Em duas trágicas circunstâncias, em acidentes de trânsito, foram ceifadas cinco vidas. Primeiro Domingos quando andava de carona, próximo a Consolata, no caminhão com o filho Afonso, a porte se abriu e na queda do veículo morreu fatalmente. Num segundo acidente, José, a esposa, duas filhas e a mãe, andando em carro de passeio, nas proximidades do Km 13, outro veículo lhe cortou a frente sendo fatal. Sobreviveu só a esposa de José.

Afonso casado com **Vitória Ramiro**, filha de Jonas Ramiro e de Luiza Taschetto, residiu em Rocinha nas décadas de 60 e 70. Atuava com uma pequena casa de comércio localizado na esquina em frente onde está o posto de combustíveis. As irmãs de Afonso, Lurdes, Dolores, Cecília e Márcia, moravam com ele alternadamente. Ajudavam no comércio e freqüentavam a escola, catequese, a vida de Comunidade, atividades sociais e culturais. Depois que Afonso transferiu residência, Dolores permaneceu por mais tempo trabalhando no bar. Afonso possuía um caminhão, para transportar produtos de seu negócio e fazia fretes. Numa viagem, ocorreu o acidente fatal com seu pai Domênico.

Onde Afonso residiu, anteriormente funcionava a sapataria de **João Compagnoni** onde também trabalhava seu sobrinho **Nelson Gasperim**. Quando João foi morar no Paraná a casa passou a ser residência de Oscar Zucatto, casado com a professora Maria Elzira Adoryan e só depois foi ocupada pelo Afonso.

A referida casa, na esquina, possuía uma escada alta que dava acesso à sapataria. Boas e divertidas lembranças permanecem na memória das pessoas que conviveram naqueles bons tempos. É memorável em suas histórias, enquanto propriedade do João como sapataria. Ali ele costumava aprontar e fazer pegadinhas, inventar uma brincadeira e outra com quem por ali chegasse. Só queria ver a “caixa d’água pegar fogo”, mas, de forma

saudável e se divertia com as reações que provocava. Era só saber levar na flauta e não entrar na onda dele para não arrumar confusão mais séria.

Em meados dos anos 70, quando foi adquirido o terreno para construir o Posto de Combustíveis de Nelson Salanti, Valdir Busanello, Antônio, Dovílio e Assis Turra, esta casa foi demolida. Mas na memória das pessoas ficaram muitas lembranças, histórias, brincadeiras, gostosas e divertidas que marcaram a época, lembradas ainda hoje pelas novas gerações.

SEGATTO, ALBINO e MARIA PERINAZZO

Albino Segatto, 27/08/1920 - 08/12/2006, neto de imigrantes Italianos, filho de João Segatto e Antonia Zanchi. A Família Segatto, é originária da Itália e os avós se estabeleceram em Silveira Martins.

O casal João Segatto e Antonia Zanchi, no final da década de 1910, com a família formada, de 11 filhos: (*Ademar, Albino, Arnaldo, Clementino, Bronilda, Ida, Irene, Mercedes, Adelina Lucí, Vicente e Ambrósio*) veio para Três de Maio e se estabeleceu na localidade de Santo Antônio.

Alguns anos depois, por força das circunstâncias, toda a família Segatto retornou a Silveira Martins, onde Albino e Ademar aprenderam e praticaram a profissão de pedreiros-construtores. Dois anos depois Albino voltou a São Caetano trabalhar na serraria e na carpintaria de Sílvio Perinazzo, naquele que seria seu futuro cunhado.

Maria Perinazzo, 18/06/1922, filha dos imigrantes Italianos Vitório Perinazzo e Teresa Tenetini.

Vitório Perinazzo, natural de Padova veio para o Brasil com 13 anos e Teresa Tenetini, natural de Mantova, veio com 2 anos de idade. A travessia pelo Oceano Atlântico durou 6 meses em navio a vapor até chegar ao Rio de Janeiro. Ambas as famílias rumaram para o Rio Grande do Sul e se fixaram em Alfredo Chaves /Veranópolis. Mais tarde Vitório e Tereza casaram e tiveram 12 filhos, 10 dos quais nascidos naquela região (Julio, Sílvio, Rosa, José, Catarina, João, Alfeu, Casemiro, Severina, Judite depois Luiz e Maria)

Em época anterior a 1920, Vitório veio para esta região em busca de terra para morar e trabalhar. Aqui permaneceu por seis meses, quando foi informado pelos agrimensores que mediam as terras, sobre a possibilidade de este local ser o mais promissor, adquiriu 10 colônias localizadas em Lajeado Tigre, hoje São Caetano e foi buscar a família para fazer morada na nova terra.

Vitório, com a mudança, filhos, esposa grávida de 6 meses, partiram para a aventura. Viajaram de carroça enfrentando muitos obstáculos, mata virgem. Para ultrapassar o Rio Santa Rosa, o fizeram num local onde água era mais baixa, transpondo a mudança em cima de cargueiros. Em outubro de 1919 chegaram ao destino e aos 20/10/1920 nasceu Luiz, o 11º, o filho da ousadia, da bravura, da coragem da mãe e dois anos depois nasceu a caçula *Maria*, no dia 8/06/1922.

Os filhos Perinazzo, foram se estabelecendo no lugar, ocupando as colônias compradas pelo pai. Área localizada entre o rio Tigre, vicinhal com Rocinha até limites com Navegantes. Dedicaram-se ao cultivo da terra e criação de animais. Sílvio, inovador desviou parte do curso do rio tigre para movimentar a roda d'água e esta colocar em funcionamento a serraria, o moinho e a marcenaria. Doou uma área para construir a capela, escola formar a comunidade onde permanece atualmente. O início da comunidade ocorreu com um capitel onde está localizado o cemitério de São Caetano.

Maria, ainda pequena perdeu a mãe e foi amparada pelas irmãs. Parou com a sua irmã Catharina De Carli. Cresceu e percorreu o caminho desde São Caetano para freqüentar a escola em Rocinha. Sua professora "Corona

foi como mãe, uma catequista para mim”, diz ela. “Fui coordenadora da Ação Católica (Grupos de família) na época. Era muita gente que se reunia nas casas para rezar, cantar, escutar a história Sagrada” lembra Maria

ALBINO SEGATTO e MARIA PERINAZZO casaram no dia 04/12/1943 e residiram por um ano em São Caetano depois adquiriram terra em Santo Antônio, onde residiram por três anos. Neste tempo Maria se ocupava nos serviços da roça e Albino trabalhava com um caminhão, fazendo frete. Albino, não foi bem sucedido neste novo empreendimento. Não conseguiu pagar o caminhão que havia adquirido, pois o frete era pouco. Venderam a terra para saldar a dívida e foram morar de agregado do Perinazzo. Mais tarde conseguiram comprar a terra do Tubiana por 30 mil reis, hoje propriedade do Pivatto. Ganharam 20 mil com a venda da madeira retirada desta terra e ficou um saldo de 10 para se pago. Assim recomeçaram a vida, trabalhando na roça e na construção de muitas casas e igrejas pela região.

Em 25/07/1956, Albino com a família transferiu residência para Três de Maio onde adquiriu 4 hectares de terra onde permanece a família. Trabalhou de pedreiro, comprou de seu irmão Ademar a fábrica de Artefatos e Cimento, próximo do hospital. Em 07/08/1963 transferiu a fábrica para o local onde se encontra em novas e modernas instalações. O filho Libório dá continuidade ao empreendimento localizada no Bairro Jardim das Acácias - Três de Maio.

Na construção da Capela Nossa Senhora da Saúde de Rocinha Albino com seu irmão Ademar tiveram uma participação decisiva.

Segundo depoimentos colhidos do próprio Albino, houve um desafio final para ver quem colocaria a Cruz feita de argamassa com 2,5 de altura, pesada, no alto da torre. Diante da indecisão, Albino, desafiou a si mesmo dizendo “eu nasci pra que?...” “Fiz o que não podia fazer, mas uma força maior ajudou e a cruz está lá”. “Sou feliz por ela estar lá, quando descí, respirei fundo e agradei a Deus por todos continuar vivos, depois daquela ação perigosa”

Ao Albino se deve o mérito da ousada, corajosa e desafiadora ação de colocar a cruz e ao grupo que também correu o risco de desandar dos andaimes, com pouca segurança e muitas dificuldades.

Maria, esposa de Albino, em seus depoimentos afirma: “Enquanto Albino ajudava construir a capela em Rocinha eu ficava com os filhos. Foi um tempo difícil para mim, morando na cidade a menos de um ano. A vida aqui era diferente daquela vivida em São Caetano. Precisava tomar conta, fazer o papel de mãe e pai para os filhos. Albino arrumou Maria Morim para me ajudar neste tempo. Ela cuidava das crianças, da casa e eu da roça e das vacas. Mas tudo deu certo, tudo passou e a capela construída com a ajuda do Albino ficou bonita. E vocês lembrem-se dele ao comemorar os 50 anos”. Emocionada afirma “Como ele ficaria contente, depois de 50 anos, de participar desta festa, mas, ele foi antes...”

Participou nas grandes construções, em Três de Maio como pedreiro do Seminário Nossa senhora de Fátima, hoje Escola Castelo Branco, Ginásio Pio XII (atual Pacelli), Igreja Matriz Católica, Colégio Dom Hermeto.

Albino se aposentou, trabalhando em sua indústria e muitos anos de contribuição para a Previdência Social.

Albino e Maria compartilharam 63 anos e 04 dias de vida conjugal.

Com sua longevidade e alguns limites para se locomover, Albino sempre manteve disposto, com memória e lucidez invejável para relatar fatos, acontecimentos, passagens de vida, de trabalhos realizados, com detalhes nas informações. Colaborou muito no resgate desta nossa história. Três dias antes de concluir sua trajetória terrena, Teresinha Turra esteve com ele coletando preciosas informações deste documentário. Revelava-se muito esperançoso e com projetos de vida.

FILHOS E DESCENDÊNCIA E ALBINO E MARIA:

MOACIR x Lurdes (1 filho); LIBÓRIO x Maria de Fátima Zucatto (2 filhos); ATAÍDES x Elzira Dalavechia (2 filhos); BERNADETE x Valdemar da Silva (2 filhos); SALETE x Ivo Bruxel (4 filhos); ELIZETE x José Besing (2 filhos); NICOLINA x Eldo Rost (3 filhos); FERNANDO x Lúcia Greff (2 filhos); LÚCIA X Valter Bochian (2 filhos); MARCOS x Ani Gombag (2 filhos); ARMANDO X Andréia Magalhães (3 filhos).

SICHIERSKI, WATCHUAVO E MARIA MALEICO

Watchuavo nasceu aos 17/12/1905 e faleceu aos 08/10/1963, Maria nasceu aos 28/04/1913 e morreu aos 29/07/1989, ambos descendentes de imigrantes poloneses. Inicialmente se estabeleceram em Ijuí e depois em Rocinha e mais tarde fixaram sua morada na propriedade que depois permaneceu com o filho Estanislau, até início do novo milênio, quando Vilmar Ferrari adquiriu a mesma.

Sempre se ativeram nas atividades agrícolas de subsistência, integrados a Comunidade local. Watchuavo era alcoólatra com dificuldades para superação deste hábito que muito lhe prejudicava. Após seu falecimento, Maria permaneceu convivendo e sob os cuidados do filho Estanislau e família até falecer. Ambos estão sepultados no cemitério da localidade.

FILHOS E DESCENDÊNCIA: ESTANISLAU x Edviga Telka (6 filhos); APOLONIA x Adão Telka (4 filhos); Edvino Karlinski (2 filhos).

ESTANISLAU casado com Edviga Telka permaneceu na casa paterna, integraram a comunidade nas diversas atividades. Edviga, mulher exemplar de doação pessoal e muito prestativa nas atividades comunitárias onde fosse necessário. Foi catequista, coordenadora da catequese, apostolado da Oração e animadora de grupos de famílias. Apesar das dificuldades, sempre demonstrava alegria, em poder participar e servir.

Apolônia, casada com Adão Telka, ocupou uma área vizinha de Estanislau. Ali viveram, constituíram família, viveram trabalharam na roça. Muito jovem, com 42 anos viuvou, com seis filhos (uma filha, portadora da síndrome de Dawn). Permaneceu na morada e criou os filhos. Mais tarde, em conseqüência de um derrame, viveu sob os cuidados do filho Paulo Telka e família até falecer aos 24/06/1998 e a filha Lúcia a precedeu em seis meses aos 02/12/1997. Paulo e família são proprietários desta morada.

SOMAVILLA, CARLO CAETANO E LUIZA BOZZETO

Carlo, filho de Isidoro Somavilla e de Maria Sponchiado, nasceu em Cachoeira do Sul, aos 28/04/1902, Luiza Bozzetto, também natural de Cachoeira do Sul, filha de José Bozzetto e Oliva Seolin.

Em 1935, com os quatro primeiros filhos vieram residir em Rocinha onde atualmente é a propriedade do filho Marcelino Somavilla. A área de terra foi adquirida de Inocente Andreazza. Era puro mato. Acomodaram-se nos parentes Bozzetto na Esquina Tucunduva e arredores até abrir espaço para construir morada. "Foram anos de dureza, dificuldades, mas vencemos, derrubando mato, plantando fumo. O Caminho para a escola era um pique no meio do mato". Afirma Marcelino.

Como as demais famílias desenvolveram atividades ligadas à agricultura.

Possuíam trilhadeira própria e em 1957 a família montou uma serraria. A primeira madeira serrada foi utilizada para fazer os andaimes na construção da capela de Rocinha. Toda a madeira necessária para a construção da mesma foi serrada gratuitamente.

Mais tarde, Carlo construiu uma casa a 50 metros da sua para acolher os seus pais, já idosos, vindos de Santa Maria e que ali permaneceram até o fim de suas vidas. A filha que os acompanhava, após a morte dos pais, retornou a cidade de origem para continuar trabalhando no Hotel Tupi.

FILHOS: Eduardo, Adelino, Marcelino, Ema, Teresinha, Irma, Erminda e João.

Casados: Eduardo X Josefina Tubiana (8 filhos); Adelino X Ângela Lorenzet (8 filhos); Marcelino X Leonida Zemolin (6 filhos); Ema X Julio Smaniotto (4 filhos); Teresinha X Cláudio Garlet (7 filhos); Irma X Genésio Burin (2 filhos); Erminda X Pio Busanello (2 filhos); João X Serenita Bender (4 filhos).

SURDO, FELÍCIO e Rosa Leite da Cruz

Assim conhecido Felício “surdo”. Não se tem informação correta exata sobre sua verdadeira identidade.

Felício foi morador em Rocinha em diversos lugares como agregado onde criou os filhos. Por mais tempo residiu próximo das famílias Turra onde hoje é propriedade dos Peripolli. Depois, passou a residir na propriedade da família Roberti em Lajeado Caneleira, com Avelino Roberti, no Km 13, residiu por mais de 5 anos já idoso. Saiu por um tempo e retornou implorando para voltar a morar com Avelino e Adélia que a princípio resistiam, mas aceitaram. Seis meses após faleceu com idade próxima aos 100 anos.

Curiosamente Felício era uma pessoa de sentimentos religiosos profundos. “Sua presença inspirava paz”, conforme diz Adélia. Quando adoeceu pediu a presença do padre. A princípio, a família de Avelino, não levou muito a sério. Mas quando Adélia foi lhe servir a comida, ele insistiu novamente. Foi então que Adélia convenceu os demais para atender o seu desejo. Buscaram Pe. Gianni Basso, recém chegado em Três de Maio, que ministrou os sacramentos da confissão, comunhão e unção dos enfermos. Oito dias depois, lúcido e consciente, faleceu. No dia de Nossa Senhora do Carmo, se despediu abanando com a mão para cada um que estava presente. Dias antes expressava frase como: “Tá custando!...” perguntado sobre o que respondia: “a morte”. Conforme Adélia, Benildo e João Binicheski, Felício fez uma santa morte na sua simplicidade de ser e viver.

Felício teve quatro esposas. Casou com Delfina e teve os filhos: Acelino, Avelino.

Viúvo, se casou com Grassula com a qual teve os filhos: Pedro, Bastião, Juca, Antonia, Leonida.

Viúvo, novamente, viveu com Rosa Pires sem ter filhos, da qual se separou.

Separado, casou no religioso e viveu mais 11 anos com Rosa Leite da Cruz, já também idosa.

Rosa Leite da Cruz, a mais de 30 anos continua residindo com Adélia Roberti, em Três de Maio. Não se tem precisão de sua idade, mas é superior a 80 anos. Está saudável e consciente. Mantém-se ocupada com pequenos afazeres. Tem um pouco de dificuldade na dicção. Conforme declaração de Adélia, Rosa toma banho duas três vezes por dia para manter-se sempre limpa.

TIBOLLA, LÚCIANO E ESTER ANDREAZZA

Lúciano Tibolla, descendente de imigrantes italianos. Seus Bisnonos, ANTÔNIO TIBOLLA E ARCANGELA TROIAN, naturais da região de Sospirollo e Feltre na Itália, chegaram ao Brasil em 14/02/1888, conforme Livro de Registros número 4 da Colônia de Caxias do Sul.

Antônio ocupou o Lote de nº08 do Travessão Marquês do Erval.

Antônio e Arcângela tiveram 11 filhos, alguns nascidos na Itália e outros no Brasil: *Giuseppe*, Teresa, Ângelo, Noé, Verônica, Anna, Raphaele, Eurico, João, Pierina, Ângela.

Tereza casou com José Casagrande viuvando casou com Luigi Vanz.

Ângelo casou com Maria Luigia Casagrande; Noé casou com Regina Miri, residiu em Casca e teve 7 filhos; Verônica com Secondo Zatti; Anna com Bortollo Mioranza; Raphaele com Maria Casagrande; João casou com Virginia Casagrande; Ângela com Fidele Nuzzi (adotado) por Antônio Casagrande, por isso consta em alguns registros como Fidele Casagrande.

Esther Andreazza, filha de Inocente Andreazza, que se casou 3 vezes. Primeiro casamento com a viúva Rosina. Ela já tinha filhos na sua viuvez de Antônio Salante. Deste Casamento, nasceu Esther, a única filha, e em seguida Rosina faleceu.

Então Inocente contraiu o segundo casamento com Cecília Vieccili e tiveram 07 filhos: Antônio, José, João, Pedro, Angelina, Joana, Maria.

Antônio casou com Genoefa Manjabosco; José com Cornélia Benedetti (pais do Claudino Andrezza) João com Maria; Pedro com Maria Forquezatto; Angelina com Dolfo Corso; Joana com Desidério Casagrande e Esther com Lúciano Tibolla.

Viúvo pela segunda vez veio morar um tempo com o Filho João que aqui residia. Neste período, casou pela terceira vez com a viúva Florinda Zancanaro Turra e vivendo por 19 anos e não tiveram filhos.

Algumas informações precisam ser verificadas e confrontadas. Os dados preliminares dão conta que a segunda geração Tibolla, numa fonte composta por 11 filhos, com antes relacionados. Outra fonte informa a existência de seis filhos, a saber: Noé, Ele, Tereza, Ângela, João e José.

1. NOÉ, casou com Regina Miri Residiu em Casca - RS com 01 filho, lá teve mais 07.

2. ÊLE, viveu com os pais até casar depois seguiu para casca e teve 12 filhos.

3. TEREZA casou com José Casagrande

4. ANGELA casou com Fidele Nuzzi e por ser adotado por Altino Casagrande também aparece com este sobrenome.

5. JOÃO é o filho que permaneceu na casa paterna, casado com VIRGÍNIA CASAGRANDE. Teve 10 filhos: (Adelina, Avelino, Evarista, Clotilde, Atenisca, José, Iolanda, Deolpina, Devina e Ládía). Dos filhos do João, o AVELINO, casado com Ermelinda Facchin, prosseguiu morando na casa paterna onde nasceram os 11 filhos que constituem a 3ª GERAÇÃO (Osmar Ozilio, Antônio Maiorino, João Severino, Valentino, Victor, Catarina, Floriano, Tercila, Helena, Catharina Josefina). Ao João Severino, casado com Rosa Carniel, coube permanecer residindo até os dias atuais no casarão dos Tibolla com seus dois filhos *Vanderli e Jones* que constituem a 4ª geração.

6. JOSÉ, conhecido por GIUSEPPE TIBOLLA, casou com CECÍLIA SANDI, pais de Lúciano, tiveram 10 filhos: Fidele (1888), Able (1890), Andréa Marcelino (30/11/1894), Benedicto (13/03/1897), LÚCIANO (1899), Pedrinha Claudia (29/07/1901), Zelinda (25/06/1903), Ângela (13/06/1906), Maiorino (27/06/1908), Erminio (04/12/1911).

Neste resgate histórico priorizamos e fazemos destaque para a pessoa e descendência de **LÚCIANO TIBOLLA casado com ESTHER ANDREAZZA.**

Lúciano nasceu em Otávio Rocha, Flores da Cunha, aos 23/04/1899 é filho de José Tibolla (17/11/1862) e Cecília Sandi (18/02/1865). Desde cedo trabalhou de carreteiro com carroça puxada por parrelhas de mula e transportava produtos dos colonizadores da região para Caxias e vice-versa.

Aos 17/09/1921, em Nova Trento - distrito de Caxias casou com Esther Andrezza, nascida em Caxias do Sul aos 11/07/1904, filha de Inocente Andrezza (13/07/1868) e Rosa Felizari (15/06/1867).

Lúciano casou e veio para conhecer as terras que seu sogro adquiriu em Rocinha. Trouxe na carroça puxada por mulas a bagagem com alguns pertences pessoais, instrumentos de trabalho, um pouco de feno para as mulas e um saco de pinhão que lhe garantia a alimentação. Girardi foi companheiro da viagem que demorou 25 dias de penúrias, desafios, muitas dificuldades e desvios no caminho enfrentando barreiras feitas pelos "maragatos.

Comprou 30 hectares de terras de Ernesto Benedetti e trabalhou de carroceiro.

A esposa Esther, com pouco mais de 17 anos de idade, grávida da primeira filha permaneceu na casa dos pais e família Tibolla, até a filha Cecília nascer, crescer e ter condições de enfrentar o desafio da longa viagem, que aconteceu um ano e meio depois. Mãe e filha partiram para encontrar aquele que as esperava e enfim sentir-se realmente família.

Lúciano é um dos pioneiros fundadores da Comunidade de Rocinha e começou a vida junto com o seu cunhado, João Andrezza Ao se estabelecer na sua propriedade nunca retornou a sua terra de origem. Muito tempo depois foi passear na região de Casca - RS. Com dificuldades abriu espaço para morada, providenciou madeira do mato, serrou tabuas para construir, "falquejou" tabuinha para cobrir um pequeno galpão para morar, ao lado do João Andrezza, próximo da nascente de água e do rio Lajeado Bordado.

Seis anos depois se transferiram para a morada para o local onde hoje reside o herdeiro caçula, João Tibolla, casado com Helena Pertille.

Nesta área constituiu a família com 11 filhos: CECÍLIA ROSA, JOSÉ, ROSA, LEONORA MARIA, ANTONIA, ROSÁLIA ANTONIA, INOCENTE, PEDRO, MARIA, GENTIL e JOÃO.

Com o fruto do trabalho da família, possibilitou a colocação dos filhos em uma nova área de terra própria. Estes por sua vez, aos poucos, foram pagando uma parte da terra, que lhe foi concedida pelo pai. Para as mulheres, foi dado um enxoval, suficiente e necessário para começar a nova família E Mais tarde a herança.

Lúciano foi um homem, bom, paciente, brincalhão, prestativo, honesto e enérgico, quando necessário, religioso e solidário com as pessoas, principalmente na acolhida e orientação dos patrícios que chegavam, em busca de um futuro melhor.

Lúciano e Esther despertaram nos filhos os valores cristãos, sociais e comunitários. Dotado com talento vocal para a música, Lúciano, a noite reunia a família para rezar o terço e depois, na varanda da casa, cantavam por algumas horas, ao claro da lua ou dos “chiareti”, lamparina alimentada com banha ou querosene. O silêncio da noite era quebrado com a resposta de outras famílias, Turra, De Carli, Benedetti e outras, que tinham a mesma prática. As festas comunitárias e encontros familiares eram sempre animados com cantorias de músicas do dialeto italiano, religiosas e populares, em momentos de alegria e nostalgia. Esta característica nunca se apagou e os descendentes, mesmo com menos freqüência, ainda cultivam o amor à cultura italiana quando se encontram. Dos descendentes filhos e netos muitos gostam de música e tocam algum instrumento musical. Entre outros se destacam o filho Inocente Tibolla, os netos Jorge, Ari, Rodrigo, Fernando, Amarildo, Renato e os bisnetos Vinícius, Jean e Luan. Além de animar os familiares e amigos, ajudam nas celebrações litúrgicas, nas igrejas de suas comunidades. Outros participam associações e movimentos da Cultura Italiana em Três de Maio e Região, Nelsis, Glaci, Teresinha e Metilde.

Por longo tempo Lúciano e o cunhado Antônio Salanti, com suas carroças e mulas, com dificuldades, transportaram produtos da casa comercial do Ernesto Benedetti para Três de Maio, Ijuí Santa Rosa. Cansado e desgostoso abandonou esta atividade e com os filhos dedicou-se ao trabalho de roça e criação de porcos.

Lúciano e Esther, com a família, cultivavam a roça com milho, trigo, feijão, abóbora, arroz e também se dedicaram a criação de porco, galinhas, vaca de leite para alimentação básica. Conforme depoimento das Cecilia, Rosa, Leonora, Antonia, as mulheres ajudavam na roça derrubando mato com machado, serrando torras, fazendo lenha para poder plantar. No início a enxada era o instrumento básico e depois foi o arado de boi para lavrar a terra. As mulheres, muito trabalharam com isso, mesmo com dificuldades para manejar, o pesado arado, que ia rasgando o solo, depois lançar a semente com esperança de boa colheita, frustrada, muitas vezes pelo ataque de gafanhotos, geadas, intempéries, frio no forte inverno. Usavam tamanco nos pés e um pouco de agasalho.

Em idade escolar, bem cedo, os irmãos Tibolla e colegas vizinhos percorriam a pé cerca de 3 a 4 quilômetros para freqüentar as aulas em Rocinha. Aprenderam para o “gasto” para ler, escrever e fazer contas e depois retornavam ao trabalho da roça que os aguardava. Geralmente andavam de pés descalços, mesmo no inverno, pois os tamancos, feitos de madeira as vezes mais atrapalhavam do que ajudavam a andar nas grossas geadas e era dispensado.

O calçado básico era o tamanco, muitas vezes fabricados em casa com madeira e tecido grosso, lonão ou borracha. No início era muito raro outro calçado. Quando a safra era boa se comprava roupa, querosene, sal, mantimentos e outras coisas necessárias para viver. Um só par de calçado era comprado por vez, e quando possível, para a festa da padroeira.

Bom parreiral para o vinho, pomar de frutas, boa horta, poleiro com galinhas, para carne e ovos, chiqueiro com porcos para a banha e salame, farinha de milho para a polenta era o que se tinha. Em época de carestia a refeição servida eram 3 ou 4 ovos fritos na banha, “tocchado”, com polenta e radicci. Isso alimentava toda a família, segundo contam os filhos.

Lúciano com os pioneiros moradores liderou a construção do primeiro capitel, espaço sagrado para rezar e fortalecer a fé cristã, e as forças para superar as dificuldades. Depois veio a construção da escola, capela de madeira e do cemitério.

Aos domingos, sagradamente a família ia até a capela para rezar o terço e catequese. Era costume ir a pé ou de “carroça” puxado por mulas participar da missa em Tucunduva ou Três de Maio. Esther foi catequista, lavava as toalhas e roupas da capela e exímia fazedora de bolachas para as festas da comunidade.

Lúciano com uma úlcera estomacal foi hospitalizada em Santo Ângelo e após um mês faleceu no dia 03/10/1951 aos 52 anos. Foi sepultado no Cemitério de Rocinha e seus restos foram trasladados para a Comunidade Santa Lúcia em Lajeado Bordado.

Esther assumiu o papel de mãe e pai, com alguns filhos casados e o filho caçula, com meio ano de idade, corajosamente tocou a vida em frente. Idosa, permaneceu por alguns anos em cadeira de rodas em consequência de uma queda. Sempre teve esperanças e voltou caminhar, apoiada com bengala, andava de forma tranqüila, fazendo alguma atividade. Nos últimos tempos, com acompanhamento médico, relativamente saudável, lúcida mantinha uma memória invejável. Era costume dos familiares festejar o seu aniversário, não foi diferente o último comemorado no domingo e para surpresa de todos, na madrugada de quarta-feira, após ter visitado o médico, faleceu em casa, aos 14/07/1993, vítima de pneumonia bacteriana e insuficiência Cardíaca. Está sepultada junto com Lúciano no cemitério da Comunidade Santa Lúcia, criada por decreto diocesano em 1963, que ela ajudou construir e passou a pertencer.

FILHOS E DESCENDÊNCIA DE LÚCIANO E ESTHER TIBOLLA

1. CECÍLIA Rosa x Silvestre Martinelli, falecidos (11 filhos): Valentim, Madalena, Antonia, Pedro, Lúciano, Valdir, José, Antônio, Bruno, Filomena e Maria. Bruno com 3 filhas permanece na casa paterna com a família em Lajeado Bordado.
2. JOSÉ X Alberta Balzan (6 filhos): Antônio, Lúcia, Odila, Marli, Paulo e Pio (falecido criança). Antônio e Paulo residem junto à casa paterna em Lajeado Bordado.
3. ROSA x Moisés Balzan (7 filhos): Teresinha, Maria, Lurdes, Marlene, Daniel, Lenir e Gentil. Daniel e família (2 filhas) permanecem na casa com os pais, em Lajeado Bordado.
4. LEONORA MARIA x Dovilo Turra (8 filhos, 13 netos e 3 bisnetos): Teresinha, Nelsis José, Assis João, Lúcia Inês, Maria, Roberto Paulo, Metilde Lurdes e Joaquim Alberto. Teresinha e Metilde, permanecem na residência, com os pais, em Rocinha. Assis João (2 filhos e um neto) com residência em Rocinha e caminhoneiro em Goiás. Nelsis José (2 filhas) reside em Três de Maio, administrador, trabalha no SICREDI/Confederação em Porto Alegre. Lúcia e família (3 filhos e 2 netos) reside em Várzea Grande - MT, Roberto Paulo, Beto, (2 filhas) reside em Sorriso - MT; Maria (2 filhos) em Crissiumal; Joaquim Alberto, Quinca, (2 filhos) em Cristalina – GO.
5. ANTONIA (viúva) x Euclides Busanello (7 Filhos): Marlene, Maria, Pio, José, Rita, Lídia e Elisa. Lídia reside com a mãe, em Rondonópolis – MS.
6. ROSÁLIA ANTÔNIA (viúva) x Nelson Dalcin (6 filhos): Jerônimo, Elizete, Gilberto, Amarildo, Eunice e Elisa. Mantém sua residência em Rocinha. Jerônimo continua próximo a casa paterna.
7. INOCENTE x Anair Refatti (5 filhos): Berdardete, Jorge, Ir. Lucimar-IMC, Sonia e Moacir. Moacir (2 filhos) e Sonia permanecem na casa com os pais em Rocinha.
8. PEDRO x Maria Carmelinda Balzan (4 filhos): Teresinha, Marta, Maristela e Ari. Ari (1 filha) permanece na casa com os pais em Lajeado Bordado.
9. MARIA (IR. LÚCIA religiosa Missionária da Consolata, atualmente está no Porto – Portugal).
10. GENTIL x Nair Balzan (2 filhos): Rodrigo e Ricardo, permanecem ao lado da casa paterna em residência própria.
11. JOÃO x Helena Pertille (2 filhos): Cassiano e Fernando. Ambos permanecem na residência paterna que pertenceu a família de Lúciano e Esther.

Observação: As informações mais detalhadas desta família certamente representam situações idênticas ou semelhantes da maioria das famílias desbravadoras.

TURRA, GIÁCOMO e ANGELINA COSTELLA

Giácomo como seus ancestrais os troncos familiares Turra, Maschi, Zancanaro e Brustolin, todos originários de Roca D'Arsiè Beluno Itália e se estabeleceram em Linha Emília, hoje município de Dois Lajeados, anteriormente Guaporé – RS.

Florinda Zancanaro, 15/09/1880 - 05/03/1958, mãe de Giácomo, nasceu na Itália, filha de Giácomo Zancanaro e Giácoma Brustolin veio da Itália com 8 anos de idade com mais 5 irmãos.

Lodovico Turra, pai de Giácomo, veio ao Brasil juntamente com seus irmãos, João e Ângela. Os três, órfãos, filhos de Ângelo Turra e Giácoma Maschi chegaram em 1889. João voltou para a Itália e Ângela casou com Ferdinando Brustolin. Não se tem mais informações sobre a mesma. Lodovico permaneceu e é o tronco da descendência que destacamos neste documentário.

Lodovico Turra, 30/07/1878 - 26/07/1914, aos 21 anos casou com **Florinda Zancanaro**, residiram em Linha Emília, posteriormente em Dois Lajeados – RS e tiveram 10 filhos. Quinze anos após o casamento Lodovico faleceu com 36 anos de idade em consequência de uma queda do cavalo. Brígida, a filha caçula tinha alguns meses de existência.

Filhos de Lodovico e Florinda:

ANGELO x Albina Costella (8 filhos), GIÁCOMO x Angelina Costella (12 filhos), JOSÉ x Zelinda Ferronato (14 filhos), ROSA x João Ferronato, GIACOMINA x João Madalozzo (4 filhos), JOÃO x Virgínia Refatti (5 filhos), MARIA x João Perinazzo (2 filhos) e Santo Taffarel (4 filhos), BRÍGIDA x Luiz Concli (6 filhos).

Os anos se passaram com muitas dificuldades, os filhos cresceram e alguns se casaram em Dois Lajeados. A família saiu em busca de novos horizontes, promissores para todos, onde pudessem trabalhar e construir o desejado futuro melhor.

Em 1920 **Ângelo** Turra casado com Albina Costella e **José** Turra casado com Zelinda Ferronato, vieram residir em Guerrilha Tucunduva. Em 1927 **Giácomo** Turra, Ângela Costella e o filho Dovílio, com 20 meses, também migraram e se estabeleceram em Rocinha nas terras atualmente pertencentes filho caçula João Sebastião Turra. Alguns meses depois Ângelo, foi buscar a mãe e demais irmãs que permaneciam em Dois Lajeados. “A viagem com a mudança foi de carroça demorou 11 dias”, testemunha Brígida, a única filha do casal, ainda viva com 92 anos.

Florinda com os filhos morou com a família do filho Ângelo enquanto construíam uma casa para morar, localizada nos fundos da terra de João e de Giácomo. Casados, os filhos tomaram diferentes rumos entre os quais Horizontina, Tucunduva, Tenente Portella, Paraná.

Em Rocinha só permaneceram GIÁCOMO e JOÃO que constituíram suas famílias e colaboraram na construção da história da Comunidade. Muitos filhos e netos destes dois tronco integram as comunidades de Rocinha, São Caetano, Lajeado Bordado e Cidade de Três de Maio.

Neste local construíram morada, roça, potreiro, pomar e parreiral.

Giácomo juntamente com o filho Dovílio, na década 1950, montou uma marcenaria, movida a motor estacionário a óleo diesel, localizada onde é o galpão e propriedade de Dovílio. O empreendimento funcionou durante 10 anos produzindo móveis, cangas, carroças, pipas, bancos de igreja, caixa de lenha, telhas de farinha e todas as peças de madeira necessárias utilizadas na época. Os altos impostos inviabilizaram a continuidade e também porque tardava a chegar à energia elétrica.

A família, constituída de 12 filhos, se manteve na agricultura e criação de suínos. Destacou-se no cultivo de parreiras, produção de vinhos e grapa destilada das cascas da uva. Giácomo se dedicou a esta atividade até que sua saúde permitiu, pois sofria da coluna. Andava curvo e apoiado em uma bengala. Outra atividade desenvolvida com habilidade foi a construção de casas, escolas e galpões de madeira no início da colonização local, além de ser um dos primeiros goleiros do time de futebol.

Giácomo foi uma pessoa esclarecida, por muitos anos foi assinante e leitor assíduo do Jornal Correio Rio-grandense onde se mantinha informado e atualizado até próximo dos 90 anos.

Compartilhou de momentos decisivos na comunidade, entre os quais na construção da capela atual. Era presidente nos anos que antecederam o início das obras e com os demais membros reuniram parte do material para começar o empreendimento futuro.

Em 1945 chefiou a construção da cancha de bochas e o cemitério localizado atrás prédio da FAG e que antes se localizava onde reside o Olmes Peripolli, terra que pertenciam a Boles Richtter.

Algumas informações relativas aos irmãos **Giácómo e João** são semelhantes, eram vizinhos e se ajudavam mutuamente, por isso destacamos em conjunto. Giácómo morava na parte alta e mais plana e João abaixo, com abundância de água. Uma ótima fonte abastecia as duas propriedades. No início a água era carregada, a muque, morro acima, em baldes para atender o consumo de casa e dos animais. Uma bica de coqueiro canalizava a água da fonte para um grande tanque de madeira e mais tarde de alvenaria, onde as duas famílias se serviam para lava roupas em água corrente. Alguns anos mais tarde as novas tecnologias simplificaram a vida de todos e principalmente reduziram os esforços. Primeiro o Monjolo e depois o carneiro sugava a água da fonte e impulsionava para uma caixa em cada propriedade para facilitar a vida de todos.

Com a grande quantidade de pedras existente nas duas áreas as mesmas foram utilizadas para fazer longas taipas para controlar erosão, degraus para subir o morro, divisórias dos poteiros, encerra de porcos, paredes dos porões, calçada ao redor das casas, piso nas estrebarias, enfim, a pedra de tropeço foi muito bem utilizada a favor da moradia e beleza da propriedade.

Em cada propriedade um grande parreiral, circundado com pés de figo, "riticum", Roman, muitas macieiras de diversas qualidades utilizadas para consumo e produzir "schmier", frutas secas, conservas para passar o ano. Na época da colheita a casa do nono se tornava a grande casa que acolhia filhos, noras, genros e netos. Adultos e crianças, todos se envolviam, no corte, recolher cachos e grãos que no chão caíam, carregar cestos nas carriolas, transportar na carroça até o porão, amassar e transpor para as grandes pipas, tudo animadamente. A ajuda de todos era fundamental na poda das parreiras e colheita da uva. Estas lembranças permanecem muito vivas na memória daquelas que eram crianças na época.

Os primos costumavam jogar futebol na gramas do poteiro, desde os tempos em que a bola era feita com panos preenchida com palha, cabelo de milho, ou qualquer coisa semelhante.

Como havia taipas, as galinhas faziam seus ninhos entre as pedras da taipa. Daí nascia pintos em grande quantidade. Por vezes os primos faziam concurso no lançamento de pedras e o alvo eram os pintos. Era tanto pinto que os pais nem notavam a falta destes. Há poucos anos em conversa entre eles revelaram estes fatos e outras proezas da sua infância e adolescência.

Um costume bonito e marcante era o de reunir as famílias era cantar a noite. As cantorias ecoavam pelas canchadas, noite afora, e era ouvida e respondida por outras famílias vizinhas e distantes especialmente as famílias De Carli, Tibolla, Benedetti. Virgínia, Angelina e a nona Florinda tinham talentosas vozes e repassaram aos filhos e netos o gosto pelo canto e a música.

A bisnona Florinda Zancanaro Turra, viúva e com filhas solteiras, veio fazer morada próximo dos filhos Giácómo e João do outro lado do rio Rocinha e depois das filhas casadas ela permaneceu na residência, casada com Inocente Andrezza e ali conviveram 19 anos, até Inocente falecer.

TURRA, JOÃO e VIRGÍNIA REFATTI

João, 12/02/1910 -18/06/1978, filho dos Imigrantes Italianos Ludovico Turra e Florinda Zancanaro, nasceu em Guaporé e com nove anos, em 1926, veio com a mãe e irmão para esta região e nunca mais voltou para a terra natal.

Virgínia Refatti, 14/02/1915 -11/10/2001 é filha dos imigrantes italianos André Refatti e Ângela Gelatti, que se estabeleceram em Vale Vêneto - Cachoeira do Sul, local onde nasceu Virgínia e os irmãos Eugênio, Anselmo, Boni, Júlio, Césire, Elide, Elzira.

João perdeu o pai quando tinha três anos e chorava muito pedindo pelo pai. Pobre, com a mãe viúva, poucas condições, muito jovem começou trabalhar como peão em Barracão e Campininha, no município de Tuparendi. Depois veio morar em Rocinha com seu irmão Giácomo. Começou abrindo picada, fazendo uma rocinha, para plantar e colher para si. Conseguiu adquirir uma pequena área de terra próxima a do seu irmão, muito rica em fontes de água e que servia às duas propriedades. Construiu uma casinha e casou com Virgínia, local hoje pertencente ao filho Nelson. Nessa propriedade, constitui família de 6 filhos: ANTÔNIO, ELZA, IRMA, NELSON e ZÉLIA.

Enfrentaram muitas dificuldades trabalhando como diarista, na roça, cultivando de tudo um pouco, criação de porcos, galinha, fazendo vinho. Prosperaram e adquiriram uma área de terra lenheira que pertencia a Júlio Refatti, Fortunato Baldissera e Francisco Dembogurski, formando uma única propriedade com 37 hectares de terra. Com o tempo construíram uma casa de alvenaria, com um porão grande onde fabricavam o vinho. Neste porão havia uma vertente onde a água escoria em toda sua volta, canalizada em sulcos feitos no chão que mantinha a temperatura sempre agradável.

Além de parreirais, cultivavam de tudo um pouco para subsistência familiar e algumas sobras anuais.

João foi um futebolista devotado, torcedor fanático do Internacional, topava qualquer discussão, na defesa de seu time do coração. Jogava futebol com filhos, sobrinhos, vizinhos. No Esporte Clube Fátima de Rocinha era atleta com a turma de sua época. Os seus filhos, netos e bisnetos são seguidores deste esporte, bons e destacados jogadores.

No final dos anos 50 o casal João e Virgínia, deixou os filhos na colônia e mudou-se para a vila em Rocinha, onde, por alguns anos, juntamente com Avelino Salanti e Miguel Corso manteve o Bar e sorveteria. Era centro de encontro de amigos e comércio de sorvetes e picolés saborosos, local onde hoje o seu sobrinho, Antônio Nelson Turra, mantém seu comércio com gêneros de primeiras necessidades, ao lado do Posto de Combustíveis. Nesta morada hospedou os professores Albino Ivanoswki, Ady Porto Vergara e Adriano Ferreira, além de Rosalino Correa e Onorino Brum. Alguns anos após retornou a casa de origem onde residiu na companhia do filho Nelson. Ao lado morava o filho Antônio coma família.

João era uma pessoa de saúde frágil, com problemas respiratórios e de garganta. Buscava com frequência tratamento em Santa Maria e Ijuí. Criavam porcos e com o dinheiro da venda dos mesmos, era empregado no tratamento. Isto por 18 anos. Fez uma cirurgia na garganta (traqueostomia) para permitir a respiração. Assim viveu por vários anos. Até finalmente se generalizar um tumor maligno, que lhe ceifou a vida aos 68 anos.

Quando o filho Antônio e família passaram a residir com o sogros Antônio e Antônia Salanti, Virgínia com Nelson continuaram residindo na propriedade e na lida agrícola. Pelos anos 80, Nelson adquiriu uma pequena fração de terra, nas margens do rio Rocinha e próximo do Antônio. Para este local, então, Nelson e família com a Virgínia, transferiram residência, onde permanece até os dias atuais. A antiga morada, foi abandonada e desfeita

Virgínia, sempre uma pessoa saudável, porém com idade mais avançada, a saúde foi se comprometendo,

Havendo o acompanhamento médico. Porém, sempre com boa aparência e disposição para trabalhar, andar, visitar outras pessoas, aliás o que ela gostava de fazer e de maneira prazerosa.

A princípio, acometida por Gastrite estomacal. Depois por problemas cardiovasculares, cuja resistência física, foi cedendo aos poucos, até falecer deixando um testemunho de vida, de trabalho, fé e solidariedade na sua longevidade atingindo os 86 anos.

Virgínia era uma mulher de fibra e ao lado dos filhos sempre trabalhou na roça sem se aposentar, apesar das várias tentativas. Só após seu falecimento este benefício foi usufruído pelos herdeiros.

FILHOS E DESCENDÊNCIA: ELZA x Arcile Benedetti (6 filhos); ANTÔNIO x Gersemina Salanti (7 filhos); IRMA x Agostinho Bottega (4 filhos); NELSON X Ema Simionatto (3filhos); ZÉLIA x Nelson Roratto (3 filhos).

ANTÔNIO e família, em 1988, transferiram residência para Formosa-GO. Alguns tempo depois, inesperadamente, faleceu vítima de trombose em uma das pernas. Dez meses depois a esposa Gersemina, era colhida também, vítima de câncer nas glândulas mamárias. Deixaram órfãos filhos menores. Lucas com apenas 4 anos de idade, foi criado pela suas irmãs Marta, Ieda, Elis e os irmãos Romeu, Cláudio e Clairton. Romeu reside em Cristalina-Go e dedica-se a agricultura. Cláudio e Clairton residem em Formosa-GO. Lucas e as “gurias” Marta, Ieda e Elis, residem em Natal – RN.

ELZA, viúva, reside em Três de Maio com a filha Marlene, próximo da Marina e família, Dinamara reside em Santa Rosa. Antônio, Luiz e Flávio residem em Formosa - GO.

IRMA reside em Rocinha com o filho Elton. Leiri em Cristalina-GO. Lair e Família em Três de Maio e Laurení em Tucunduva com a família.

ZÉLIA e família residem em Santa Rosa e os filhos atuam com revenda de automóveis.

NELSON e Ema residem em Rocinha, a filha Cenir e família em Lajeado Bordado, Sadi e Sandra, com suas respectivas famílias em residem em Coronel Bicaco.

TURRA, JOSÉ e ZELINDA FERRONATTO

Residiram em Lajeado Guerrilha, tiveram 14 filhos. Entre estes filhos ZEFERINO fez parte da comunidade de Rocinha, enquanto trabalhava na Marcenaria do seu tio Giácomo e primo Dovilio.

Zeferino casou com Lídia Genoveva, filha de José Peripolli e Izabel Dalbém e tiveram sete filhos: Venildo, Vilmar, Inês, Valmor, Vilson, João e Sandra. Em decorrência do incêndio na residência tudo foi consumido pelo fogo. O casal e os filhos foram acolhida por familiares.

Vilmar e Vilson foram residir na família de Giácomo Turra. Valmor ficou com a família de Pedro Dalben em Santa Rosa. Venildo e Inês ficaram com a família de João Turra e os demais irmãos foram adotados pelos parentes do lado materno.

Onze anos após o casal se uniu novamente.

Vilmar estudou no curso primário em Rocinha, no ginásio no Pio XII em Três de Maio e secundário em Tucunduva. Neste tempo fazia parte do grupo de futebol e de jovens. Ingressou no Seminário dos Padres do Sagrado Coração de Jesus onde esteve por alguns anos. Por 35 anos, a partir de 1976, atuou na Secretaria Estadual da Fazenda e se aposentou em 2011. Residem em Pato Branco – PR, desde 1994, com esposa Nilza Maria Tolotti e os filhos Eduardo e Juliana. Formado em Direito. Muitas coincidências com a história da vida com o Valdir Busanello

Venildo, após sua formação básica junto com a família de João e Virgínia partiu para Ijuí para cursar o Técnico Agrícola. Muito bem integrado naquele município, casado com Ana de Souza, tem três filhos. Pessoa dedicada em Ijuí atuou como professor e diretor de escola. Está aposentado, bem sucedido, foi Coordenador Regional da Educação, gosta de política, da cultura, do tradicionalismo gaúcho.

Inês casada com Pedro Lorenzetti reside em Vila Pitanga - Dr. Maurício Cardoso, com três filhos, atuam na agricultura e hortigranjeiros.

Vilson no início ficou sob a guarda da família de João Menin em Guerrilha – Tucunduva e depois passou a viver sob a tutela de Giácomo Turra. Sempre residiu em Mangueirinha – PR e trabalha com máquinas pesadas (esteira), casado o casal foi abençoado com quatro filhos.

Valmor, depois de residir por longo período no Mato Grosso, atualmente reside na praia de Itapema, onde se dedica a atividade de construção civil.

João reside em Várzea Grande – MT e trabalha no comércio.

TELKA, JOÃO e LAURA KAIM

Procedentes de Ijuí vieram de carroça e cavalo, viajando por uns dias. Compraram a terra onde hoje é a propriedade do neto Paulo Telka. O seu cunhado Klein de Consolata financiou a compra desta área que foi paga mais tarde com os frutos colhidos da terra.

Viúvo de Laura, João, mais tarde casou-se com a viúva Graciosa Padoin Roberti, sem gerar mais filhos. O mesmo passou a residir na casa de Graciosa, com seus filhos menores, José e Rosa. Cresceram juntos com as filhas da Graciosa. Desta convivência, mais tarde, se casaram Ângela Roberti com José Telka. Um tempo depois se separaram.

João passou a propriedade para os filhos Francisco e Adão. Hoje parte pertence à viúva Lúcia e outra parte ao neto Paulo Telka, além de outros proprietários.

Por volta do ano de 1977, Graciosa vendeu a propriedade para Bruno Roberti, passando a residir na cidade em Três de Maio, até o fim da vida, com idade avançada.

FILHOS e DESCENDÊNCIA: EDVIGA x Estanislau Sichierski (6 filhos); ADÃO x Apolônia Sichierski (6 filhos); VASCO x Ana Dembogurski (7 filhos); FRANCISCO x Lúcia Dalcin (6 filhos); CECILIA x (Tito) Orlando Belom (7 filhos); ROSA religiosa FSCJ; JOSÉ x Ângela Roberti (2 filhas).

Rosa seguiu a vida religiosa. Inicialmente com as Irmãs Missionárias da Consolata e após, definitivamente, na congregação das Irmãs Filhas do Sagrado Coração de Jesus. Há mais de 10 anos trabalha como Missionária no Continente Africano: República Centro Africana, Camarões.

VANZIN, LUIZ e LURDES

De nacionalidade italiana, Luiz e Lurdes vieram de Caxias para se integrar a comunidade de Rocinha no início da década de 60. Vieram com o propósito de desenvolver aqui uma pequena indústria de malhas. Inicialmente residiram com o conhecido Domingos Bianchi e após um ano residiram na casa Canônica, ao lado da capela, enquanto construíam uma casa de alvenaria, nas imediações onde está a casa do Assis Turra. Neste período também trabalhou como vendedor na Tecidos Buricá. Como sabia dirigir trator, ensinou o Inocente Tibolla a manobrar o trator de Valentim Cassol.

Pronta a casa, ali residiram por pouco tempo. A indústria não prosperou pois concorria com o comércio local existente que fornecia também estes produtos. Havia dificuldades de colocação dos produtos industrializados. Transferiu-se para Três de Maio e deu continuidade na indústria de malhas com a família Loro. Mais tarde as máquinas foram vendidas para a atual Malharia Celeste e o casal Vanzin retornou as suas origens em Caxias do Sul. Não se tem mais notícias nem informações além do falecimento de Luiz a mais de 6 anos.

O Casal Vazim, na permanência em Rocinha, fez a doação da grande imagem de Jesus na cruz, que está centralizada na capela, acima do Sacrário. Inicialmente esta imagem estava presa na parede da capelinha ao lado direito e após Concílio Vaticano II, com as modificações do altar e presbitério esta bonita imagem recebeu este destaque.

A casa, sem morador durante dois anos, serviu como sala de aula para algumas turmas, quando o prédio escolar não comportava a demanda de alunos, até construir o prédio da FAG. Depois disso, na referida casa, vários fizeram morada **ARTUR GALVÃO MOREIRA**, que montou um pequeno bolicho e ao lado uma cancha de bochas, **Silvia Chiocari** (professora); **Ilton Madsen** e família (o fumeiro da Souza Cruz). **Pedro Corso** que se transferiu para Goiás e a vendeu para **Assis Turra**. Anos depois foi demolida aquela e construída a atual residência de Assis.

VIONE, JOÃO e COLTILDE SILVEIRA

Após o nascimento do 10º filho, Clotilde faleceu, deixando Filhos: PRIMO, MARINO, VERGÍNIA, METILDE, JUSTINA, GUERINO, VALENTIM, IDALINA, OLINDALINA e IZALTINO. Estes filhos já um pouco crescidos saíram para viver com os tios e mais tarde se casaram.

Os viúvos João Vione e Verônica Cecconi, ambos jovens ainda, reuniram a família em novo casamento gerando mais sete filhos: CLOTILDE, MARCELINO, ODILA, INÊS, GOMERCINDO, VIVALDINO TARCÍSIO e ARI.

Por um período de quatro anos a família residiu no Ladeado Tigre, atual Beato Anchieta.

A família retornou para o Km 10, mas continuava a trabalhar a terra em Lajeado Tigre na propriedade que pertenceu depois a Izaltino e Marcelino Vione.

Marcelino ainda reside na propriedade e lembra com emoção suas viagens a cavalo, com cinco anos de idade, quando vinha trazer comida e roupa limpa para o pai e irmão, os quais, aqui trabalhavam, derrubando mato, cultivando a terra durante a semana. Nem sempre retornavam para casa, no final da semana. "Foram anos difíceis, mas eu gostava de andar a cavalo, apesar de pequeno, atravessando mato sozinho, andava carregando as coisas de lá para cá e daqui para lá, assim ajudava meus irmão e meu pai". "Por isso, desde cedo aprendi domar cavalo com facilidade e faço até hoje se preciso for". Lembro de nós reunidos, "família grande, tocando gaita, cantando, fazendo serão. Era bonito! a gente era feliz, se ajudava, bastante irmãos diferentes, mas sem distinção de ninguém".

CASAMENTOS E DESCENDÊNCIA – FILHOS E NUMERO DE NETOS:

1- Marcelo Schimczak e Verônica Cecconi: Rosália X Reinoldo Kreibich (5 filhos); Natália X Calisto Padoin (6 filhos); Antônio X Elzira Mella (6 filhos); Orlando X Helena Sartor (4 filhos); Elvira X Guilherme Rusch (5 filhos).

2-João Vione e Clotilde Silvela: Primo X Izaltina (12 filhos); Virgínia X Cristiano Padoin (06fs); Metilde X Antônio Magnabosco (4 filhos); Justina X Albino Magnabosco (3 filhos); Guerino X Herta Bender (6 filhos); Valentim X Letícia Ragazom (4 filhos); Idalina X Fioravante Viapiana (1 filho); Idalina X Valter Klier (2 filhos); Izaltino X Maria Mainardi (13 filhos);

3-João Vione e Verônica Cecconi: Clotilde X Aquílio Padoin (6 filhos); Marcelino X Eli Grando (4 filhos); Odila X Inelso Roberti (4 filhos); Inês X Nei Dalavechia (4 filhos); Gomercindo X Maria Ruaro (2 filhos); Vivaldino Tarcísio X Zilá Dalavechia (4 filhos); Ari X Odila Dalavechia (2 filhos).

O Clã se ateve principalmente à atividade ligada a agricultura. Marcelino e Izaltino pertencentes à Comunidade de Beato Anchieta fizeram parte da Comunidade de Rocinha na época da construção da capela. Marcelino permanece residindo e Anchieta com a esposa. Izaltino e a esposa são falecidos.

Metilde Vione casada com Antônio Manjabosco estabeleceram-se com uma casa de comércio bem sucedida, em Esquina Tunas - Horizontina. Mais tarde, venderam suas propriedades e foram a Santa Rosa, começou trabalhar com ônibus. Formou uma Empresa, com uma frota de ônibus, cujos motoristas foram seus cunhados Vione, depois filhos, sobrinhos permanece até hoje em circulação a Empresa Coletiva TODA HORA.

ZUCATTO, OSCAR e MARIA ELZIRA ADORYAN

A Família Zucatto é procedente de Bento Gonçalves. Três famílias, Tarquínio, Faustino e Olinto, vieram para a região de Três de Maio, no ano de 1940, se estabeleceram em São Caetano. Na década de 60 Abrelino e família se estabeleceu em São Roque.

Fustino casado com Celesta Coronas Vinhatti. Tiveram oito Filhos (Armida, Olmiraci, Geraldina, (Lurdes, Diamantino, Antônio, Venilda e Idelma). Desta família houve três casamentos com filhos de Giácomo e Angelina Turra, filhos de Rocinha. Antônio Turra e Olmiraci Zucatto proprietário do pequeno comércio próximo ao Posto de combustíveis, atuam neste ramo, porém integram a comunidade de São Caetano.

Tarquínio Zucatto, casado com Angelina Pivatto, residiram próximo ao Fustino. Geraram oito filhos (Ancelma, Olvide, Raul, **Oscar**, Mafalda, Rita, Osmar e Maria). Ancelma e Mafalda são religiosas Filhas do Sagrado Coração de Jesus. Osmar é Padre Missionário da Consolata. Logo depois de Ordenado atuou nas

Missões da Tanzânia - África. Depois de alguns anos retornado ao Brasil e após celebrar o seu jubileu de Prata Sacerdotal retornou às missões na África onde permaneceu até outubro de 2007.

Desta família destacamos o nome de **Oscar** que passou a integrar a Comunidade de Rocinha logo após seu casamento com Maria Elzira Adoryan.

Oscar nasceu aos 24/07/1942 e Maria Elzira, 08/09/1933 - 05/01/1999, filha de Pedro Adoryan, 28/06/1900-10/05/1962.

Oscar sempre atuou nas atividades da agricultura e Maria atuou nas escolas de Navegantes, São Caetano e Rocinha, nesta última, até se aposentar no ano de 1988. No percurso de sua profissão como Educadora, Maria sempre atuou nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Prioritariamente como alfabetizadora bem sucedida nos resultados alcançados com seus alunos. Uma pessoa enérgica, determinada, exigente, no ambiente escolar e na comunidade.

Oscar e Maria integraram a comunidade de Rocinha com atuação em diferentes setores como Apostolado da Oração, diretoria administrativa e grupos de família. A residência permanece a uma quadra da igreja.

Maria faleceu no início de 1999, vítima de tumor maligno.

FILHOS E DESCENDÊNCIA: MARINÊS, LUIZ CARLOS e VERA LÚCIA

MARINÊS, faleceu com 5 meses de idade. LUIZ CARLOS x Giovanni Debessiades (3 filhos); VERA LÚCIA x Romeu Reichert (3 filhos).

Luiz e Giovanni, por vários anos atuaram na comunidade local como Ministros Extraordinários da Palavra da Eucaristia e como Assistentes do Matrimônio, além de catequistas. Luiz Carlos fez o Curso de Teologia Pastoral para Leigos desenvolvido pela Diocese de Santo Ângelo. Atualmente o casal reside em Três de Maio e continua atuante nos setores de Pastorais a nível Paroquial.

FAMÍLIAS DIVERSAS

- ⇒ **ADIR TOLFO**, casado com Salete Gotin, nasceu aos 05/03/1957 em Gerrilha – Tucunduva, filho de Guerino Tolfo e Ilda Matagner, Naturais de Novo Treviso - Faxinal do Soturno, Salete nasceu aos 26/08/1958 em Guerrilha - Tucunduva, filha de Amadeu Gotim e Madalena Tolfo. Em 1985, Família Tolfo e Gotim celebrou o casamento de dois filhos no mesmo dia. Adir com Salete e sua Irmã Lúcio com o irmão da Salete. Salete e Adir residiram em Tucunduva, Rocinha, São Miguel das Missões e Santo Augusto. Trabalharam em parceria, na roça e na criação de animais. Sempre prestativos onde residiram. Em Rocinha trabalharam para Dovíilio Turra. Vieram com a filha Rosinéia e neste local nasceu e foi batizado o segundo filho, Everton. Rosinéia aqui fez à iniciação catequética e escolar. A família Tolfo, ao chegar logo se integrou na vida da Comunidade de maneira participativa e prestativa no que fosse necessário. Há vários anos Adir reside e trabalha como caseiro, jardineiro e Salete trabalha em serviços domésticos ao Luiz Câmera que é tetraplégico, em Santo Augusto. Filhos: ROSINÉIA e Everton. Em julho/2007 Rosinéia casou e vive na cidade trabalhando no comércio com seu marido.
- ⇒ **ALÉCIO DALCIN** – Morou em Rocinha e trabalhava em uma ferraria em frente a antiga escola – Sireno Cousseau depois o Binicheski.
- ⇒ **ANIBAL NUNES** - Casado com Maria Nunes, residiu numa área próximo de onde hoje mora o Gentil Tibolla. Trabalhava de peão para outros. Quando Luciano veio para a região Aníbal Nunes já morava neste local. Convidaram os novos moradores para um aniversário e ofereceram uma espécie de chimarrão numa cuia, com cachaça, primeiro para a visitante Esther. Esta, não conhecendo os hábitos dos seus anfitriões, tomou e ficou com a tal cuia por um período de tempo. Depois se desculpou dizendo que não podia tomar tudo. Na verdade o costume era para tomar um gole cada um e depois passar adiante na roda de amigas. Era gente morena, cor de cuia, de confiança, sérios, trabalhadores e prestativos. Cecília e Eva trabalhavam com a família de Luciano Tibolla. FILHOS: Chico, Vando, Eva, Cecília
- ⇒ **ANTÔNIO LEITE** – Morava além da vicinal, próximo da terra que pertence a Lúcia Telka. Era um homem robusto, bom jogador de futebol, trabalhador de força, gostava de um trago que o deixava implicante e alegre nos finais de tarde quando subia a coxilha cantando alto. Euclides, Eva, Adão e Assunção, são alguns dos nomes lembrados de seus filhos que freqüentaram a catequese e a escola local. O filho Assunção reside próximo ao mercado Tem-Tem em Três de Maio. O pai de Antônio morava próximo onde reside Inocente Tibolla.
- ⇒ **ANTÔNIO RODRIGUES DOS SANTOS (Castorino)** - casou com Francisca de Oliveira. Residiu em frente onde hoje mora Noemia em 4 ha de terras, com os filhos Iracema, Cila, Aristides, VENÂNCIO e Romilda. Perto Morava Leôncio Gomes de Almeida, casado com Elza Tempes. Era vizinho de Antônio Campina. Leôncio possuía uma carrocinha puxada a cavalos, fazia fretes e transportava pessoas, lembra Noemia dos Santos. No passado a grande área de terra que depois foi adquirida pelos Jeziorski, Castorino, Ernesto Laureano, se dizia dono, porém não tinha título registrado. Laureano morreu com 115 anos. Era o pai do Esmelindo Barros. “Castorino” faleceu e está sepultado no Cemitério da Comunidade Beato Anchieta.
- ⇒ **ARLINDO SOARES** – Casado com **DURVALINA**, residiu por um tempo nas proximidades de João Sebastião Turra. Integraram a comunidade e escola de Rocinha. Depois transferiram-se para Beato Anchieta, onde permanecem.
- ⇒ **ARTHUR GALVÃO MOREIRA** - Montou um pequeno bolicho e ao lado uma cancha de bochas na antiga casa que pertenceu a Vanzim, Madsen e Corso. Depois demolida.

- ⇒ **BEPPI BADO** - Residiu em propriedade entre as terras hoje pertencentes ao Bottega e Girardi.
- ⇒ **CARLETO SOARES** – Casado com ALBINA DE LIMA, residiram ao lado de onde hoje é morada de Inocente Tibolla. Sabe-se que atualmente moram em Tucunduva nas proximidades da Oficina do Fener. Ricardo de Lima, pai de Albina, residiu onde está localizada a família Quatrim.
- ⇒ **CASEMIRO SAPIEGINSKI** – Residiu onde é a propriedade da família Somavilla. A filha Ana foi professora em Rocinha.
- ⇒ **DANTE CASSOL** – Residiu próximo do rio onde é o potreiro dos Dalcin. Filhos: Fiorelo, Grile, Virgínia, Ozino, Maria, Mateus, Nuciata, Teresinha, Alfredo (protético). Níirio Metzka é neto do Dante. Vários casaram com Dalcin.
- ⇒ **ERNESTO CASSOL**- morava próximo de seu irmão Dante. A Propriedade, vendida para Antônio Forte depois para Casemiro Corso, hoje pertence a João Padoin. Neste local a família Corso, montou uma olaria que haviam comprado de Alcides Salante. Antes disso funcionou na localidade de Vila Pitanga, depois próximo ao Lajeado Loro e por fim nesta propriedade.
- ⇒ **FAMÍLIA EBERLE** - em meados nos anos 90 transferiu residência para Viamão – RS. José trabalha como vigilante, alguns atuam com Salão de beleza e outros são empregados em diferentes serviços tendo condições satisfatórias para viver. Roberto reside com a Maria e está integrado na vida da Comunidade, na liturgia e no esporte.
- ⇒ **FAMÍLIA VERDUM** - A família Verdum residiu nas terras que hoje pertencem a família Peripolli próximo do rio Rocinha. Morou também nesta área João Bankevis casado com Ana Rigotti e depois os Irmãos Adelino e Eugênio Rossatto. Este último, casado com Precilda, que morreu no parto de um filho. Os Rossatto tinham uma tafona na qual fabricavam farinha de mandioca muito utilizada na alimentação e destinada para venda.
- ⇒ **FAMÍLIA VERÍSSIMO** – Fez parte da comunidade e escola até final de 1940. Filhos do casal Veríssimo: Alzira, Doraci, Cecília e Mateus. Residiu próximo da estrada vicinal onde morou Vicente Pavlak, depois o imigrante italiano Pietro Petri e Maria com os filhos Ricardo, Egidio, Pompilho e Décimo. Morou também o “Locaput”, um imigrante italiano plantador de tomates, entendido de podas de árvores. Alcides de Lima filhos do Ricardo, também residiu neste local. Mais tarde a propriedade foi vendida para Faustino Zucatto e posteriormente Pedro Tibolla adquiriu a área que permanece de sua propriedade até hoje.
- ⇒ **FRANCISCO BARBOSA** – Casado com MARIA, residiu na terra de Orlando Benedetti, na vicinal que vai da Cotrimaio para Navegantes. Trabalhava como diarista. Dotado de grande força e resistência física. Seus filhos, mulatos e muito bonitos, Joana, Januário, fizeram a iniciação escolar e catequética em Rocinha. No início dos anos 90 transferiram residência para o município de Humaitá onde permanecem os descendentes
- ⇒ **GUERINO COMIM** – residiu onde morou João Godói, próximo dos De Carli na época. Hoje dos Benedetti
- ⇒ **GILMAR VIDOTTE** – Casado com Inês Roberti. Ele, filho de Ulisses e Ilda Vidote Ela filha de Avelino Roberti e de Adélia Padoin, nasceu no Km13. Em meados dos anos 80/90, Gilmar, Inês e o filho Jagner, residiram na casa da nona e viúva Vilma Roberti. Jagner, aqui fez a iniciação escolar e catequética. Gilmar trabalhava na terra de sua mãe em São Caetano e Inês ajudava na lavoura e em serviços domésticos para várias famílias. Transferiram a residência para o Mato Grosso, para trabalhar com Tereza Vidotte, como frentista em Posto de Combustíveis e Restaurante da mesma, onde continuam. Jagner formado em curso Superior.

- ⇒ **GUILHERME RUSCH** - Casado com Elvira Schimchak, venderam a terra em Lajeado Tigre e se transferiram para Crissiumal.
- ⇒ **ÍRIO BERTOLDI** – Nasceu aos 10/08/1957, natural Campininha – Tucunduva, filho de Ernesto e Lucinda Bertoldi. Casado com MARICELSA PIVATTO, nascida aos 22/10/1963, natural de Garibaldi, filha de Vitorino Pivatto e de Otilia Pisani. Maricelsa cursou o ensino fundamental em Rocinha, casou com Írio no dia 27/04/1985. Foram residir em Tucunduva e mais tarde, durante 10 anos, residiram próximo e acompanharam os pais de Írio. Os filhos CRISTIANO e CRISTIANE freqüentaram a escola em Rocinha. Em 2005 Írio e Maricelsa passaram residir em Rocinha próximo do primo Oscar Zucatto. Maricelsa presta serviços na Comunidade e os filhos formados trabalham na cidade. Cristiano na John Deere e Cristiane na Eletônica Líder.
- ⇒ **ISIDORO SCALABIN** - Foi um dos pioneiros de Rocinha, construiu sua morada na propriedade e desenvolveu plantio de milho, mandioca, feijão trigo de forma bem sucedida. Possuía instrumentos melhorados para o trabalho, como o virador que está exposto no salão da Comunidade. Constituiu família e faleceu no parto do quarto filho Angelin. Isidoro sofreu muito com a perda da esposa. Desgostoso com a situação perdeu a motivação de aqui continuar e com os quatro filhos retornou para junto de seus familiares. Em 1926 se desfez da propriedade, dos bens e plantações. Por um valor irrisório vendeu tudo para Festivo Benedetti que então veio de Caxias do Sul. Hoje a área é de propriedade de Renato Benedetti.
- ⇒ **JOANIM BADO** – Morou onde está família Girardi. Seus vizinhos eram Panissolo, Ferrari, Salustiano (gaiteiro) e Siríaco.
- ⇒ **JOÃO ROSSI** – casado com **Otilia Ravison**, residiu com Lino e Maiorina Roberti, atual propriedade de Dovílio Turra. Otilia e João fizeram parceria de morada, de trabalho e de ajuda por algum tempo quando, por duas vezes seguidas sua irmã Maiorina teve filhos gêmeos.
- ⇒ **JOSÉ ADAIR DOS SANTOS (PELÉ)**, filho de Venâncio Rodrigues dos Santos e de Noêmia da Rosa, por 15 anos trabalhou de posteiro em Rocinha. Casou com Nilda Ruch e tiveram 2 filhos. Separados Nilda tem mais 3 filhos e em 2006 sofreu um derrame. Vive com seqüelas e paralisia parcial no corpo. As crianças, com poucos meses, dependem do cuidado de outras pessoas. Pelé e Nilda residiram na casa antiga de Assis Turra e hoje residem em Consolata. Pelé se destacou como “jóquei”, fez sucesso nos desafios entre amigos, nos fins de tarde, apostando corridas de cavalos na cancha de estrada entre o Posto e a caixa d’água localizada na propriedade dos Compagnoni. Petraco, um “matungo” tordilho já meio desbotado, de propriedade de Assis Turra, animal muito manso, experimentado por longos anos na roça e nas mãos de muitos donos. Puxador de aradinho e de “aranha”, cargueiro de moagem para moinho, pau-prá-toda-obra e famoso por suas vitórias. Para quem o visse não passava de um cavalo de roça. Pelé explicava que o sucesso da dupla estava no bom entendimento que tinham e a conversa no pé do ouvido.
- ⇒ **JOSÉ MACIEL EBERLE** - Casado com JUREMA BARBOSA, pais da Maria Tibolla. Residiu em vários locais e entre estes na propriedade que pertenceu a Vitalino de Carli. A família era formada de 8 filhos, Leni, Izanir, Gilmar, MARIA, Mariza, Gilberto, Roberto e Rodrigo. Sempre trabalhou na roça de diarista, os filhos freqüentaram a escola e ajudavam os pais na roça ou, as moças, em serviços domésticos em várias famílias. MARIA, ainda menina, foi morar e trabalhar com a família de Inocente Tibolla, onde cresceu se enamorou e casou com Moacir Tibolla. Hoje com a família constituída, com um casal de filhos (Luan e Luana) permanecem na casa, paterna, em Rocinha
- ⇒ **LIRIO VIEIRA** - conhecido por “Lilo”, filho de Osvaldo Vieira e Onorina Pereira, casado com ODENILIA MEDEIROS, nascida em Esquina Mota - Independência. Trabalhou de empregado e residiu em diversos locais.

Logo casado integrou a comunidade de Rocinha e arredores, prestando serviço, na agricultura, na granja e comércio do Cassol, serraria e alambique de cachaça do Orlando Bonfanti. Residiu também em Lambedor, Esquina Araújo e São Miguel - Independência. Atualmente o casal, aposentado, vive em Giruá. Lilo, integrou o time de futebol da Sociedade Esportiva Rocinha, nos anos áureos de campeonatos varzeanos. Mais tarde os filhos o seguiram no esporte defendendo o time local. Filhos: Sandra, Luiz, Arlei, Vorlei e Paulo Renato. Casados: Luiz X Dulce Basso (2 filhos); Arlei X Lori (3 filhos).

- ⇒ **LÚCIA VIAL** - Viúva, residiu com os filhos próximos das fontes de águas onde hoje é propriedade do Pio Rama. Mais tarde Ernesto Benedetti comprou a terra e eles permaneceram de agregado. Felício Demboski residiu nesta propriedade também agregados do Benedetti.
- ⇒ **LUIZ ALEXI (PEZÃO)** - casado com CÂNDIDA MARTINELLI, residiu em Lajeado Bordado, próximo a família Martinelli, depois em Rocinha por diversos anos e tiveram 6 filhos, Rosa, Graciosa, Santana, Margarida e JUVELINO. As irmãs Alexi, com suas famílias residem em Nonoai e Juvelino em Três de Maio. Juvelino nasceu em Tucunduva aos 27/11/1949. Em seu primeiro casamento com Nelci Teresinha de Souza tem 5 filhos, Valdoir, Mauri, Claudinor, Caludete, Marlete, todos casados. Tem mais o filho Marcos que está com 13 anos e vive com sua mãe e conta com 8 netos. Há onze anos, reside no Bairro Guaira - Três de Maio, com Elena Domboski, 27/11/1945, natural de Tucunduva, filha de Florindo Demboski e de Carolina Gigoski, neta de Felix e Estefânia Demboski. Juvelino mais conhecido por "Pezão", por calçar tamanhos 45, trabalhou em diversos lugares na lavoura, guarda e serviços gerais na SETREM, prefeitura de Três de Maio trabalha em serviços gerais Escola Estadual Castelo Branco.
- ⇒ **LUIZ FIORENTINI, casado com MARIA**, residiram na curva a direita que depois foi propriedade dos De Carli. Na seqüência a direita residiam Vendremino, Valdomiro, Venerato, Isidoro e Vitalino De Carli.
- ⇒ **MARCELINO FURQUIM - Casado com Carmem**, residiram onde era morada dos Homerding nas margens do riacho Loro. Agregados de Claudino Andreazza. A família freqüentou a comunidade, a catequese e a escola (Geni, Iraci, Alvina Reacilda, Augusto, Jorge, Maria). Maria faleceu vítima de Hidropisia e está sepultada no cemitério de Rocinha. Geni por vários anos foi doméstico na casa de Valentim Cassol e na década de 60 transferiu residência para Horizontina, onde permanece com seus familiares.
- ⇒ **MARCELINO SCHIMCHAK** - Filho de Valentim e Teófila Schimczak, casado com VERÔNICA CECCONI, filha de Vergílio Cecconi e Tereza Brigo. Não se tem informação correta de sua procedência. Sabe-se que ambas as famílias se estabeleceram em Ijuí e anos mais tarde Marcelo se estabeleceu na localidade de Consolata. Mais tarde a clã fixou residência numa área de terra adquirida, no quilômetro 10 Três de Maio. Dedicou-se a atividade agrícola e formou a família com cinco filhos ROSÁLIA, NATALIA, ANTÔNIO, ORLANDO e ELVIRA. Vítima de Tifo e outras complicações, Marcelo faleceu com 30 anos de idade. Verônica viúva, muito jovem e com 5 filhos, casou novamente com o viúvo João Vione, formaram uma nova família e com novos filhos.
- ⇒ **MAXIMO DAVICCI** - Italiano que veio de Caxias, solteiro. Parou e trabalhou com Liberato Corso na década de 70. Casou com Eva Leite e depois voltou para sua região de origem.
- ⇒ **NICO E NICOLETA** - Pais de Artur, João e José (Juquinha) residiram onde residiu o Valdomiro, Vitalino, José Zucatto, Jorge Marafiga e por último José Maciel Heberle. Por fim passou a residir na propriedade de Alberto Benedetti em Beato Anchieta. Nico era tocador de gaita de oito baixos. Na década de 90, mãe e filhos, transferiram residência para Vila Operária - Tucunduva, onde Nica faleceu.

- ⇒ **PEDRO LUIZ BOTTOM** - nasceu em São Roque aos 29/07/1966, casado com Neusa Woiciechoski, nascida aos 11/12/1968. Neusa, filha de Jorge e Edília Zamberlan, neta da *espanhola* Carmem Idalgo, do *polonês* José Woiciechoski e dos *italianos* Serafim Zamberlan e Vitória Quaini. Pedro é descendente de imigrantes italianos que chegaram a São Paulo e mais tarde ao Rio Grande do Sul. Antônio e Palmira, casados tiveram 8 filhos, entre eles José Luiz Bottom, pai de Pedro, atuou durante 35 anos como professor de Ensino Rural Municipal. José Luiz Botton se casou com Sueli da Silva, natural de Cachoeira do Sul e tiveram os filhos PEDRO e Janete. Pedro cursou o Ensino Fundamental em Rocinha e desde cedo interessou por mecânica. No recreio da escola aproveitava para chegar até a oficina de propriedade de Olmes Peripolli e observar quando não mexia. No ano de 1988 começou como aprendiz na referida oficina, fez alguns cursos de aperfeiçoamento e continua até os dias atuais nesta profissão, como competente funcionário do Peripolli. Pedro e Neusa se casaram aos 27/05/1989 e passaram a fazer parte da Comunidade de Rocinha. Atuam no esporte, copeiro, açougue, catequista, prestação de serviços domésticos para algumas famílias da comunidade local. Não possuem filhos.
- ⇒ **PEDRO RIBOLI** – Casado com Genoveva, residiu em Rocinha por algum tempo e se dedicou ao comércio e agricultura. Cedeu parte de sua morada para a família de Wilibaldo Homerding, como agregados no trabalho da roça. O casal teve seis filhos, alguns colegas de aula de Maria Segatto. Pedro faleceu em 1934 e a viúva trocou esta colônia com Pedro Compagnoni, propriedade que atualmente pertence a viúva Lúcia Compagnoni, por duas colônias em Santa Catarina para onde se transferiu.
- ⇒ **RUDI ALEBRAND** - Formou família com Lucila Roberti. Residiu com a tia-avó, viúva Vilma Roberti. Em Rocinha nasceram três filhos que foram batizadas na igreja católica, embora os pais fossem Evangélicos, participaram da comunidade católica local. Trabalhou no posto de combustíveis onde Nilvo Ludwig, Pereirinha e Pelé eram colegas. Posteriormente residiu e trabalhou com oficina mecânica em Três de Maio.
- ⇒ **SILVIO VANZAN – Casado com LURDES MARIA PEDÓ**, residiram por pouco tempo com a viúva Vilma Roberti, em Rocinha. Filhos: Airton, Tati, Iza e Raquela (gêmeas) e Jaime. Transferiram-se para Horizontina. Uma das filhas vive com Mario Dallemolle no Km13.
- ⇒ **VELHO MAMBUCA** - Considerado o primeiro morador nativo encontrado pelos colonizadores, parente dos Carapeva, residiu nas proximidades da atual residência de Antoninho Benedetti. Quando o velho Mambuca faleceu foi envolvido numa esteira de taquara, carregado com uma vara por duas pessoas um na frente e outro atrás. Dóvilio Turra foi testemunha, lembra deste fato e diz que era a forma de carregar os mortos. Foi enterrado no cemitério antigo situado atrás do prédio da FAG.
- ⇒ **VENÂNCIO - filho de “Castorino”**, 1943- 1977, casou com Noêmia, filha de Augusto da Rosa e Brulina de Oliveira. Augusto e família residiam próximos de Antônio Castorino. Venâncio e Noêmia residiram na antiga morada de Olinto Zucatto em São Caetano, depois na terra do Padoim e por fim, com os pais doentes, residiram onde atualmente Noêmia reside. Tiveram seis filhos: Gomercindo, JOSÉ ADAIR, (o Pelé), Marli de Fátima, Beatriz, Natalino, Pedro Roque. Participaram da Comunidade de Rocinha até 1963. A mãe Noêmia, lembra que “José Adair sofreu muito ainda criança, está vivo por milagre e as promessas feitas por ele com muita esperança”. Pobres não podiam fazer uma cirurgia de hérnia que se complicava cada vez mais, passou por cirurgia de alto risco com ajuda de pessoas. Venâncio morreu aos 34 anos em consequência de acidente com trator. Mais tarde Noêmia passou a conviver com Luiz Tempes e tiveram os filhos Adriano e Fabiane. Luiz Tempes, conhecido por “Dengo” filho de Adília Gomes de Brum, foi criado por Helena Tempes, solteira, da qual herdou o nome e guarda. Helena conviveu com o Dengo até morrer e está sepultada no cemitério de Beato Anchieta.
- ⇒ **VIVALDINO FORTE** – Residiu na casa que era de Ernesto Cassol. Pai de moças bonitas, homem valente e quando bebia botava a mulher e filhas para correr de casa. Estas se refugiavam na casa de Antônio Padoim.

Venceu a aposta e um garrafão de vinho de Pedro Compagnoni no desafio de suspender com a força dos braços a carroça com as duas vigas de Ipê verde com 40 cm de diâmetro, 6 metros de comprimento, pesando mais de 500 kg, destinadas a construir Cruz do cruzeiro. Quando Liberato comprou a propriedade do Cassol, Antônio Forte mudou de residência para Pitanga e depois para Goiás. Segundo ele “não queria ver seus filhos morrer de fome”.

FAMÍLIAS A RESGATAR A HISTÓRIA

Os nomes adiante são pessoas ou famílias lembradas que residiram em Rocinha, sem informações.

⇒ Adão Ramos, Alfredo Tomasi, Francisco Andrade, Oscar Alves da Luz, Antônio Leite, Pedro Adoryan, Belarmino Cecconi, Eulália Casagrande, Binichesi (ferreiro), José Borjoski e Geni Rodrigues, João Bankevis e Ana Rigotti, Fortunato Baldissera, José e João Bado, Julio, Aurélio e Francisco Belom, Artur Borba (mecânico e ferreiro) Boles Richter, Domingos Gomes, Setembro Dutra, Campina, Campanholo, Professora Onorina Cassol, Pedro e Jorge Correa, Abel Colossi (comércio antes da Tecidos Buricá), Balduino Cecconi e Olália Casagrande, Diamantino Campos, Adão Jorge Correa, Clementino e Neiva (Cotrimaio), Comim, Setembro Dutra, Francisco e Antônio Dembogurski, Fortunato Baldissera, Julio Refatti, Garbaldi Martinelli, Zoni Griebler, Guilherme Rusch e Elvira Schimchak, Valdir Hermes e Lurdes Benedetti, Guerino Izolan, Albino e Leopoldo Ivanoski Albino, João Godoi, João Bankewis, Alfredo Juliani, Julio Luiz Ludwig, Nilvo, Modesto Martinelli, Danilo e Celi Massuda, Laurindo e Jorge Marafiga, Nino Maronez, Francisco, Aníbal, Dante, João Nunes, Professor Otacilio, Emilio Pavlak, Rubens e Teresinha Kolls, Olimpio Rasia (telhado da capela), Celito Rosinke, Teobaldo e Vasco (ferreiros e mecânicos), Casemiro e Emília Sapieginski. Julio Vargas, Waldemar e Marina Navarini, João Batista Venturini João Batista, Bernardo, João e Marcela Verdum, (1ª parteira), Professor Estefano Wastowski, Nelson Peter e Diva Drey, Augusto Brito, Nino Maronês (filho residente em Horizontina), “Pisca” (pai do Jaci e avô do Vilsinho), Jaci Rodrigues e Marina (filhos Tadeu, Tatiane e Adriane), Dirceu Pereira e Eva Correia, Fernando Heitos X Vitória (filhos Atílio, Otilia, Leni, Claudete) Albino Altíssimo x Maria Maitus e Filhos (Marlene, Neli, Nelcir e “Rola”), Vilson Turra e Vera da Rosa, Francisco Tolfo e Ofélia Albarello